

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE ANÁPOLIS – CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E
HUMANAS – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* INTERDISCIPLINAR EM
TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO

ROBERTA STEWARD

**TRADIÇÃO, DEVOÇÃO E SINDICALISMO NAS FOLIAS DE
PETROLINA DE GOIÁS (2015-2024)**

ANÁPOLIS

2024

ROBERTA STEWARD

**TRADIÇÃO, DEVOÇÃO E SINDICALISMO NAS FOLIAS DE
PETROLINA DE GOIÁS (2015-2024)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar. Linha de pesquisa: Patrimônio e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Idelma V. D'Abadia
Coorientador: Prof. Dr. Haroldo Heimer

ANÁPOLIS

2024

ROBERTA STEWARD

**TRADIÇÃO, DEVOÇÃO E SINDICALISMO NAS FOLIAS DE
PETROLINA DE GOIÁS (2015-2024)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Patrimônio e Expressões Culturais no Cerrado, no dia 06 de setembro de 2024 para a banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia
(Presidente da banca e orientadora – PPG-
TECCER/UEG)

Prof. Dr. Haroldo Heimer
(Coorientador – PPG-TECCER/UEG)

Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira
(Avaliador interno – PPG-TECCER/UEG)

Prof. Dr. José Henrique Rodrigues Machado
(Avaliador externo – PROMEP/UEG e
SEDUC-GO)

Profa. Dra. Maria de Fátima Oliveira
(Suplente interna – PPG-TECCER/UEG)

Prof. Dr. João Guilherme da Trindade Curado
(Suplente externo – SEDUC-GO)

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

St STEWARD, ROBERTA
TRADIÇÃO, DEVOÇÃO E SINDICALISMO NAS FOLIAS DE
PETROLINA DE GOIÁS / ROBERTA STEWARD; orientador MARIA
IDELMA VIEIRA D'ABADIA; co-orientador HAROLDO HEIMER.
-- ANAPOLIS, 2024.
157 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Acadêmico em Territórios e Expressões
Culturais no Cerrado) -- Unidade de Anápolis - CSEH -
NELSON DE ABREU JÚNIOR, Universidade Estadual de Goiás,
2024.

1. A pesquisa demonstra contextos de devoção,
tradição, saberes, sabores, nas Folias de Reis e na
Folia do Divino Pai Eterno em Petrolina de Goiás.
Porquanto a celebração desses festejos adquire
características próprias, com forte apelo às suas
origens rurais e se manifestando em grande diversidade,
conforme as características de cada região de fazenda
dentro do município. Assim folias continuam
resistentes mesmo lidando com mudanças no espaço e no
tempo, sendo que os seus grupos de foliões estão
inseridos e girando no campo e na cidade, pois a Folia
do Sindicato surge na cidade e vai ser girada no
Campo.. I. VIEIRA D'ABADIA, MARIA IDELMA, orient. II.
HEIMER, HAROLDO, co-orient. III. Título.

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos 06 dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro, a partir das 14:30horas, na sala 101 da UnuCSEH – Nelson de Abreu Júnior, em formato **híbrido**, realizou-se a sessão de julgamento da dissertação da discente **ROBERTA STEWARD**, intitulada **“TRADIÇÃO, DEVOÇÃO E SINDICALISMO NAS FOLIAS DE PETROLINA DE GOIÁS (2015-2024)”**. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores: Dra. Maria Idelma Vieira D’Abadia (Orientadora), Dr. Haroldo Reimer (Coorientador), Dr. José Henrique Rodrigues Machado (Examinador Externo), Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Examinador Interno). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo discente e sua orientadora. Em seguida a Banca Examinadora reuniu-se, em sessão secreta, atribuindo ao discente os seguintes resultados.

Dra. Maria Idelma Vieira D’Abadia (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 MARIA IDELMA VIEIRA D ABADIA
Data: 13/09/2024 18:44:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(X) aprovado () reprovado.

Assinatura _____

Documento assinado digitalmente
 HAROLDO REIMER
Data: 12/09/2024 11:05:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Haroldo Reimer (Coorientador)

(X) aprovado () reprovado.

Assinatura _____

Documento assinado digitalmente
 JOSE HENRIQUE RODRIGUES MACHADO
Data: 12/09/2024 11:26:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. José Henrique Rodrigues Machado (Examinador Externo)

(X) aprovado () reprovado.

Assinatura  _____

Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Examinador Interno)

(X) aprovado () reprovado.

Assinatura _____

Resultado Final: (X) aprovado () reprovado.

Observações:

Após análise a banca recomenda fazer a revisão textual completa do texto para o depósito final no banco de teses e dissertações do Programa TECCER.

Reaberta a sessão pública, a Orientadora proclamou o resultado e encerrou a sessão às 17:40 horas, da qual foi lavrada a presente ata que vai ser assinada por mim secretário, discente e pelos membros da banca examinadora supracitada.

Secretária: Angelita Laura da Silva



Documento assinado digitalmente
ROBERTA STEWARD
Data: 16/09/2024 15:46:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Discente: _____



Documento assinado digitalmente
ELIEZER CARDOSO DE OLIVEIRA
Data: 12/09/2024 14:32:30 0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Esta pesquisa foi sonhada e realizada,
dedico a Deus e aos meus diletos pais
Roberto Steward Filho (*in memoriam*) e
Maria de Lourdes Siqueira Steward, que
me concederam o dom do diálogo, do
amor e da vida.

Minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Saliento que é difícil agradecer a cada uma das pessoas que me auxiliaram nesse caminho, pelo qual percorri por alguns anos como pesquisadora. Sendo que foram muitas mãos que me ampararam durante esse trajeto, o percurso foi um tanto sinuoso, com vários desdobramentos. Entretanto, o desejo de concluir foi maior, agora o sentimento de dever cumprido é repleto, vai perdurar pela vida afora.

Desse modo, não posso mencionar nomes, de forma nenhuma das pessoas que me auxiliaram na pesquisa, pois são várias e não desejo ser injusta. Começo a agradecer aos foliões e mestres de folia, pessoas de minha cidade Petrolina de Goiás que se dispunham a contar os casos, a informar os rituais sagrados de uma folia, aqueles donos da festa que sempre me receberam com entusiasmo e alegria em sua morada. São inúmeras pessoas das quais procurei e foram receptivas em me ajudar sendo que fica difícil mencionar cada nome.

Aos amigos do programa de pós-graduação pelas discussões literárias, por me fazer ver o contexto metafórico em determinados momentos vocês são muito importantes. E ainda aqueles amigos professores que tanto me ajudaram com indicações de leituras e a paciência em estar comigo nos breves momentos de discussão sobre renomados autores das ciências sociais.

Professores do TECCER, e coordenadores do programa de pós-graduação TECCER, bem como a minha orientadora Maria Idelma Vieira D'Abadia, que tanto me ensinou e mostrou o caminho desta conquista, me colocou a frente de Congressos e me deixou voar e alcançar os sonhos, minha gratidão sempre.

E por último quero agradecer a minha família pelo apoio e pedir desculpas pela ausência, foram vários momentos isolada, para que essa dissertação findasse, a mamãe pelo apoio incondicional, Vivian e Mariana esse título também compartilho com vocês meus amores.

RESUMO

Esta pesquisa pretende demonstrar como estão relacionados os contextos de devoção, tradição, saberes, sabores, nas Folias de Reis e na Folia do Divino Pai Eterno em Petrolina de Goiás e encarar as manifestações culturais e religiosas no interior de Goiás. A celebração desses festejos adquire características próprias, com forte apelo às suas origens rurais e se manifestando em grande diversidade, conforme as características de cada região de fazenda dentro do município. A tradição e devoção das Folias no Município de Petrolina de Goiás abordam fatos históricos do surgimento da cidade, adentrando na formação do povoado e posteriormente as famílias que inseriram as tradições e rituais da folia, perfazendo um roteiro de diversas festas dentro do município. Desse modo as folias continuam resistentes mesmo lidando com mudanças no espaço e no tempo, sendo que os seus grupos de foliões estão inseridos e girando no campo e na cidade, pois a Folia do Sindicato surge na cidade e vai ser girada no Campo. Ao ressaltar a folia do Sindicato Rural, ou seja, Folia do Divino Pai Eterno e a importância do homem campestre na elaboração desta folia do município, ressaltam-se também suas rezas e as trocas permeadas dentro do universo rural com a preparação dos festejos através da sociabilidade do ato de partilhar os sabores dos alimentos, a comunhão e a dádiva. A memória dos bons sabores do passado serviu para que essas cozinheiras consolidassem as receitas passadas pelas gerações. Receitas essas que ficam guardadas por vários anos sobrevivendo dessa forma viva os costumes essenciais para que a festa não se acabe. A comida vai acalentar e ressignificar novas estruturas dentro da integração na sociedade. Assim sendo o alimento tem uma função social que agrega esta sociedade campestre, uma vez que as trocas de doações destes para quem oferece os almoços e pousos são relevantes para a construção da festa e a base da solidariedade, e a folia vem acontecendo por causa desse viés identitário de tradição, devoção e simbologia.

Palavras-chave: Folias; Devoção; Sabores; Sindicato Rural; Tradição.

ABSTRACT

This research intends to demonstrate how the contexts of devotion, tradition, knowledge, flavors are related in the Folia de Reis and in the Folia do Divino Pai Eterno in Petrolina de Goiás and face the cultural and religious manifestations in the interior of Goiás. The celebration of these Festivities acquires its own characteristics, with a strong appeal to its rural origins and manifesting itself in great diversity, according to the characteristics of each farm region within the municipality. The tradition and devotion of the Foliás in the Municipality of Petrolina de Goiás address historical facts of the city's emergence, delving into the formation of the town and later the families who inserted these traditions and rituals of the revelry, making up a route of various religious festivals. In this way, the revelries remain resistant even dealing with changes in space and time, and their groups of revelers are inserted and rotating in the countryside and in the city, because the Folia do Sindicato arises in the city and will be rotated in the countryside. When highlighting the revelry of the rural union, that is, Folia do Divino Pai Eterno, the importance of the peasant man in the elaboration of this revelry within the municipality, their prayers and the exchanges permeated within the rural universe with the preparation of the festivities through the sociability of the act of sharing the flavors of food, communion and gift. The memory of the good flavors of the past helped these cooks consolidate the recipes passed down through generations. These recipes are kept for several years, surviving in this way alive with essential customs so that the party never ends. Food will nourish and reframe new structures within integration into society. Therefore, food has a social function that brings together this peasant society, since the exchange of donations from these to those who offer lunches and landings are relevant to the construction of the party and is the basis of solidarity, the revelry has been happening because of this identity of tradition, devotion and symbolism. Therefore, food has a social function that aggregates this peasant society, since the exchange of donations from these to those who offer lunches and landings are relevant to the construction of the festival and the basis of solidarity, and the revelry has been happening because of this identity bias of tradition, devotion and symbology.

Keywords: Revelry; Devotion; Flavors; Rural Union; Tradition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do município de Petrolina de Goiás	27
Figura 2	Igreja antiga de Santa Maria Eterna	28
Figura 3	Bandeira e o Brasão	30
Figura 4	Documento de autorização de funcionamento do Ginásio Santa Maria Eterna de Petrolina de Goiás em 1967	31
Figura 5	Atual Matriz de Santa Maria Eterna	33
Figura 6	Capela do Divino Pai Eterno	37
Figura 7	Altar na Fazenda Barreirão	41
Figura 8	Os Arcos da Folia na Fazenda Boa Vista	44
Figura 9	O presépio, Folia de Reis Fazenda Boa Vista	47
Figura 10	O presépio e as luzes na Folia, Fazenda Cachoeira	48
Figura 11	Capela de Santa Luzia na Fazenda Forquilha	50
Figura 12	A sanfona e o violão na folia do Sindicato	54
Figura 13	As duas bandeiras, no altar, Fazenda Samambaia	55
Figura 14	O palhaço, na Fazenda Cachoeira	57
Figura 15	Capela de Nossa Senhora da Guia, Fazenda Samambaia	59
Figura 16	Documento de registro da Folia do Sindicato e Acervo deste	71
Figura 17	Chapéu utilizado na Marcha das Margaridas, pelas trabalhadoras rurais em agosto de 2023	73
Figura 18	Marcha das Margaridas, ago. 2023 – Brasília – DF	78
Figura 19	Desfile de carros de boi, da II Festa dos Carreiros em Petrolina – GO	85
Figura 20	Construção da cozinha na Fazenda cachoeira	87
Figura 21	Entrega da Folia do Sindicato na Fazenda Barro Preto	90
Figura 22	A mesa do café da manhã	94
Figura 23	As coroas dos festeiros nas folias	95
Figura 24	A vestimenta de cor vermelha e seus acessórios	96
Figura 25	A cor das flores na roupa dos festeiros, Fazenda Barreirão	97
Figura 26	Programação da Folia do Divino Pai Eterno, jun. 2019	98
Figura 27	Programação da Folia do Divino Pai Eterno, mai. 2023	98
Figura 28	Programação da Folia do Divino Pai Eterno, mai. 2024	99
Figura 29	Café da manhã saída da Folia, mai. 2024	100

Figura 30	O Altar com Fotos	101
Figura 31	A comida de Folia	102
Figura 32	Fazenda Barreirão, os alimentos antes de serem preparados	109
Figura 33	A tradição do preparo do Tutu de feijão	111
Figura 34	A toucinho de porco transformado em torresmo	114
Figura 35	A carne de panela e pelotinhas fritas para pousos de folia	117
Figura 36	A capela de Santa Rita de Cássia - Povoado de Veniápolis	119
Figura 37	O preparo das batatas	120
Figura 38	O corte e preparo da guariroba	122
Figura 39	A fritura da Almôndega de Carne Moída	124
Figura 40	O prato de polenta, carne e batatas	126
Figura 41	A lida na comida na roça	127
Figura 42	Doces variados da Folia	129
Figura 43	Fazenda Barreirão, Barraca de Bambu	130
Figura 44	A mesa posta e a fartura da Folia do Sindicato Rural	135
Figura 45	A fartura da comida na Folia de Reis	137

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO	12
1 A TRADIÇÃO DAS FOLIAS NO MUNICÍPIO DE PETROLINA DE GOIÁS	24
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O MUNICÍPIO DE PETROLINA DE GOIÁS	25
1.2 A DINÂMICA DA FESTA E SEUS RITUAIS	35
1.3 LUGARES DA FESTA: OS GIROS	43
1.3 EMBAIXADAS, COM SUAS PROSAS E VERSOS	50
1.5 FOLIÕES OU PAGADORES DE PROMESSAS: OS DEVOTOS DAS FESTAS	60
2 O SINDICATO RURAL E OS RITUAIS DA FOLIA DO DIVINO PAI ETERNO EM PETROLINA DE GOIÁS	66
2.1 O SINDICATO RURAL COMO INSTITUIÇÃO LAICA	67
2.2 TROCAS PERMEADAS DE SOLIDARIEDADE E O LABOR DO LAVRADOR	79
2.3 OS TRABALHADORES RURAIS E SUAS REZAS: O CULTO AO DIVINO PAI ETERNO	86
3 OS SABORES DOS FESTEJOS DAS FOLIAS EM PETROLINA DE GOIÁS	105
3.1 A MEMÓRIA DA COMIDA NOS PARTICIPANTES DAS FOLIAS	107
3.2 TECENDO OS SABORES: A FESTA E A ARTE DE COZINHAR	118
3.2.1 As receitas de comidas e seus modos de preparos nas folias de Petrolina de Goiás	119
3.3 A SOCIALIZAÇÃO NA FOLIA: A FARTURA E A PARTILHA	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
AGRADECIMENTOS E LOUVORES	143
REFERÊNCIAS	144

INTRODUÇÃO

“A festa, quando soleniza a passagem e comemora a memória, demarca. A vida passa, passamos. Tudo muda, e tudo é o mesmo: mudamos, somos agora o que não éramos ainda, mas somos os mesmos, diversos: ao mesmo tempo um outro e eu” (Brandão, 1989, p. 4).

Ao abordar o que vem a ser festa e como ela vai restabelecer os laços daquela sociedade que a festeja, o ato de solenizar a festa ou de perquirir quem vai participar da festa, seus símbolos, suas representações, estão em constante construção, mas ainda evocadas em um elo, que corrobora que é um ato da vida previsível se revivido com afeição e com sentido.

Neste estudo, pretende-se analisar a tradição das folias no município de Petrolina de Goiás e a participação da sociedade no catolicismo popular por meio dos saberes e rituais, as performances das identidades que os foliões vêm tecendo, sendo que a cada ciclo esses festejos renovam a fé dos seus devotos fortalecendo os laços de solidariedade. A pesquisa busca entender o motivo das promessas, ou seja, o que geralmente é prometido por uma pessoa da família e será executado naquele instante para abrigar os foliões.

As folias da zona rural surgiram juntas com a formação do município, quando várias famílias de Minas Gerais a maioria da região de Patos de Minas, vieram para Petrolina de Goiás, isso na década de 1940, sendo que nessa ocasião eles compraram as fazendas na região da Boa Vista e Barreirão e começaram com a prática desses festejos.

No início era somente as famílias que participavam das folias, eram grupos bem seletos. Esse grupo foi passando de pai para filho, netos e hoje toda a comunidade rural das fazendas, fazem questão de participar desses festejos. Todavia a resistência dos grupos de foliões foi abrangendo todo o território, em 1975 veio para a cidade, uma folia de Santo Reis que gira até hoje. Ela se solidificou também na cidade e a data que ela gira é sempre no dia de Santo Reis.

Desse modo o trabalho busca analisar como essas manifestações culturais das folias de Petrolina de Goiás, a de Reis que ocorre em vários períodos durante o ano, em inúmeros lugares, no campo e na cidade, como a Folia do Divino Pai Eterno que acontece seus festejos desde 2015 nos meses de maio institucionalizada dentro de um Sindicato Rural.

As folias têm um modo bem dinâmico, influenciam na vida social dessa comunidade campestre, principalmente na função histórica, pois, elas compõem uma tradição cultural no município e ressalta os laços sociais que vêm sendo celebrado há mais de sete décadas por um povo que tecendo possibilidades de interação e o aprendizado dos costumes que partilham.

A festa se constitui como um acontecimento de efeito social identificador, pode-se compreender que ela restabelece laços. Uma manifestação social da festa que reconhece o sujeito político e social como protagonista da festa. De acordo com Brandão (1974) a festa é um tipo de ritual e os limites do ritual podem ser alargados a todas as ações que objetivam e produzem comunicação social.

Na tradição goiana, a celebração da Folia de Reis e de outros Santos, adquire atributos próprios, com forte apelo às suas origens rurais e se manifestando em grande diversidade, conforme as características de cada região. É nestas particularidades que a pesquisa pretende se deter, buscando descrever e compreender a identidade do folião e suas motivações para se dedicar a esta prática religiosa, que envolve todos os participantes reforçando os laços destes com o grupo ao qual pertencem e promovendo interação e práticas compartilhadas.

Os principais personagens são os foliões, grupos de pessoas, geralmente homens, caracterizados por símbolos devocionais que, conduzidos por um líder cerimonial, chamado de capitão, guia ou embaixador de folias, realizam uma peregrinação e desempenham um conjunto de performances rituais, revivendo em cantos e versos a saga dos Santos Reis referente ao nascimento à perseguição do Cristo recém-nascido.

Além dos foliões, os devotos em geral comemoram a data com o pagamento de promessas, participando dos giros às casas de amigos e de outros devotos de uma determinada localidade, assumindo obrigações específicas e, às vezes fazendo sacrifícios, para cumprir os votos anteriormente feitos com objetivo de obter alguma graça. Como o alicerce de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos, deve essencialmente haver um certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, apesar da diversidade de formas que tanto umas como outras puderam revestir, tem sempre a mesma acepção objetiva e desempenham por toda parte as mesmas funções.

No entanto a secularização da sociedade brasileira, vai se desdobrando e transferindo os valores, os rituais símbolos e poderes de uma esfera propriamente dita, religiosa como para outras esferas com códigos e locuções, tudo vai percorrendo por uma evolução nítida, dentro dessa coletividade. A comunidade através das gerações vem tecendo as redes de trocas entre pessoas que configura a própria essência da festa popular no Brasil são elas repletas de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, e a comunidade partilha, das mesmas crenças religiosas, constituindo cimentos sociais muitos sólidos, conforme destaca Claval (2007).

Ademais a comunidade vai criando vínculos e desempenhando papéis como o auxílio mútuo. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, ou até mesmo

pelo reconhecimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da bênção celestial. Contudo o sociólogo francês Mauss (2003, p.71), salienta que “essas trocas e esses contratos arrastam no seu turbilhão, não só os homens e as coisas, mas também os seres sagrados que lhes estão mais ou menos associados”. No entanto esses foliões que participam ativamente dos festejos acreditam na intercessão dos Santos, fazem as promessas e as renovam a cada ciclo, mantendo a devoção e respeito àquele ritual, demonstrando o relacionamento baseado na solidariedade que assume um sistema de cooperação entre os trabalhadores rurais suas trocas de trabalho nas fazendas da região, porém isso ocorre tanto no campo como na cidade.

A motivação que levou essa pesquisadora a estudar as folias em Petrolina de Goiás aconteceu gradativamente, por ser assessora jurídica em um sindicato rural no município e participar das folias, em conjunto com esses associados. Todavia no decorrer dos anos fui percebendo que a sociedade petrolinense se envolve muito nos festejos religiosos, nas folias do sindicato e nas demais também o número de pessoas vem aumentando, no decorrer dos anos.

Diante disso, ao vê-las acontecerem de uma forma amistosa, sendo que a cada ano queria estar mais inserida naquele meio, com conversas sobre os giros, os rituais e símbolos, foram me deixando próxima daquelas cerimônias. E por consequência, cada vez gostando mais de entender e aprender a praticar esses costumes com a sua comunidade rural, pois os foliões e mestres de folia são em maioria trabalhadores rurais.

A humanidade inventou gestos simbólicos e os ritualiza no ensaio de se comunicar com a divindade, criando assim rituais sagrados. O rito propicia manter vivos os elementos que explicam a origem divina dos seres, ou seja, ritualizando a crença no sagrado. Sobre essa tradição inventada Machado (2023) destaca sua percepção sobre o que vem a ser invenção:

[...] é podido observar que as folias nascem da invenção do povo em querer suprir uma inquietude, até metafísica, que os permeia, e justamente aí passam a oferecer suas contribuições em suas relações em suas diversas comunidades e nas diferentes culturas em que se inserem (Machado, 2023, p. 20).

De tal modo que o estudo aqui proposto busca fornecer dados e abarcar as festas religiosas, os ritos, as celebrações bem como, outros eventos como danças, músicas, comidas e bebidas são a simbolização de um acontecimento, cujas representações e imagens viabilizam o reconhecimento de ações pautadas nas diferentes formas de expressão, bem como o envolvimento com o sensível, com a coletividade, com as crenças, com o saber empírico e mítico, sendo estes de suma importância para a comunidade festeira.

Contudo o território goiano possui diversas identidades que compõem um quebra cabeça em constantes construções e revitalizações e como as tradições culturais, as Folias que aqui vêm sendo pesquisadas, permanecem concretas e praticantes na contemporaneidade. Conforme ressalta Veiga (2020), essa identidade goiana pode ser evidenciada da seguinte forma:

A identidade goiana (ou goianidade, como preferem seus entusiastas) se evidencia na sociedade em festa. O culto ao exagero, a hipérbole como forma de expressão, a vocação para as distâncias, o gosto por celebrações, a devoção religiosa, a comensalidade e a hospitalidade são alguns dos valores fundamentais dessa sociedade tipicamente ruralista (Veiga 2020, p. 21).

As tradições goianas e suas festas têm características distintas na devoção religiosa, principalmente quando a população rural quem celebra, pois gosta de celebrações intensas repleta de rituais, com grande acolhida e muita fartura na partilha dos alimentos. Como o alicerce de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos, deve essencialmente haver certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, apesar da diversidade de forma que tanto umas como outras puderam revestir, tem sempre a mesma acepção objetiva e desempenham por toda parte as mesmas funções.

Todavia a aparência exerce um importante papel na formação de nossa identidade, que está presente no nosso imaginário e é transmitida, fundamentalmente, por meio da cultura. A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material.

A concepção de identidade abandonaria, portanto, a ideia de uma unidade identitária do sujeito ou da sociedade. Isto seria decorrente, sobretudo, de fatores como a crise dos princípios, tradições e projetos ou dos valores modernos, fundamentados na razão, no progresso contínuo, nos modelos ideais de cultura, sociedade e sujeito, no entanto, nessa linha de pensamento, destacamos Hall, conclui que:

A identidade toma-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2004, p. 12-13, grifos do autor).

É importante avultar que o ser humano é um ser em construção, sendo que a essência humana é social. Nesse sentido há um movimento social em torno da festa, garantindo que a festa não se acabe, as tradições não se percam e resgatando os costumes rurais de outrora, o que ressignifica os rituais. De acordo com Hall (2004) sobre o conceito de representação é motivada pela investigação sobre a forma como se constroi, os significados culturais têm efeitos reais e regulam práticas sociais. O conceito do significado faz parte do senso de nossa própria identidade, através da sensação de pertencimento.

A cultura pode ser percebida como o fruto do desempenho humano na história e está em mutação constante, além de ser influenciada por valores que se consolidam em tradições que são transmitidas de geração em geração esse fator mobiliza cada um dos foliões que tem o empenho em transmitir no próprio cotidiano de vida, o conhecimento cultural produzido e trocado. As festas religiosas em Goiás têm uma relação cultural muito forte, porquanto as festividades testemunham a experiência individual e coletiva da identidade de um povo desenvolvendo e reafirmando seus valores.

D'Abadia (2014, p. 24) afirma em seus estudos sobre festas de padroeiros em Goiás que elas são

Determinadas festas são vistas como paisagens constituídas por uma densa tessitura em que se amalgamam os tempos sagrado e profano, a forma dos ritos herdados de cada período histórico. Muitas festas elaboram-se entre a dialética dos conteúdos daquilo que permanece e renovam-se nas representações da religião, da fé e da identidade de cada indivíduo e de sua construção coletiva. Todo esse conjunto revela-se por aspectos de rugas históricas deixadas do passado e ressignificadas no presente.

Neste sentido, ressaltar a vida das pessoas e as suas identidades, que vivem das tradições culturais de realizar uma Folia de Reis e como lidam com a musicalidade e as preces que cantam com tanta devoção, os símbolos religiosos. Por isso as identidades são características de grupos sociais típicos e identificados pela sua maneira de viver em relação com o mundo, com experiências historicamente culturais que são parecidas, contudo em constantes modificações.

A cultura é como uma lente através do qual um homem vê o mundo, o sistema cultural está em mudança e é preciso estar atento a essas transformações para não cometer situações preconceituosas às expressões sociais são enigmáticas. Ou seja, é um conjunto de significados transmitidos historicamente, ajustados através de símbolos que se solidificam em comportamentos, assim pode-se entender que, as folias têm seus significados, suas expressões próprias e são passadas de gerações.

As folias têm uma magia ou ação simbólica. E, o símbolo, veículo de comunicação, é uma linguagem proposta por Mauss (1950), na qual a sociedade fala, pela magia, acomodando as palavras em um poder mágico assumindo funções como princípio essencial que explica a força das coisas, dos atos e das representações mágicas. No entanto, assimilado à lógica da cultura não como sua fantasia, mas como a necessidade de compor umas para outras esferas de trocas, que nem por serem mais emotivamente simbólicas deixam de ser tão socialmente rurais.

Todavia a cultura reverencia tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação. Esse é o significado moderno do conceito que passa a ser assumido, notadamente através dos séculos, acoplado ao desenvolvimento de teorias científicas sobre a vida e a sociedade e passa a abordar a totalidade das características de uma realidade social. Ao destacarmos a concepção de cultura que se refere ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo, assim como às maneiras como eles existem na vida social. A cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social. Portanto, se desdobrando aos saberes e às práticas culturais e aos sistemas organizacionais, a folia e seu referencial estão dentro de um ritual que incide em várias etapas.

Com início na chegada da residência, através dos cantos em trova, há o pedido de pouso, com versos rimados, improvisados, que após saudação aos donos da casa ou fazenda, aguardam pela resposta dos donos da casa, que pegam a bandeira, símbolo norteador das ações da folia. Cada uma vai representar um santo específico como por exemplo a Folia do Sindicato Rural acontece sempre na última semana do mês de maio, que antecede ao pentecostes, a devoção ao Divino Pai Eterno, fez com que os rituais e celebrações se abarcasse junto aos Trabalhadores Rurais de Petrolina de Goiás.

Contudo, grande parte dos filiados do Sindicato Rural são devotos e cumprem as promessas participando efetivamente dos pousos, preparando e recebendo em suas casas a sagrada Folia preservando a identidade cultural e a memória, que vem a ser um patrimônio cultural daquela sociedade. Nesse contexto questionamos como um sindicato rural se apropria para elaborar uma festa religiosa? Como uma entidade laica, representante dos trabalhadores rurais, vai buscar na comemoração de uma folia? Em que ponto se estão as modificações que inserem valores à memória oral, efetivada pelos anciões e a identidade festiva das folias? Como será abarcada através de gerações futuras?

Parte-se da hipótese que ressalta a tradição das folias e como a identidade festiva tendo como fundamento o resgate das memórias, pois a festa enquanto ritual de celebração é elemento transformador e gerador de memória e identidade. Outro ponto de ênfase em Petrolina

é o ato de oferecer a comida, trabalhar para elaboração da folia, isso sempre de forma gratuita. O aprendizado das trocas de trabalho entre os foliões, os trabalhadores rurais e suas formas de pagar as promessas, pelas escassas chuvas para a colheita da lavoura, ou da ordenha do gado.

Para tanto, serão demonstrados fatores históricos, sociológicos, antropológicos e, sobretudo as práticas e rituais utilizados, pelas folias no município de Petrolina de Goiás, como fontes de dissertação, obras literárias, artigos científicos, mapas, tese de doutorado, pesquisas etnográficas, entrevistas e história oral. A oralidade merece a devida guarida, as narrativas e memórias dos antigos participantes da folia ajudam a compreender e destacar as principais trajetórias que envolvem a folia e o objeto de pesquisa.

Na memória oral é sempre abordado o fato de que a maior preocupação de um embaixador de folia é se os jovens têm interesse participativo nesta, pois relatam se eles vão aprender a cantar ou até mesmo se os mais jovens estão girando e aprendendo. As Memórias são evocadas ao próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros conforme destaca Halbwachs (1990), ele concerne aos pontos de referência que existem fora dele, e que são ligados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Os relatos e as experiências orais são de suma importância para a dissertação pois a memória oral com instrumento da história da cultura tem três critérios formadores de memórias coletivas e individuais de acordo com Polak (1992), são eles: os acontecimentos, os personagens e os lugares.

Além das fontes bibliográficas no decorrer do desenvolvimento da dissertação, também contamos com fontes primárias como “diário de campo”, conversas informais e coletivas com os frequentadores. Para o embasamento teórico metodológico buscou-se os referenciais de Halbwachs (1990), e Polak (1992), para os conceitos utilizados nas histórias de vida e memórias dos participantes. Assim, a pesquisa de caráter etnográfico, pois objetiva-se discutir as folias de Petrolina de Goiás bem como o entendimento para a sociabilidade, a comensalidade que unem os foliões e aqueles que participam desses eventos, em torno dos alimentos, dos rituais simbólicos e dos trabalhadores, mesmo de uma entidade leiga como o sindicato rural, mantém a tradição de realizar uma folia.

Outros objetivos que se fizeram imprescindíveis para a compreensão desses fatos na dissertação são eles:

- Analisar sobre a história e o espaço geográfico onde acontecem as folias no município de Petrolina de Goiás sua relevância cultural para as gerações futuras;
- Mapear os locais em que são montadas ou improvisadas às cozinhas para a festa, nas várias comunidades de fazenda no município;
- Expor a forma com que os trabalhadores rurais fazem suas rezas suas crenças, suas formas de festejar através da folia do sindicato rural;
- Descrever através das experiências e narrativas da população local, as transições ligadas na alimentação da folia em Petrolina de Goiás;
- Informar sobre os movimentos sociais das mulheres camponesas dentro do Sindicato Rural em Petrolina como lidam essas mulheres com os desafios de conduzir um sindicato participando de políticas públicas essenciais para esses associados.

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e fornecer dados que contribuam para uma melhor compreensão sobre as festas de folias dentro do município de Petrolina de Goiás, e por conseguinte, as ações de devoção popular do povo goiano, repleta de rezas, cantorias, danças e farta alimentação. Destarte, Brandão (1986) trata o camponês e seus trabalhos repletos de representações simbólicas pela relação do espaço religioso, pela devoção destes com sua crença e espiritualidade, e outros autores também assim definem como D'Abadia (2014) e Curado (2011). As observações nas folias de Petrolina de Goiás foram realizadas percorrendo e conversando com foliões embaixadores, músicos, festeiros, cozinheiras, enfim todos aqueles que elaboram os sabores e os saberes das folias.

A presente dissertação está dividida em três capítulos: o capítulo um, intitulado: “A Tradição e Devoção das Folias no Município de Petrolina de Goiás”, aborda fatos históricos do surgimento da cidade, reafirmando a formação do povoado e posteriormente as famílias que inseriram as tradições e rituais da folia, perfazendo um roteiro de diversas festas no município. Assim, ainda no primeiro capítulo é mencionado acerca do espaço da festa e da cidade de Petrolina de Goiás. O destaque é dado aos giros e sua organização hierárquica.

As folias na cidade de Petrolina de Goiás têm a existência de um número expressivo de folias que percorrem durante todo o ano principalmente na zona rural, elas percorrem várias áreas do município que tem uma extensão territorial bem vasta. Esse primeiro capítulo abordará cinco subtítulos, o primeiro será sobre a história e formação, a história política do município, e a sua concepção geográfica e religiosa. Informa sobre a emancipação política e as leis que foram instituindo os órgãos dentro do município.

Em seguida, trata sobre a dinâmica da festa e seus rituais e vai contribuir para informar como essas festas integram a comunidade. A eficácia da festa é relatar as folias visitadas e o que cada uma compõe, pois há uma diversidade dentro de cada folia. Depois a composição dos giros e outro destaque, eles acontecem muitas vezes em períodos de extrema seca, nos meses de maio a julho e também nos períodos chuvosos, quando as estradas ficam intransitáveis por causa da lama ou da fragilidade pontes e mata-burros, são momentos intensos, mas situações diversas que nos fazem entender a motivação dos foliões. Demonstrar a negociação que fazem para que a festa ocorra, são momentos que vão definir os rituais e os trajetos a serem cumpridos.

Desta feita as embaixadas, os versos e trovas, e aqueles foliões que percorrem os caminhos até chegar na festa, pedindo pouso, pedindo esmola e as bênçãos aos donos das casas, e a todos que veem aquele trajeto de esperança e de solidariedade. As cantigas e os versos os instrumentos serão demonstrando sua relevância para aqueles que presenciam ao ato e criam essas letras. Abordar sobre os foliões pagadores das promessas, a fé e a devoção do homem que acredita na força, na intercessão dos Santos, que cumpri os seus votos, carregando a bandeira, um símbolo de valor especial para o folião

O capítulo dois: “O Sindicato Rural e os Rituais da Folia do Divino Pai Eterno em Petrolina de Goiás” tem no contexto da vida campesina e seus trabalhadores rurais e suas formas de identidade a principal discussão. Nesse Sindicato Rural, os trabalhadores têm uma prática recente de fazer uma folia ao Divino Pai Eterno desde 2015. Ela é caracterizada com um sentido voltado para o romeiro que vai à Trindade-GO, pagar suas promessas, bem como ao homem do campo que realiza as trocas e faz as promessas aos santos de sua devoção. Contudo, as rezas no Sindicato Rural deram uma nova versão de folia, a identidade de folia vem junto com a fé, a religiosidade e a tradição do interior goiano.

Nesse sentido, a folia do Sindicato Rural de Petrolina de Goiás foi abordada no contexto do segundo capítulo, idealizada pelo seu presidente Job Alves Guimarães (*in memorian*), que era devoto do Divino Pai Eterno. Ele deixou um legado para os que o sucedem, a solidariedade promovendo uma ampla circulação de pessoas e entidades. Nas fazendas existem as relações de parentescos, organizações e reciprocidade que fica cada vez mais evidenciado pelo trabalho em conjunto dessa sociedade campesina.

As relações de vida e trabalho nas comunidades campesinas, os circuitos de trocas nesses espaços, seus modos de vida, a cultura, o papel da emoção e do pensamento na ligação do lugar contribui para a manutenção de hábitos e costumes do imaginário camponês ainda tão

presente no mundo rural tradicional. Importante ressaltar que as comunidades rurais tradicionais são focadas a partir dos espaços e da cultura, envolvidas com temas entre a terra e o trabalho, invade tanto o campo rural quanto todos os outros campos de vida. As folias continuam resistentes mesmo lidando com mudanças no espaço e no tempo, resiste, pois, são importantes de dentro da sociedade pois expressam as vivências culturais e religiosas no campo e na cidade.

Descrever ainda sobre as mulheres camponesas que não se trata apenas de resistir, mas de lutar, elas foram por vários anos esquecidas e silenciadas, mas através de diversas políticas públicas no campo elas tornaram sujeitas de direitos e que por muitos anos lhe foram refutados, demonstrar ainda a luta dessas mulheres dentro do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, que assumiram o comando da entidade e estão no labor por essa classe campesina.

A Folia do Sindicato ou Folia Divino Pai Eterno compreende um processo de rituais, nos quais se constroi uma ritualidade própria, perante a realidade de trabalhadores rurais que percorrem a folia em curto espaço, não deixando a tradição acabar e renovando essa construção a cada ano, a cada percurso realizado por quem participa desse evento. Os saberes na pluralidade da festa e os intercâmbios e dádivas entre aqueles que participam da folia, girando e percorrendo as fazendas, os trabalhadores rurais vão tecendo uma realidade com força e propósitos em si mesmos.

O capítulo três, denominado “Os sabores dos festejos”, se configura como um trabalho sobre a comensalidade nos festejos da folia. A prioridade da discussão girou em torno do preparo dos pratos servidos e do modo de preparo da comida, as receitas e toda a estrutura de organização das cozinhas provisórias dos inúmeros pousos de foliões realizados todos os anos em Petrolina de Goiás.

As comidas típicas de cada pouso ou almoço oferecido aos foliões, portanto a hospitalidade inserida neste conjunto de sabores o olhar o ouvir e escrever cada nova conversa que será transcrita, as receitas e os modos de preparo para uma alimentação farta, que será partilhada com os convidados. Ao tecer sobre as reflexões teóricas sobre os sabores dos festejos, compreender os cardápios e suas alterações, ou não, durante o desenvolvimento das folias rurais e urbanas no município carrega uma dimensão prática das festas populares. A gastronomia agrega, une e confraterniza no ritual.

Desse modo apresentaremos receitas doces e salgadas das diversas regiões rurais municipais. Tanto as formas de preparo quanto a organização de uma cozinha para folia, a

quantidade de alimentos gastos para a elaboração de cada pouso de folia. A comensalidade é assinalada pela reafirmação dos laços de solidariedade, a prática da sociabilidade na doação dos itens a serem utilizados nas Folias e na elaboração e na distribuição dos alimentos, a partilha também se faz presente sendo o comer e o beber juntos práticas essenciais aos ritos festivos.

Entretanto, sobre os sabores, a alimentação, comida ou refeição destaca-se a categoria paladar, aglutinadora de sistemas sociais e simbólicos e elemento decisivo na inclusão e valorização do respeito de herança dos mantimentos de tradição (Cascudo, 2004). A arte de tal categoria, traduzindo a transformação dos alimentos em comida, está ligado a uma forma comedida que privilegia os aspectos simbólico-culturais em detrimento dos biológicos ou dietéticos. O que interessa então, é o universo dos padrões, regras e normas alimentares que fundamentam a crença arraigada do povo nos saberes culinários da tradição, optando por certos sabores como patrimônio selectivo familiar, regional ou nacional.

A categoria paladar como princípio de interpretação das predileções alimentares do povo, interpretadas como escolhas culturais movidas por ditames sociais e simbólicos, nas celebrações festivas são realizadas em seu fazer coletivo, dispondo regras convenientes para vida comunitária desde que o homem passou a viver em coletividades. Considerando que as pessoas que executam o preparo da comida são guardiãs dos conhecimentos de todas as etapas de produção da alimentação e os rituais com que são preparados nas Folias de Reis, ou na Folia do Sindicato. Salientar as receitas e modos de preparo mais exatamente a comida, a refeição, o gosto ou o paladar, figura, aos olhos desses fundadores de uma gastronomia na região, como uma dessas constantes informadoras da identidade regional e nacional.

Tendo em vista que se a mesa é metáfora da vida, ela representa de modo direto e preciso não apenas o pertencimento a um grupo, mas também nas relações que se definem neste grupo (Montanari, 2018). Com certeza a farta alimentação, e o modo de interagir que surgem nas cozinhas com o grupo, através do preparo da alimentação, faz toda diferença na realização da festa.

Ademais, o município de Petrolina foi pouco estudado até o presente momento, porém apresenta uma dinâmica religiosa significativa através dos festejos de foliões que se fazem presentes no contexto urbano e rural com tradição e devoção por quem participa e realiza esses eventos. Assim sendo há um movimento constante de trocas, modificações e enraizamentos. O espaço ritual da festa apresenta uma colisão no cotidiano entre o local e o global, como também níveis assinalados de integração e até a fusão em determinados momentos dos festejos. Locais que passam a ser ambientes rituais ou não.



O passado e o novo que se entrelaçam

*Torres que têm histórias, tão encantadas,
Torres que refletem memórias de outrora,
Torres que abarcaram em um sentimento profundo
Torres que tocaram o sino do tempo
Torres que caem e demarcam com o tempo,
Torres submersas na poeira
Torres da lida,
Torres dos destroços do homem.
Torres que se foram na janela do tempo.*

(Roberta Steward)

1 A TRADIÇÃO DAS FOLIAS NO MUNICÍPIO DE PETROLINA DE GOIÁS

Junto as duas mãos em concha, aperto os dedos e modelo como
num pote a argila da pele. Mergulho as mãos na fonte e volto
dela como um pastor de um lago nas montanhas.
(Carlos Rodrigues Brandão)

De forma pontual, na cidade de Petrolina de Goiás, com as festas das folias de Santos Reis e Divino Pai Eterno, analisada a partir da zona rural, nas fazendas, na transformação do Cerrado num território fragmentado é rico, tanto elogiado quanto defenestrado social e ambientalmente. Assim as folias de Petrolina estão em constante mutação, como a transformação do cerrado vive atualmente uma demanda de alterações culturais, no decorrer de mais de setenta anos de história o município construiu costumes muito ricos com a religiosidade e a cultura popular.

Saint-Hilaire esteve no município de Jaraguá, sendo que o território de Petrolina de Goiás era distrito de Jaraguá, só desmembrado em 1948, quando veio a se tornar um município. Ali, ele definiu características específicas do cerrado, hábitos e condições climáticas, uma experiência como botânico durante seu percurso na savana tropical brasileira.

A cidade de Petrolina de Goiás é uma jovem senhora de apenas 76 anos, mas o seu território já foi pesquisado e estudado por viajantes, quando seu solo era tido como um sertão. No livro “Uma viagem pelo Sertão, 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás” tem-se então o contexto de como foi formidável esse estudo, do botânico francês na província de Goiás no ano de 1819, quando se deparou com uma realidade distinta de costumes e paisagens diferentes do que ele já havia vivido.

O viajante naturalista tinha um olhar diferenciado para a província de Goiás, estudando o modo de vida dos habitantes, bem como a fauna e flora como botânico. Contudo quando chega à Serra de Jaraguá-GO, ele coleta amostras de espécies de plantas que ele mesmo descreveu mais tarde em seus relatos, “a flora é aí pouco mais ou menos a mesma que em todos os campos semeados de árvores enfezadas; entretanto lá encontrei grande número de indivíduos de uma espécie de acaju” (Barbo, 2021, p. 368). Essa descrição de aspectos paisagísticos da região em que o viajante transitou registra a predominância do bioma cerrado. Havia também outras áreas integrantes de vegetação densa de caráter florestal. A paisagem foi o cenário para a migração de lavradores e fazendeiros principalmente de origem mineira.

Destaca-se que o viajante e botânico francês Saint-Hilaire, quando esteve na província de Goiás, relatou a movimentação de pessoas ao longo de suas jornadas nos caminhos

goianos. Saint-Hilaire se deparou com a manifestação religiosa das folias no século XIX, e descreve aquela a prática tradicional da Folia de Reis da seguinte forma:

[...] No dia seguinte encontrei na mata um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um estandarte, outro um violão e um terceiro um tambor. Procurando saber o que significava tudo isso, fui informado de que se tratava de uma folia, [...] a folia que encontrei no mato grosso pertencia a capela de Curralinho¹, perto de Vila Boa, que só iria celebrar a festa no dia 12 de agosto (Saint-Hilaire, 1975, p. 95-7).

No entanto, as folias aqui pesquisadas serão tratadas num aspecto plural, formada a partir de uma diversidade cultural, doravante cada região de fazenda dentro do município de Petrolina de Goiás tem suas especificidades. Entretanto, ocasionam essas festas um conjunto de vários fatores como a toada das músicas, nos versos, nas vestimentas para se apresentarem, ou na ornamentação dos altares e os arcos que envolvem os dizeres e a cantoria, cada um vai tendo o seu próprio contexto histórico cultural.

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O MUNICÍPIO DE PETROLINA DE GOIÁS

Iniciamos o estudo sobre o espaço que a festa vem ocupar em Petrolina de Goiás, como território goiano que surgiu por volta de 1919, às margens do Córrego Descoberto e foi denominada como povoado do Descoberto corroborou para a solidificação dos costumes do Catolicismo Popular nas regiões rurais, preservando seus festejos, seus costumes e tradições, nesse lugar. Petrolina de Goiás teve ainda como segundo nome Goialina por um curto período.

Assim a origem das folias de Petrolina de Goiás, solidificadas com as famílias vindas do interior de Minas Gerais, região do Triângulo Mineiro, na década de 1940. Essas famílias mineiras trouxeram a tradição dessa religiosidade ao povoado, pois envolve a hospitalidade e comensalidade que a sociedade local se empenha na realização das folias como um bem cultural e devocional.

A instalação do município de Petrolina de Goiás realizou-se no dia 1º de janeiro de 1949. Destarte, através da lei nº 37 de 9 de dezembro de 1947, o primeiro prefeito da cidade de Petrolina de Goiás foi nomeado no dia 16 de janeiro de 1949, o senhor José Alfaiate de Lima, conhecido também pelo apelido de José Brás. Entretanto, esse primeiro prefeito permaneceu até a data de 27 de julho de 1949. Ocorreu uma eleição, o prefeito eleito foi Tasso Mendonça, médico na cidade, e que permaneceu no cargo até 24 de julho de 1953. Ao todo foram dezenove prefeitos, que exerceram o cargo do executivo municipal, até o ano de 2024.

Em relação ao nome da cidade “Petrolina”, existe duas narrativas populares: a primeira uma homenagem ao doador das terras e fundador, Joaquim Pedro dos Santos, a outra versão, pela origem do nome, decorre de uma sugestão dada por Carlos Hajas, um engenheiro civil, natural da Alemanha, que acreditava haver petróleo na área da Fazenda Lagoa Alegre.

O município de Petrolina de Goiás fica no divisor de águas Norte e Sul, pela Serra das Tabocas. Todavia, a região que está localizada o município faz parte do Mato grosso goiano, pertence a Bacia de São Patrício, que tem como afluentes os Ribeirões Bonito, Lagoa, Lagoinha, Pantanal e Diamante, formando o Rio Pary, que deságua no Rio das Almas um pouco abaixo da cidade de Jaraguá.

Petrolina de Goiás está situada no estado de Goiás em uma região com aspectos importantes de atividades culturais para a coletividade. O município tem uma vasta extensão, fazendo divisa territorial com Santa Rosa de Goiás, São Francisco de Goiás, Jesópolis, Pirenópolis, Ouro Verde, Damolândia, Ituaçu e Anápolis. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) o município tem 9.573 habitantes (IBGE, 2022). A área total é de km 540,451 do município de Petrolina de Goiás, o município fica a 74,8 km de distância da capital Goiânia, via GO-080, atualmente a estrada que liga o município a capital está toda duplicada com faixas de sinalização.

A pesquisa foi realizada dentro da vasta extensão territorial, em diversas regiões de fazendas, cada uma com seus rituais, tradições, que no decorrer dos anos houve mudanças passando por vários processos de reelaboração. Durante os festejos de folia no município de Petrolina de Goiás, foram visitadas as regiões de fazenda destacadas na Figura 1.

Figura 1 – Mapa do município de Petrolina de Goiás



Fonte: Emater-GO; IBGE, 2000. Reorganização do mapa por Steward, 2024.

O Município de Petrolina de Goiás teve origem na bacia do Córrego Descoberto. A doação das terras ocorreu por volta de 1919, pelo fazendeiro Joaquim Pedro dos Santos e sua família, sendo que logo houve a construção da capela Santa Maria Eterna, padroeira da cidade, celebrada no dia 8 de setembro, conforme apresentado na figura 2.

A Paróquia de Santa Maria Eterna, foi erigida pelo decreto nº37, de 2 de fevereiro de 1959, e tendo como primeiro vigário o padre Rui Nunes do Vale. Em torno da igreja ergueram-se casas e formou-se o povoado do Descoberto, primeiro nome da cidade. As atividades econômicas que desenvolveram a cidade sempre foram voltadas para a produção agrícola e pecuária leiteira. Com a edificação da capela, o povoado foi crescendo ao mesmo tempo em que aumentava a produção agropecuária, tornando-se distrito em 8 de junho de 1932, integrando o município de Jaraguá.

O livro “Petrolina de Goiás: Dados históricos”, do autor Vicente Paranaíba Costa, narra minuciosamente como o povoado do Descoberto foi tomando forma e a capela de Santa Maria Eterna surgiu.

A capelinha tinha o formato de um chalé, com duas varandinhas, uma de cada lado. Era bem rústica, com o telhadinho mais alto no centro e baixo nas laterais, as paredes de adobo, com esteios de madeiras, lavradas. Na frente da capela, havia três portas, a do centro, mais larga e as outras, estreitas (Costa, 1995, p. 13).

Em frente a essa capela havia um cruzeiro, com uma distância de uns cinquenta metros, houve também um coreto por vários anos no meio do largo, era utilizado muito em festas de santos ou em momentos cívicos na cidade. Esse coreto ficava na praça da Matriz em conversa com pessoas idosas e foi informado que ele esteve presente na cidade antes da segunda igreja. Todavia, essa primeira capela foi demolida era em estilo colonial as paredes de adobe, quase não tem documentação sobre ela. A segunda igreja de Santa Maria Eterna foi construída em estilo eclético por ser um tanto indefinido deu-se esse nome conforme figura 2.

Figura 2 – A antiga Igreja Matriz de Santa Maria Eterna



Fonte: Steward (2022).

É a atual igreja em estilo contemporânea construída a atual na Praça da Matriz é inaugurada no dia 30 de maio de 2024, figura 4. A matriz de Santa Maria Eterna conforme figura 2, viveu um impasse por vários anos, pois foi construída uma nova igreja no lugar da

antiga, uma de frente para a outra, sem o menor planejamento. O impasse é que a nova construção demoliu a antiga, fato este que ocorreu em abril de 2024. Segundo o sacerdote atual, “não tinha como continuar com as duas igrejas uma na frente da outra”. Entretanto a paróquia é da diocese de Anápolis, de acordo com as normas de escritura do imóvel é a responsável legal pela construção e demolição, pois o terreno que se encontra a igreja pertence à paróquia de Santa Maria Eterna.

A denominação da igreja de Santa Maria Eterna é um nome pouco conhecido, pois não se sabe de outra igreja no estado de Goiás com essa santa; até mesmo no Brasil não há igrejas com esse orágo. Embora consultadas fontes orais de pessoas idosas na cidade, bem como familiares e mesmo a comunidade paroquial, não se encontraram registros ou explicações dessa escolha na cidade. A Igreja da Matriz de Santa Maria Eterna e suas festividades religiosas possuem um sentido muito importante, na comunidade, por agregar a religiosidade católica até os dias atuais dentro daquela coletividade.

A emancipação política de Petrolina de Goiás ocorreu em 08 de outubro de 1948, através da Lei Estadual nº 153. Se desmembrando efetivamente da cidade de Jaraguá, pois até essa época tudo era resolvido lá, até mesmo as coisas da paróquia como os livros de batismo e casamento se resolviam naquela cidade. A cidade de Petrolina de Goiás foi comarca através da lei nº 696 de 14 de novembro no ano de 1952, sendo pela lei nº 745 de 7 de julho de 1955, foi criado o cargo de juiz de direito, sendo que o judiciário ou o fórum da cidade funcionou até no ano 2000, na sede da prefeitura Palácio Vicente Paranaíba Costa.

Todavia a atual sede do fórum da comarca Petrolina Goiás, fica na Avenida Tenilson Jubé de Oliveira tem o nome em homenagem e Benedita Pereira Ribeiro, que foi oficial do cartório de notas e professora na rede estadual de educação. Destarte, o primeiro hospital da cidade foi o Santa Maria Eterna no ano de 1964, de propriedade do Dr. Dalton Siqueira este hospital ficava em frente à praça da Matriz, ficou ali instalado até o ano de 1972, quando o médico e proprietário foi embora para Barra do Garças-MT. Atualmente o único hospital é o São José pertence a três médicos associados, já com mais de cinquenta anos de tradição este tem sua sede atualmente em frente ao paço municipal.

A bandeira e o brasão do município foram instituídos pela lei nº 301 de 08 de setembro de 1973, conforme foto da bandeira do município. O hino de Petrolina de Goiás foi idealizado anos depois pela professora Lozemilde Martins que compôs a letra. A foto abaixo mostra as cores da Bandeira e Brasão do município, a bandeira do município e seu brasão abaixo.

Figura 3 – Bandeira e brasão

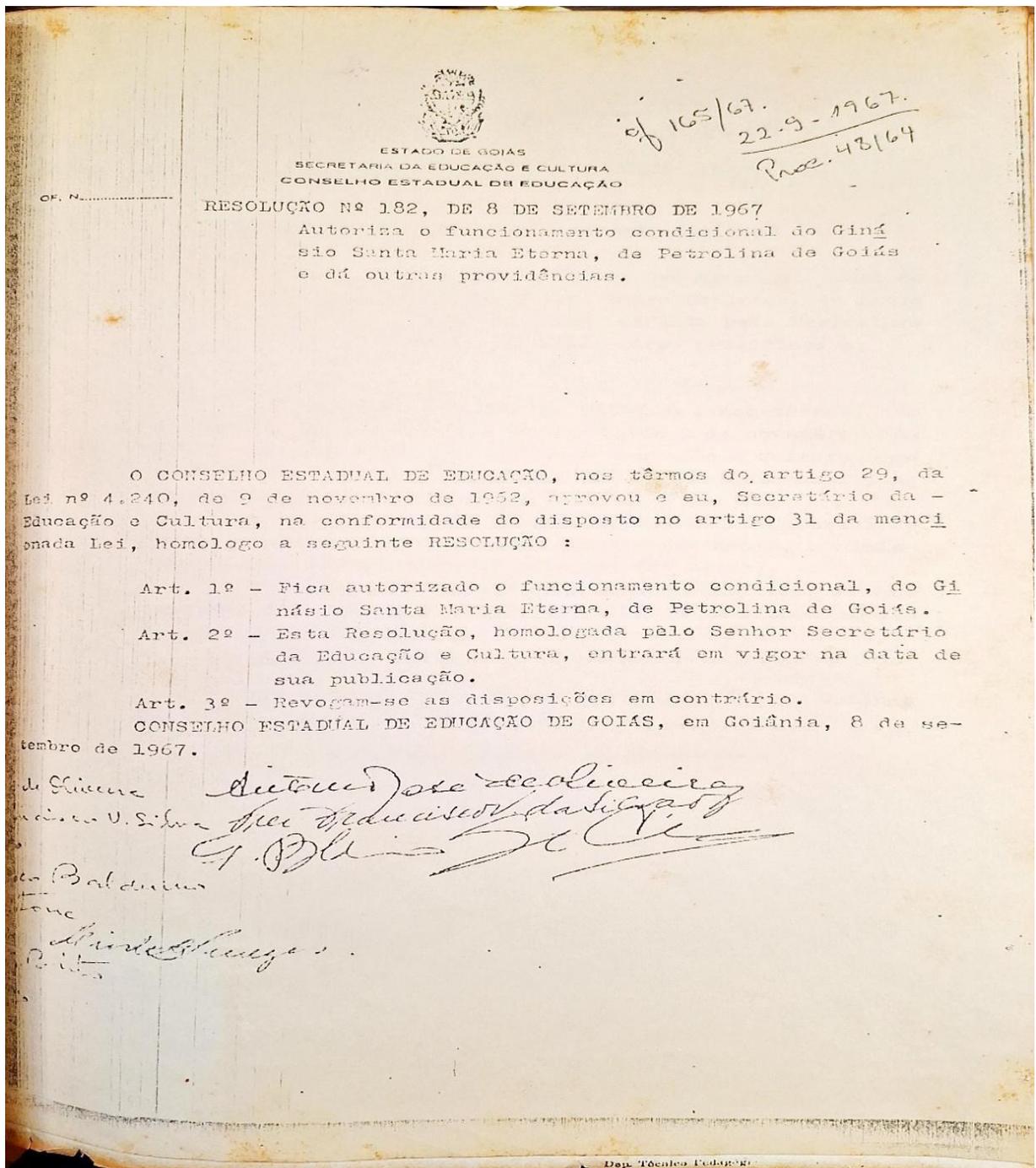


Fonte: Steward (2022).

Todavia foi no pleito do primeiro prefeito Tasso Mendonça que se formou o primeiro Grupo Escolar Santa Terezinha, e as primeiras professoras, que vieram para lecionar, eram da cidade de Itaberaí-GO. A atual sede fica na rua Benedito Meireles, é o Colégio Estadual Santa Terezinha é o mais antigo da cidade, funcionando em dois turnos.

Alguns anos depois a educação no município se fortaleceu ainda mais com a vinda das Irmãs da Congregação de Santa Catarina para a cidade, chegaram no dia 18 de fevereiro de 1959, elas se dedicaram a educação, foi a primeira escola do município a ter o ensino médio. A primeira sede do Colégio Santa Catarina, foi na Avenida João de Siqueira, e o padre Rui Nunes Vale foi quem trouxe as primeiras freiras para lecionar na cidade. Alguns anos depois o Ginásio Santa Maria Eterna começou a funcionar conforme Resolução nº 182, de 8 de setembro de 1967.

Figura 4 – Documento de autorização de funcionamento do Ginásio Santa Maria Eterna de Petrolina em 1967



Fonte: Acervo do Colégio Santa Catarina – junho, 2024.

Foto: Steward (2024).

Esse documento acima tem grande relevância para maioria dos cidadãos que estudaram no Colégio Santa Catarina pois o nome foi mudado no decorrer dos anos, formando e educando jovens Petrolinenses, a base voltada para uma educação religiosa católica, alavancou inúmeros estudantes da região, vários deles se destacando em diversas universidades

do país. Ademais, o Colégio Santa Catarina funciona na rua Benedito Meireles, centro da cidade, é um prédio imponente, muito bem cuidado da rede Santa Catarina, sendo uma instituição filantrópica, com mais de sessenta anos de tradição. Conforme o documento do Conselho Estadual de Educação, o colégio foi o primeiro autorizado para funcionar o ensino médio na região, pois nas décadas de 1960 a 1980 as cidades vizinhas não tinham ensino médio. Terminaram o ginásio e vários estudantes concluíram o Técnico em Contabilidade e Magistério no Colégio Santa Catarina.

Esses dois colégios são mencionados por fazerem parte do início da história do município e a grande maioria dos cidadãos petrolinenses estudaram no Santa Catarina ou no Santa Terezinha têm outras duas escolas municipais e creches escolares, e uma escola particular, são mais recentes estas, porém tem uma educação de qualidade também.

Com o modal rodoviário no país para a integração nacional na década de 1960, houveram vários avanços no interior de Goiás, como é possível verificar nos apontamentos de Arrais (2004, p. 27): “Dois padrões de circulação rodoviário, associados à urbanização, passam a identificar o território goiano a partir de 1960, quando o leito principal da rodovia Belém-Brasília é concluído”.

Foi na década de 1970 que a GO-080 foi construída, ligando definitivamente a cidade de Petrolina de Goiás à capital Goiânia. Essa rodovia possibilitou o acesso direto da população às demais cidades circunvizinhas. A facilidade ocasionou também o êxodo rural, quando várias famílias migraram para a cidade deixando o campo. Dessa forma, o território usado não é imóvel ou um palco em que a vida se dá. É antagônico, é um quadro de vida, híbrido de materialidade e de vida social. Pois ao analisar o território, nele se observam as ações passadas, já cristalizadas nos componentes enormes, e as ações presentes, aquelas que se realizam diante de nossos olhos.

Para Milton Santos (1994), o conceito “território” atinge duas dimensões: o feito e o usado, território como um palco em que a vida se dá:

E o território feito e o território se fazendo, com técnicas, normas e ações. Como conceito puro, o território é constituído de formas, mas como conceito híbrido, o território usado é constituído de objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado (Santos, 1994, p. 16).

O território é uma construção histórica e, portanto, social a partir das relações de poder concreto e simbólico que envolve a sociedade. No caso de Petrolina de Goiás, as transformações no Cerrado são decorrentes de sua ocupação e incorporação ao setor produtivo

que priorizou o desmatamento para transformar as áreas florestadas do bioma em áreas produtivas que serviram ao mercado produtivo agrícola nacional, tanto no pretérito quanto na atualidade. A atual igreja em estilo contemporâneo construída na Praça da Matriz foi inaugurada no dia 30 de maio de 2024. Assim a terceira igreja sempre ali na mesma praça, no mesmo largo como diziam os antigos moradores da cidade, figura 5.

Figura 5 – Atual Matriz de Santa Maria Eterna



Fonte: Steward (2024).

O município de Petrolina de Goiás tem como base principal de economia a produção leiteira, está em constante crescimento, com informações precisas sobre essa seara, porém se observarmos ano a ano essa produção tende a baixar de 2017 para 2018, ela não tem uma sequência de crescimento gradativo a cada ano. De acordo com dados da economia agrícola o município passa por períodos diversos como nos anos de 2019 e 2020 ela vai subir a produção leiteira vive em uma fase de altas e baixas de produtividade, isso fazendo uma

comparação de cada ano que vai demonstrar esses índices. Essa informação com base nos dados do Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos, e fazendo uma comparação da pecuária leiteira ela tem variações pois o solo passa por períodos de estiagem e chuvas (IMB, 2022).

A utilização de terras em lavouras temporárias, também tece uma grande parcela como meio de subsistência na vida econômica do município. Pois são pequenas lavouras de diversos itens, que também têm crescimento e declínio, as informações sobre o desenvolvimento econômico foram utilizadas como meio de pesquisa fonte o Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos (IMB, 2022).

Destarte o Cerrado não é composto apenas de biodiversidade, mas também da diversidade social e, por conseguinte, não foram apenas as suas riquezas naturais e biológicas que sofreram alterações, mas a cultura e a memória dos povos que ali habitam. O que era rural transformou-se em agrícola alterando, dessa forma, as estruturas materiais e socioespaciais em um período histórico denso e curto.

Pensar o território constitui apreendê-lo como um produto da história da sociedade e que, logo, está em constante variação. Assim, por ser apropriado por determinados grupos sociais, há de se considerar o Cerrado enquanto território que passa a ser um alvitre histórico, apropriado e disputado por agentes sociais que o fazem a partir do seu poder econômico, cultural, político, de informação, de capacidade estratégica, de resistência. Assim, é importante exemplificar como ocorrem as relações socioculturais, e as suas transformações dentro do contexto dos povos cerradeiros:

A ocupação e apropriação do Cerrado goiano são resultantes das relações humanas que por conseguinte espelham as suas histórias de vida, grafando-as nos territórios. E, assim, ora o Cerrado goiano é objeto de exploração, ora é objeto de preservação; ora é tradicional, ora é contemporâneo, evidenciando as contradições entre normas e vidas. Assiste-se visivelmente a essa transformação. Primeiro explorou-se exaustivamente a terra; agora a exploração ocorre também com as práticas socioculturais dos Povos Cerradeiros e como o processo é dialético existem contradições e existem (Re) Existências (Pelá, 2010, p. 66-67).

O Cerrado pode ser compreendido como ecossistema; como região de incorporação ao capital; como cenário paisagístico; como mito; como cultura; como expressão de formas de vida cerradeiras. Há grande esforço na análise do desenvolvimento econômico e da preservação ambiental como duas expressões de força imaginária e ideológica na atualidade.

1.2. A DINÂMICA DA FESTA E SEUS RITUAIS

A constituição de uma folia é caracterizada por uma hierarquia dentro do grupo, geralmente constituído por familiares, e tendo como base a relação de parentesco, como a folia das Fazendas Barreirão e Boa Vista. Porém, uma equipe de foliões também é constituída por um conjunto heterogêneo de cantadores e tocadores, ligados entre si por laços de amizade, compadrio e vizinhança.

Conforme se pode observar, os festejos, por princípio, nunca ocorrem somente num local público por excelência, como uma rua, uma igreja ou um centro comunitário. Como regra geral, em Petrolina de Goiás, suas atividades mais importantes são executadas sempre nas residências de seus devotos, que se transformam, por um período de tempo, nos lugares de um grande acontecimento religioso de reprodução anual (Pereira, 2011 p. 45). Entretanto é salutar entender que a existência dos símbolos e rituais que as folias destacam, como na relação social dos indivíduos humanos com paisagens possibilita à consciência esculpir importância, diagnosticar rumos, interrogar o que fez, marcar os acontecimentos ou dar início aos ritos de liberdade.

Acerca das manifestações culturais e religiosas no interior de Goiás, mais precisamente na zona rural do município de Petrolina de Goiás, onde essa expressão cultural das folias de Reis, vem sendo exercida desde a década de 1940. Ao destacarmos a concepção de cultura que se refere ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo, assim como às maneiras como eles existem na vida social. A cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social. Nesse período famílias do interior de Minas Gerais chegaram ao município com suas crenças e costumes, nota-se que o aparecimento da Folia de Reis está dividido em Folia Mineira e Folia Goiana, sendo o que diferencia e separa estas duas folias, o ritmo da música cantada pelos foliões e embaixadores da Folia.

A vista disso as primeiras folias que vieram para a cidade de Petrolina de Goiás foram no ano de 1975, tendo como sua folia mais antiga e permanece até os dias atuais sempre no mês de janeiro sendo celebrada no dia de Santo Reis. Apesar disso, os símbolos dentro da folia, como a bandeira, os altares com os Santos de devoção dos donos da casa, muitas vezes pertencem à capela da região. Após as rezas e cantorias da folia nas residências, ocorrem também as bebidas fora de casa, os bailes com os shows de músicas sertanejas, carros de som, ficando evidentes os momentos de vivência que se alteram dentro da festa.

De acordo com Turner (1974), a questão dos símbolos e rituais tem sempre um aspecto relevante:

A vida "imaginativa" e "emocional" do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa. Faz parte de minha incumbência exatamente mostrar quanto pode ser rico e complexo o simbolismo dos ritos tribais. Também não é inteiramente correto falar da "estrutura de uma mentalidade diferente da nossa". Não se trata de estruturas cognoscitivas diferentes, mas de uma idêntica estrutura cognoscitiva, articulando experiências culturais muito diversas (Turner, 1974, p. 12, grifos do autor).

Diante disso o autor acima traz à baila, as experiências vivenciadas dentro das tribos africanas, demonstra que cada uma vai ter o seu próprio ritual, são em demasia complexos, porém não importa ser com estruturas cognoscitivas diferentes, o que implica são as experiências culturais. Portanto, os sistemas simbólicos são institucionalmente flexíveis e capazes tanto de conservar elementos tradicionais da cultura popular quanto incorporar outros novos. São esses os costumes que ajudam a sociedade a estabelecer vínculos duradouros.

Os vínculos podem ser vistos na sociedade Petrolinense, através das famílias mineiras, principalmente do Triângulo Mineiro, que adquiriram terras goianas para formarem novos núcleos familiares, e perpetuar a sua fé. Trouxeram esses migrantes os toques da folia mineira para a Fazenda Barreirão, onde ainda hoje podem ser notados na música e no momento sagrado da saída ou da entrega da folia. Seus batuques são reconhecidos por aqueles que recebem os Santos Reis.

Almeida (2005) entende que as simbolizações unem paisagem e tempo com as festas:

Nesse caso, não estão presentes apenas a cultura cristã no teor católico ocidental, mas a passagem de significação da paisagem com leilões, danças, disputas, atos de criação de identidades de festeiros, donatários. Para que isso ocorra, o campo e a cidade se preparam num ato de refuncionalização de suas paisagens (Almeida, 2005, p. 49).

As paisagens tem um caráter de refuncionalização, conformando-se mediante vivências e significações. Pois os símbolos são instrumentos de representações de coisas do mundo real, tendo o mundo rural e o urbano, paisagens com linguagens simbólicas. As festas religiosas no município são várias, durante o ano tanto de capelas, como as festas da igreja Matriz na cidade, como a capela de São Sebastião em janeiro, a de São Vicente de Paula ou Vicentinos em agosto e a de Santa Maria Eterna em setembro na Matriz. Portanto, todas as festas são realizadas pela paróquia Santa Maria Eterna, ou seja, em comunidades distintas de

fazendas, mas o pároco quem realiza as missas e organiza os eventos. Como a caminhada até a capela de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro, na região da fazenda Diamante, que há uma enorme motivação de toda a comunidade de Petrolina de Goiás.

O município tem várias capelas como localidades distintas que serão informadas no texto, com seus santos diversos e suas festas em louvor a esses santos, cada região de fazenda vai eleger uma data diferenciada para que não coincidam os festejos. Assim na exemplificando o texto acima a Fazenda Batedor tem a capela do Divino Pai Eterno, as festividades sempre antecedem a festa de Trindade-GO, conforme figura 6.

Figura 6 – Capela do Divino Pai Eterno



Fonte: Steward (2023).

Há capelas em muitos lugares da região: Sendo que cada capela em destaque tem sua própria festa, Nossa Senhora da Guia na Fazenda Samambaia, Nossa Senhora de Fátima na Fazenda Cachoeira, Nossa Senhora Aparecida na Fazenda Diamante, Santana na Fazenda Lagoinha, Santa Luzia na Fazenda Forquilha, Divino Pai Eterno na Fazenda Batedor. Têm também festas religiosas na cidade que homenageiam outros santos, como a o distrito de Veniápolis com a Capela de Santa Rita de Cássia em maio.

A pesquisadora participou das folias girando até mesmo a pé por algumas vezes, entre uma roça e outra, foi tanto no preparo dos alimentos, em dias que antecedem as folias como nos giros, nos louvores na estrada, nos momentos de reza em volta do altar, estava atenta

aos acontecimentos da festa. Ela sentiu, junto aos foliões, o cheiro do mato, da terra molhada, o barulho dos grilos na estrada e aquele belo pôr do sol ao entardecer. A folia traz memórias inabaláveis das quais vai ser lembrada por toda uma vida, são trajetos que foram aprendidos com muita satisfação.

Ao chegar às fazendas com os foliões ou sozinha, via o altar e seus ornamentos, entrava na cozinha, geralmente feita de lona fora da residência, e lá existem cinco, seis ou até oito fogões de barro espalhados pelo chão. Esse momento de chegada à casa do festeiro é quando os foliões se encontram para festejar, orar e comer. De acordo com que narra Brandão (2004), em seus ensinamentos sobre a folia em Goiás e o uso dos símbolos:

A forma da folia é definida com uma jornada precatória através de visitas a moradores rurais. Outras práticas devocionais, como a reza de terço, são comuns em outros momentos de culto e não se as considera como um traço exclusivo da folia. Ao lado de monumento de reza de terços, usados para o pagamento de promessas, a própria cantoria é percebida como uma sequência essencialmente religiosa e simbólica eficaz para a solução de compromissos individuais com os Santos Reis. Da mesma forma, a participação pessoal em situações da jornada serve para o cumprimento de votos (Brandão, 2004, p. 38, grifos do autor).

É importante ressaltar que a rotina das casas é alterada no período dos festejos. Tudo é voltado para o momento em que será recebida a folia. A identidade festiva prevalece nesse momento. Embora tenham ocorrido transformações ao longo dos anos, a folia ainda guarda elementos simbólicos significativos até os dias atuais.

Na fazenda Samambaia (03), foi a várias folias, sempre comemoradas no mês de setembro. A toada na Folia da Fazenda Samambaia é a goiana conforme todos os embaixadores da região informam. O embaixador ressaltava que ela é mais rápida que a mineira. Ela não tem uma cor obrigatória do lenço ou ornamentos dos foliões, diferentemente do que ocorre na folia do Pai Eterno, cuja cor é sempre o vermelho.

Todavia, na Folia da Fazenda Samambaia a cor do ano de 2023 da camisa e demais detalhes foi o verde. São ornamentos que fazem toda diferença para quem sempre participa das folias. Eles diferenciam os músicos dos demais convidados.

A Folia de Reis na região da fazenda Samambaia se destaca ainda pelo seguinte: de lá saem duas bandeiras de Santo Reis. O costume começou há vários anos, sendo que havia foliões demais naquela região, por isso cada bandeira percorria por um lado da imensa fazenda. No último dia de entrega da folia, eles se encontravam na casa do festeiro. Esse tipo de organização ainda faz parte dessa folia.

Na região da Fazenda São João (6), participou da Folia do Sindicato ou do Divino Pai Eterno. Foi um pouso de entrega que tinha mais de duas mil pessoas, onde até a polícia militar teve que estar presente para ajudar na segurança do evento. Essa festa foi grandiosa, pois já havia dois anos sem a comemoração de folias do Divino Pai Eterno devido à pandemia de Covid-19. A participação dos associados foi maciça nessa Folia. Rezaram e cantaram segurando a imagem do Pai Eterno por mais de uma hora, com muito louvor e devoção. Ela acontece no início do mês de junho e antecede sempre o feriado de Corpus Christi, é uma Folia recente no município se comparada às demais.

A Folia do Divino Pai Eterno no ano de 2024 começou com um terço saindo do sindicato, de lá os foliões se juntaram e foram para a Lagoinha de Baixo (12), a saída para Santa Rosa de Goiás, na GO-030. Nesse café da manhã houve uma receptividade costumeira na casa da Dona Fia, com um farto café da manhã, uma bela cantoria. Assim, partindo do café da manhã foram os foliões para a região da Fazenda Diamante (09), primeiro as músicas, depois um terço, para moradores da casa que são devotos do Divino Pai Eterno, o café é regado de muita fartura, com quitandas variadas, frutas e doces.

Na casa do Diano que é um produtor rural e político da cidade, houve um almoço de folia, comum uma organização ímpar para servir a comida farta e boa, frequentado por várias lideranças políticas da região e fazem questão de participar dessa Folia do Sindicato Rural, com a presença de deputados, prefeitos e vereadores e outras pessoas do meio.

Nessa folia mesma Folia do Divino o almoço do dia posterior foi na casa de outro político, o vereador Tiago Cigano, tem em média mais de mil pessoas, mesmo sendo um almoço, durante a semana, nota-se que por ser em casa de político é pessoa pública na sociedade a quantidade de pessoas e foliões aumentam.

Destarte o poder econômico e político se junta, nas folias do Divino Pai Eterno, ela tem a presença maciça sempre de políticos, pois o seu idealizador foi o presidente do Sindicato Rural que foi vereador por dois pleitos seguidos. São três dias de folia do Divino Pai Eterno com sua entrega de costume no Sindicato Rural, sendo que o giro volta para cidade, e na entrega já escolhem o próximo festeiro.

Na Fazenda Cachoeira (10), a Folia é sempre no mês de dezembro. A fartura dos alimentos é uma característica da região; uma comida farta é muito bem elaborada pelos festeiros e demais foliões. Eles nos recebem com muito acolhimento, contando sobre a devoção que acompanha a família que realiza há anos a folia para Santos Reis. A Folia da fazenda Boa Vista (22) é no início do mês de julho e é sempre muito bem ornamentada com belos altares e

presépios muito bem iluminados. Pode-se afirmar que é a folia mais antiga de Petrolina, pois pertence a famílias fundadoras do município, que trouxeram essa tradição de Minas Gerais.

Importante ressaltar que a maioria das famílias de Petrolina de Goiás veio do Triângulo Mineiro, da região de Patos de Minas, Sacramento, Uberaba, sendo que a religiosidade mineira se fez prevalecer e permanecer, até os dias atuais, entre os habitantes deste município.

Já a Folia da Fazenda Barreirão (23) acontece no final do mês de julho. A toada das músicas é da folia mineira, sempre apresentando um número maior de músicos. Chega a ter mais de duas mil pessoas na folia, pois ela também é frequentada por pessoas de cidades vizinhas. Conta com shows de música sertaneja no último dia da entrega da folia. A fazenda Barreirão tem natureza exuberante, com os ipês floridos e coloridos no mês de julho. Fazem toda a diferença quando se está em um trajeto longo. Os pastos também têm o seu encanto e importância, pois a produção da região é leiteira, gerando assim a economia da comunidade campesina.

Pode-se ver no mapa da Figura 1 que a área territorial do município é significativa, e a zona rural tem várias regiões de fazendas bem distantes umas das outras. Essa condição ocasiona costumes bem diferentes nas folias e nas suas tradições. Em Petrolina de Goiás, as folias podem ser consideradas manifestações culturais de fundo religioso que vieram de famílias mineiras que ali inseriram seus costumes. Elas têm sua origem difundida em Portugal entre os séculos XVI e XVII. Chegaram ao Brasil através dos trabalhos catequéticos dos missionários jesuítas, sendo apresentados aos indígenas. Desse modo, as Folias de Reis ou Folias do Divino Pai Eterno passaram a ser mescladas pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos, com variações regionais, seja quanto ao costume, ao ritmo e ao som, mantendo, entretanto, a devoção.

O habitual da festa vem sendo passado por várias gerações e a divisão dos ofícios dentro da festa também. No cotidiano de vida, do povo que acredita na interseção dos Santos Reis, foi solidificada a crença ancestral. Conforme Giddens (2000, p. 51) a tradição dentro das folias “[...] é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas também podem ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. Se posso me expressar assim, elas são inventadas e reinventadas”.

Do trabalho também emerge a necessidade de determinação e delimitação do que vem a ser o valor cultural ou natural, através de saberes e sabores, que a Folia de Reis e a do Divino Pai Eterno têm para a vida da sociedade local. As pessoas que participam ativamente de

uma folia sempre são unânimes em manifestar a sua devoção àquele momento sagrado, pois acreditam na intercessão dos Santos Reis. Essa manifestação devocional faz-se presente nos arcos à frente das casas e sua riqueza ornamental, bem como nos altares para recebimento da bandeira.

Esses altares têm muito significado nos giros das folias; não importa se estão em uma casa grande de fazenda ou dentro de uma pequena sala simples, ou até mesmo dentro de um curral, são sempre bem arrumados com zelo e presteza. Os moradores das residências que recebem a bandeira sempre dispõem das imagens representantes dos Santos de sua devoção, conforme apresenta o exemplo na Figura 7. No altar estão presentes a imagem de Nossa Senhora Aparecida, Santa Terezinha e outros Santos, a vela acesa no momento da cantoria, arranjos florais, toalhas bordadas, dentre outros.

Figura 7 – Altar na Fazenda Barreirão



Fonte: Steward (2023).

A Folia na zona rural da Fazenda Barreirão, é considerada uma das folias mais tradicionais do município. Ela vai girar nas casas das famílias, que promovem a festa. Acontece há vários anos sempre no mês de julho, geralmente na última semana do mês. Os visitantes têm o hábito de levar sua própria bebida: água, refrigerante ou cerveja. Isso ocorre em qualquer folia da região do município de Petrolina de Goiás, como vem sendo observado pela etnógrafa. Outro costume é a presença de música com show de duplas sertanejas da região que cantam no final da festa. São músicas que animam os foliões e frequentadores. Isso ocorre em várias fazendas, sendo esse costume abraçado por vários festeiros.

As pessoas da comunidade rural e urbana compartilham da Folia de Reis desde cedo, quando começam a servir um grandioso churrasco por todo o dia, com mandioca e feijão tropeiro. Todos comem à vontade. O churrasco é assado em uma trempe de tijolos feita para esse evento. Dentro da casa fica o altar ornamentado com ramos de flores jogados e uma imagem do nascimento de Jesus, com a Virgem Maria e São José e os Reis Magos. A área da casa está repleta de bandeirolas coloridas. Os santos de devoção da dona da casa, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, Santa Rita de Cássia e os Reis Magos mantêm a tradição da família. A bandeira fica no centro do altar lembrando os Reis do Oriente Figura 6.

O almoço foi servido após o churrasco, por volta das 15 horas, em uma mesa com cerca de cinco metros de comprimento e dois de largura. O cardápio foi elaborado por cozinheiros e cozinheiras, pois em cozinha de folia não tem distinção dos gêneros, todos trabalham igualmente.

Após o terço cantado, rezado pelos que ali se encontram, foi servido o almoço com batatas, carne de pelota, carne de churrasco, mandioca, arroz branco, tutu de feijão, salada de repolho com tomate, em seguida a sobremesa com doces de casca de laranja, doce de leite, pau de mamão com leite. Esses doces são referências nas festas goianas no mundo rural e algumas vezes no urbano. Em seguida, os foliões começam a cantar em volta do altar. Juntaram-se sanfoneiro, dois violeiros que ainda são crianças, o que chamou a atenção, pois nem sempre as crianças estão inseridas nessas práticas, um tambor e um pandeiro.

O festeiro me informou que o toque da folia mineira, cuja toada é mais lenta, tem vários cantores fazendo a segunda voz. Na Folia do Barreirão, começou com uma mulher, e logo a filha do embaixador fez a primeira voz, com dedicação e empenho. Nessa Folia, por exemplo, há a presença de uma família de cantores: o pai, a filha e o tio. Talvez seja a única folia, no município de Petrolina de Goiás, em que uma mulher cante com tanta aptidão, pois ela tem uma voz grave firme, com a qual sabe narrar todas as embaixadas, assim como seu pai, antigo embaixador de folias no município.

A presença feminina tem crescido ao longo dos anos em Petrolina de Goiás, atualmente muitas delas e que são as responsáveis pela festa, tanto com imperadoras ou nos giros, levando a capanga de esmolos, tocando instrumentos e auxiliando nos demais serviços como no preparo do alimento a ser servido. A mulher tem voz e pulso para dirigir uma folia. Na Fazenda Samambaia existe uma Folia de família do senhor Venerando, que é embaixador de folia. Sua irmã Altina também toca instrumento e faz a segunda voz nas folias. Eles são cantores tradicionais das folias em toda região.

Em suma, a percepção é de que ainda são poucas mulheres nesse mundo masculino da folia, geralmente elas acompanham como alferes da bandeira, ou esmolas. Nos giros das folias, vão ajudar de diferentes formas. Mulheres que tocam instrumentos ou cantam nas folias na região de Petrolina de Goiás são bem poucas.

1.3 LUGARES DA FESTA: OS GIROS

As folias são ciclos com visitas nas casas dos devotos, em um período conhecido como giros ou jornadas, ocorrendo em dias, noites ou até mesmo madrugadas, alguns no período de Santos Reis de 24 de dezembro ou no nascimento de Jesus Cristo até a data de 06 de janeiro, dia de Santo Reis. Outras folias, como a do Divino Pai Eterno, ocorrem em período que fica acordado através de negociações com os festeiros e embaixadores de folia.

Destarte os foliões percorrem longas andanças com seus rituais levando suas rezas e cantorias, inserindo-se num circuito de trocas e redistribuições de dádivas como salienta Sousa (2020, p. 2): “Os giros urbanos se tornam um circuito cíclico de saída *da* folia (local onde estão a bandeira, os instrumentos e a indumentária), visitação às casas dos devotos anfitriões e retorno ao local de origem”.

O período de giros dá início a um ciclo de rituais, que envolve uma programação de foliões na visitação das casas dos devotos daquele santo. Realiza-se uma intensa negociação, às vezes até um ano antes de os festejos serem iniciados, pois quem vai ser o festeiro negocia com os vizinhos, amigos ou parentes a questão financeira se alguém pode ajudar com mantimentos e trabalho nos dias que antecedem a festa e dentro dela.

Os giros permitem que pessoas de uma sociedade camponesa estabeleçam vínculos, e que se reforcem as relações simbólicas entre essa comunidade, sendo vários deles parentes, vizinhos ou compadres, como assevera Brandão (2010, p. 55, grifos do autor):

O rito é a unidade móvel que noticia e antecede uma festa religiosa camponesa. A própria festa é um grande *mutirão*. Inúmeras pessoas de um povoado rural ou mesmo de vários deles participam dos preparativos da Festa. Tanto a casa do *festeiro* quanto as casas do “giro” e dos “pousos” são decorados para a passagem da folia ou a realização da Festa.

Ao girar a folia e chegar a uma residência e se deparar com os arcos enfeitados logo na entrada principal da casa e na estrada, já se começa a ter a dimensão de como cada item da folia é importante para quem vai receber ou quem vai andar pelas estradas. Os arcos e seus ornamentos (figura 8) são produzidos pelos moradores de onde se recebe as Folias. São sempre muito bem preparados e pensados com flores grandes de papel crepom, coloridas, bandeirolas,

muitos arbustos e, para fechar os arcos, os laços que serão desamarrados no momento próprio, ou seja, no contexto ritual de chegada das folias ao pouso destinado.

O giro é um mergulho intenso na essência das folias. Nele os foliões se entregam por completo. Essa entrega vai acontecendo na vida deles na medida em que se empenham para estar ali ano após ano, participando das folias, agregando-se às memórias, devoção e rituais. Assim, os giros da festa representam o ato de participar, de estar verdadeiramente integrado naquele momento de renúncia dos afazeres cotidianos, e serão vividos de forma intensa com aqueles componentes do grupo. Junto aos foliões, seguem-se cantando, narrando os versos, tornando os rituais e símbolos mais concretos e reais.

Figura 8 – Os Arcos da Folia na Fazenda Boa Vista



Fonte: Steward (2022).

Ao percorrer os giros junto aos foliões, pode-se conhecer a história de vida de cada um deles nessa labuta de cantar os rituais que foram passados pelos ancestrais, andar pelos pastos das fazendas, pelos dias e noites, na terra vermelha e ressecada do cerrado nos meses de maio, junho e julho. Até mesmo o andar no período chuvoso de janeiro, quando a lama e chuva são um constante obstáculo, torna-se um desafio para os seguidores e fazedores de folia. Atravessar os pastos com mata-burros estragados, desviar de caminhos, passar por pontes alagadas e um tanto destruídas.

Geralmente o período oficial das Falias de Reis tem seu início em 26 de dezembro e vai até 06 de janeiro. Contudo, as tradições da religiosidade popular condicionam as manifestações com suas próprias elucidações. Com a particularidade de cada região, cada fazenda poderá alterar as datas de acordo com a conveniência de seus organizadores. O

hibridismo cultural se assenta dentro dessas folias fornecendo uma rica gama nesse contexto pois, conforme destaca Burke (2003, p. 28): “práticas híbridas podem ser identificadas na religião, na música, na linguagem, no esporte, nas festividades e alhures”.

No contexto dessas práticas híbridas as folias em Petrolina de Goiás acontecem com performances diferente como as aqui apresentadas, cada uma tem um tipo de toada, apenas uma delas tem o palhaço, outro detalhe são as vestimentas, algumas se destacam pela cor vermelha como na Folia do Divino Pai Eterno, outros pela flor ou um boton na camisa. A comida também tem seu diferencial dentro de cada região, um cardápio vai prevalecer.

No município de Petrolina de Goiás, os festejos das folias vão acontecendo em vários meses durante o ano, como no mês de janeiro na Fazenda Engenho da Lagoa, no povoado de Veniápolis, e mês de maio a Folia dos Inocentes na Fazenda Cachoeira, onde há a participação de crianças e tem-se o costume de não comer carne. No mês de maio ou junho ocorre a Folia do Sindicato de Divino Pai Eterno, que gira nas zonas urbana e rural, está se avulta girando em diversas fazendas, pois o intuito será acompanhar a morada dos trabalhadores rurais, independente de qual região, no município. No entanto, no mês de julho às Folias de Reis acontecem na Fazenda Boa Vista e na Fazenda Barreirão; no mês de setembro ocorre a Folia de Reis na Fazenda Samambaia; no mês de dezembro será na Fazenda Cachoeira. Na zona urbana de Petrolina de Goiás, a Folia de Reis gira sempre em janeiro.

Ademais, ao girar uma folia apreendem-se também os ofícios de tocar e distinguir determinados instrumentos, como as toadas goianas e mineiras, reconhecendo os símbolos e gestos que cada um do grupo vai fazendo no transcorrer de cada percurso. Os giros, nas suas idas e vindas, são os elos que unem a sociedade dentro dessa religiosidade. A sociabilidade nas folias Petrolinenses é algo visível para quem participa, pois, a devoção vem junto com a partilha e a fartura no quesito alimentação, em pousos e almoços, momentos de intensa vivência religiosa e culturais atreladas a essa prática.

D’Abadia (2015, p. 77) descreve os giros como a jornada dos santos e a intensa convivência dos foliões.

[...] o giro é o cumprimento da jornada que se inicia com a retirada da bandeira da casa do festeiro e seu objetivo maior é angariar fundos por meio das esmolas dadas e se completa ao voltar ao ponto de partida. O percurso feito pelos foliões é acompanhado de muita cantoria e essa sofre variações de acordo com os rituais, há versos próprios para a chegada, para a louvação e para os agradecimentos.

Em Petrolina de Goiás, os giros transcorrem ao longo dos campos, matas e estradas sinuosas, com alguns córregos pelo caminho, que os foliões vão percorrendo durante os festejos.

Porém, existem lugares de difícil acesso quando chove e podem acontecer imprevistos, como carros jogados fora da estrada, caídos em mata burros, pontes caem sem ter como passar e é preciso desviar dos caminhos, indo até mesmo a outros municípios, para conseguir chegar às casas do giro.

Ao girar nas fazendas do município, o observador descobre um território complexo através de paisagens diversas, e entende que a geografia passou e passa por múltiplas escalas, diante da migração do homem do campo para a cidade, Santos (1999, p. 15, grifos do autor):

O que possibilitaria reconstituir um território a partir de mosaicos – porque o território é sempre dado como mosaico – seria este “acontecer solidário”. Haveria algo que levaria à realização concreta, à produção histórica e geográfica de eventos solidários. E é isso que dá o limite da área. Quer dizer, a ideia de escala (já que é também uma ideia de limite) ganharia em dinamismo a partir dessa noção de “acontecer solidário”, embora não a tenha desenvolvido suficientemente.

Tais anseios de territorialidade prosperam amiúde nos mundos sedentários pois eles vivem no Centro-Oeste, mas tem-se a percepção de que são mais frágeis que em outros recintos. Os pequenos agricultores, que vão se alojar no país a partir de políticas de colonização agrícola no início do século XX, perdem a cada dia mais espaço. Atualmente, por ser um município grande, quase não há mais homens a cavalos pelos campos. Quando, em uma região de fazenda onde acontece a festa, as casas são próximas, como na fazenda Samambaia, os foliões vão a pé de uma casa a outra, com sua sanfona, violões, pandeiro, sacola de esmolos e bandeira.

Seguem caminhando durante os giros, pois muitos daqueles foliões não têm carro nem moto, vão de bicicleta. São geralmente trabalhadores rurais que não têm terra. Vivem e labutam nas terras de acordo com o Estatuto da Terra (lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964), em regime de comodato ou meeiro, pois, para plantar na terra, realizam um Contrato de Parceria Rural Agrícola, especificando a quantidade da terra que vão plantar e colher e serão os mantimentos para as despesas de sua família, fazem troca de trabalhos para estar ali em devoção aos santos que acreditam interceder por eles.

As folias e seus giros são geralmente em dias quentes e noites frias, no período de seca do Centro-Oeste. Os foliões são homens simples que contam suas vidas, suas formas de trabalho. Em geral são pequenos produtores rurais, muitos dos quais que nunca tiveram um pedaço de terra, que residem nas roças trabalhando com gado e pequenas lavouras como meeiros e comodatários.

A produção de algumas das lavouras será barganhada como outros agricultores durante a festa. Esse é um costume local para os moradores de Petrolina de Goiás. Assim que

um lavrador oferece dar pouso, já começa a ganhar itens de comida para ser utilizada no dia da folia. É uma rede de troca muito intensa entre foliões e participantes.

A festa acontecerá de forma gradativa e os saberes estão interligados no planejamento das folias. A categoria do saber é um dos critérios mais importantes da festa. Nos giros, aprende-se sobre a estrutura do ritual. Os rituais fazem parte da constituição de uma folia, eles podem variar como os terços que estão muito presentes, porém não são em todas as casas que há um pedido ou um combinado para ser rezado.

Para que aconteça a festa, há todo um preparo que será realizado pelos donos da casa que receberão os foliões. Tudo foi pensado e programado, e cada detalhe do momento festivo foi idealizado meses antes da festa, tanto os ornamentos dos arcos, as flores, o presépio, que sempre está presente no giro das folias (Figura 9).

Figura 9 – O presépio, Folia de Reis Fazenda Boa Vista



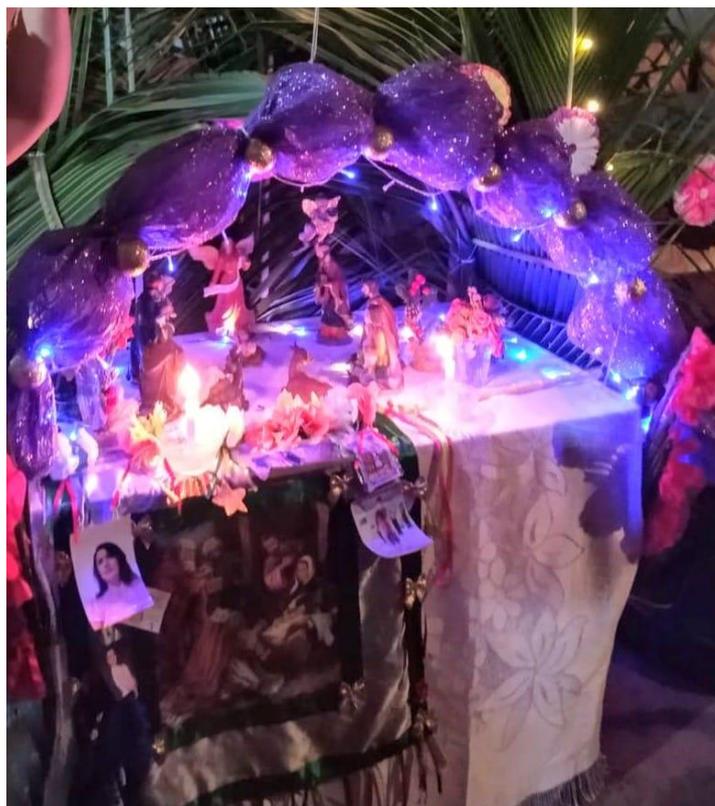
Fonte: Steward (2022).

O presépio ou lapinha é sempre uma referência à parte, não importa se é período natalino ou fora dele, como ocorreu na folia da Fazenda Boa Vista em julho/2022. Os Reis Magos que fazem parte do presépio são os que vão anunciar a chegada do Menino Jesus, conforme texto de Jadir Pessoa (2007, p. 243):

As sete viagens descritas têm uma referência necessária de compreensão, que é a vida dos Reis Magos às casas dos devotos a cada ano, preponderantemente encontrada nas folias de reis, nos ternos de reis e nas pastorinhas. Na Folia de Reis por exemplo, é dito e repetido que a visita que se faz ao morador é feita à semelhança da dos Reis Magos quando viajaram para Belém. Essas duas visitas são a viagem factual, que se faz a cada ano envolvendo foliões e devotos e a viagem mítica, a viagem que é a origem de todas essas devoções e tradições.

A tradição de se fazer um presépio dentro ou fora do próprio altar, isso é um detalhe que a dona da casa decidirá, encanta os visitantes com um detalhe importante, quando há um presépio, a reza será mais longa e com maior participação das pessoas presentes até mais cantoria dos foliões. Esse outro presépio, na Fazenda Cachoeira (Figura 10), tem fotos coladas à bandeira de pessoas já falecidas, de parentes e amigos, e os foliões ressaltam isso no momento da entrega da folia.

Figura 10 – O presépio e as luzes na Folia, Fazenda Cachoeira



Fonte: Steward (2022).

Um detalhe interessante da Folia de Reis da Fazenda Cachoeira é que ela tem, na bandeira, fotos de pessoas já falecidas, pois se diferencia das demais folias. Cada foto tem uma história de luto e de dor. Não há foto de pessoas enfermas como nas demais bandeiras. A

lembrança dos mortos nas folias ocorre em várias regiões. As famílias ressaltam suas homenagens, fazem suas orações, proclamam a saudade de cada ente querido que se foi, mas também lembram que as tradições não podem se acabar, deixando que a festa ressignifique os sentimentos. Os elementos que se intercalam enquanto sujeitos nas folias permitem o movimento da cultura, que será cada vez mais abarcada dentro do município, através dessas expressões da vida social, sendo que se amoldam, transmutam, reelaboram-se pelas aspirações, fatos históricos e tudo mais.

Na região de Petrolina de Goiás, como já afirmado anteriormente, a produção leiteira é a base da economia do município. Existem atualmente pequenas lavouras irrigadas, pois as terras são muito divididas e já não há fazendeiros com mais de cem alqueires. A maioria das terras foi dividida e subdividida pelos atuais proprietários, com lavoura de pimentas, milho, arroz, feijão etc. A horticultura também é um ramo bem concentrado dentro do município. O homem do campo geralmente reside com sua família numa pequena propriedade rural que não é sua. Ali ele é um instrumento, para se edificar a lida na roça, sendo, portanto, um instrumento de labor, conforme nos apresenta Pereira (2011, p. 42, grifos do autor):

Os produtos da lavoura e da pequena pecuária de corte são consumidos internamente pela família, enquanto o excedente é vendido num incipiente mercado local de grãos, farinha e cabeças de gado. (É tudo para despesa. O resto a gente vende). A agricultura é quase sempre entendida como a atividade principal do 'lavorista'.

Há regiões onde as plantações se diversificam, como na Fazenda Forquilha, com seus imensos bananais. Essas plantações são bem vastas, ocupando uma grande parte da Fazenda. Nessa região da Fazenda Forquilha existe a capela de Santa Luzia, uma das mais bem ornamentadas, com festas em louvor à Santa, leilões e missas uma vez ao mês. A área onde acontecem as festas é uma área gramada com um enorme barracão feito para ocasiões de festa ou almoços daquela comunidade campesina (Figura 11).

A chegada do grupo a uma fazenda sempre cria uma boa expectativa entre os foliões. Há regiões de fazenda no município em que a Folia é muito afamada, como acontece no Barreirão, Boa Vista, Cachoeira e Samambaia, Engenho da Lagoa. É fato que as festas religiosas no município de Petrolina de Goiás colocam todos, lado a lado, sejam ricos e pobres, dentro de uma comunidade. Entretanto a presença de pessoas externas aos grupos de folias nas celebrações exige respeito às suas crenças, tornando uma premissa essencial para poder participar desses festejos.

Figura 11 – Capela de Santa Luzia na Fazenda Forquilha



Fonte: Steward (2024).

Tendo em vista que essas festividades têm sempre os peditórios que antecedem a festa, no momento do giro tudo está arranjado conforme o combinado. Tudo é acordado através de um pacto verbal em que a palavra dada será a palavra cumprida. Para esses homens campesinos, que não desistem de um bom festejo, tudo será muito bem articulado com pessoas conhecidas. Elas acreditam que o ambiente será sempre de muito respeito, uma prática de saberes, daqueles que já fizeram com que a festa permaneça e não se acabe. Assim entende-se que o girar e conhecer também e de se agregar aqueles que têm o conhecimento dos rituais, que procuram na fé e devoção, acalantar as suas mazelas, pois acreditam que o sacrifício de andar na lama, ou na poeira do cerrado, concede as graças.

1.4 EMBAIXADAS, COM SUAS PROSAS E VERSOS

A festa nos permite viajar por lugares, trocar ideias com pessoas de uma determinada sociedade que não conhecíamos, aproximando-nos desses sujeitos de luz, de contos, de palavras fraternas que se aprende a respeitar e conhecer, seus gestos, seus rituais, suas músicas evocadas com tanto louvor através dos versos e das prosas. Na celebração das folias tem sempre alguém responsável por cuidar dos foliões participantes. Esta pessoa é conhecida em diversas cidades e localidades goianas pelo nome de embaixador de folia.

A Folia de Reis é liderada pelo embaixador ou capitão da folia, o qual tira as canções com palavras que, em grito, são respondidas rapidamente pelos foliões. Há um

acompanhamento com instrumentos como violas, violões, caixas, triângulos etc. Um composto de vários cantores com suas vozes e instrumentos adequadamente afinados, que visam demonstrar sua fé simbólica e previamente estabelecida pela tradição (Silva, 2012, p. 56).

O embaixador é aquele organizador que vai colocar as regras de acordo com sua vivência. Alguns embaixadores acreditam no castigo divino se a folia não for conduzida dentro das normas estabelecidas. Teme desagradar o santo de devoção e evocação na folia, por isso fazem tudo com uma generosidade exacerbada. Durante as evoluções das folias, o embaixador chega às casas, canta os versos e os demais componentes vão respondendo em coro. O embaixador nesse momento se comporta da forma como destaca Pereira (2012, p. 55):

A companhia é liderada pelo capitão ou embaixador, um codinome proposto pelo próprio, ao longo de sua trajetória histórica. Percebe-se que o capitão dessa folia é o responsável pela organização dos foliões em rito, desde a afinação dos instrumentos que são vistoriados, rotineiramente, pelo embaixador ou capitão. Tudo é realizado juntamente com seus onze foliões e um palhaço. Observa-se que sua afinação deve estar ao seu gosto, juntamente com as tonalidades das vozes e seu posicionamento em fila. O capitão sente-se responsável a organizar o rito e suas práticas durante a celebração, em constante cuidado com os horários já estabelecidos pelo cronograma, uma forma de manter a ordem da celebração.

A folia em homenagem ao Divino Pai Eterno ou Santos Reis em Petrolina de Goiás é organizada por homens e mulheres simples que mantêm a sobrevivência dessa importante expressão cultural de Goiás. Nessa atividade, é fundamental o trabalho realizado pelo embaixador de Folia, o senhor Venerando Correia Sampaio, que exerce esse ofício de embaixador há mais de quarenta anos. É graças à sua função que a cantoria típica da Folia ganha significado e relevância para os devotos católicos.

Os versos nas Fazenda Barreirão da folia mineira uma das mais antigas do município, então vejamos:

“Os três reis é Nossa Senhora ai ai,
os três reis é Nossa Senhora ai ai
os três reis é nosso rei ai ai,
é o Deus Sagrado ai ai,
é a nossa cantoria ai ai
e a nossa cantoria
é adorarte a Santo Reis
é o que vai acontecer,

bendito e cumprir as profecias”.

O mesmo embaixador de folia participa ativamente em outros giros de folia, como nas fazendas Samambaia, Barreirão, Diamante, Boa Vista, São João e outras, sempre propagando a sua devoção e se considerando apenas um instrumento desses festejos. O próprio senhor Venerando, em conversa realizada em sua residência, na Fazenda Samambaia, traduziu a importância da Folia de Reis para a identidade local afirmando que a festividade “traz alegria, paz, união e muita vez traz sabedoria”.

É o embaixador que mantém o grupo unido, permitindo que cada um realize a contento suas atividades. O porta-bandeira, por exemplo, é responsável pelo transporte do elemento simbólico mais importante da folia. A bandeira é confeccionada em tecido brilhante e colorido, tendo ao centro uma estampa com a figura dos Reis Magos.

O Senhor Venerando recebeu a bandeira de Santo Reis em um almoço de folia na sua residência na Fazenda Samambaia. Ele foi o dono da casa que recebeu a bandeira, junto à sua família. Nesse almoço ele ainda cantou, embaixadas das toadas goianas para os demais convidados, com sua cordialidade de mestre da folia.

Como a bandeira é um ícone sagrado, ela é tratada com reverência explícita. Ao receberem o estandarte em suas casas, os moradores devem beijá-lo de joelhos e depois percorrer com ela todos os cômodos da casa, pedindo proteção ao lar. Enquanto os foliões estiverem no local, a dona da casa é responsável por guardar a bandeira num local visível e protegido. Outra função importante do Embaixador é organizar a típica cantoria de Folia. Geralmente as músicas versam sobre o presépio, os Reis magos, as velas acesas e os demais santos de devoção da dona da casa.

A força para enfrentar as dificuldades vem da devoção, como deixa bem evidente a fala do Senhor Venerando: “eu vos dou a minha boca, eu peço a Deus para o Divino Espírito Santo agir em mim e aí eu vou tranquilo”. O reconhecimento pelos foliões do momento festivo na qual estão inseridos é ilustrado com a aclamação “viva” ao final das rezas e cantorias. Assim é comum ouvir as expressões: “Viva ao Santo Reis”, “Viva o Dono da casa”, “Viva o Embaixador”, “Viva os Reis Magos do Oriente”. Portanto, o ato de dar “Viva” está sempre inserido na Folia.

Assim sendo, a figura do embaixador na Folia é essencial para a sobrevivência e bom andamento ritualístico da Folia dos Reis, como demonstra a experiência do senhor Venerando. Ao acabar uma folia, já estão programando o cronograma dos pousos das próximas

que virão. Neste viés, destaca-se que festas populares são manifestações religiosas que têm um campo fértil na exploração de práticas sociais. Têm sua importância fundamentada com reflexo nas práticas religiosas no espaço.

É através das observações empíricas das cantorias desses foliões que se identificam as toadas, sejam rápidas ou lentas, como destaca em sua dissertação Marques (2011, p. 109):

É importante lembrar que as vozes variam de intensidade. Para que isso é utiliza uma escala que vai da mais grave para a mais aguda, sendo que as primeiras são mais graves que as últimas. No caso das folias mistas normalmente os homens cantam nos tons mais graves e as mulheres nos mais agudos a fim de balancear a cantoria.

Ao participar ativamente das folias, percebem-se os rituais de forma mais intensa. Há uma cadeia de comandos e rituais na chegada de uma folia, o encontro dos donos da casa com os foliões demarca o início dessa jornada, pois vai estabelecer sentimentos e emoções, memórias efetivadas e ressignificadas no momento desse ato solene.

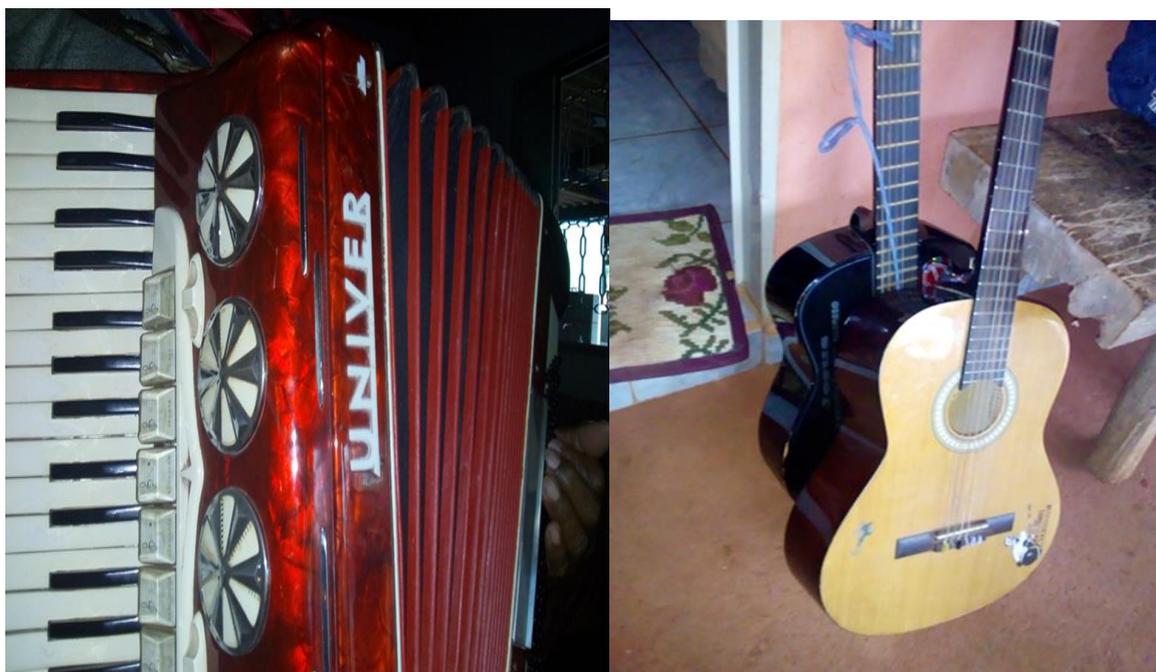
Ademais, os cantos de uma folia correspondem a um conceito muito mais estendido do que a simples ideia de poesia cantada. São versos rimados e entoados sobre um alicerce ritmado e colocam isso em movimento através da prática, como ressalta Pereira (2011, p. 159, grifos do autor):

Os *cantorios* instrumentalizam por assim dizer, os contatos que seus realizadores fazem entre si, com seus santos e com Deus. Ainda sejam tratados pelos devotos como uma espécie de “prece”, eles são frequentemente muito mais que isso. Durante as atividades rituais de uma folia, os foliões, além de conduzirem seus cantos propiciatórios aos santos de sua devoção.

Ação e comunicação definem o momento dos cantos. São instrumentos de características performativas, que os foliões vão adequar a cada casa e momento dos rituais. Ou seja, o embaixador ou capitão vai cantar os versos e os demais componentes respondem em coro, sendo uma toada bonita quando estes entram no eixo de acordo com que foi organizado por esse embaixador.

Os instrumentos são essenciais para a composição e existência dos giros. Os mais comuns são: sanfona, viola, violão, pandeiro e a caixa, figura 12. Geralmente é o embaixador que toca a sanfona nas folias de Petrolina. A arte desses instrumentos é aprendida muitas vezes pela observação, de forma autodidata, sem auxílio ou conhecimento formal de uma escola de música. Eles dizem que o dom divino faz com que acompanhem as folias.

Figura 12 – A sanfona e o violão na folia do Sindicato

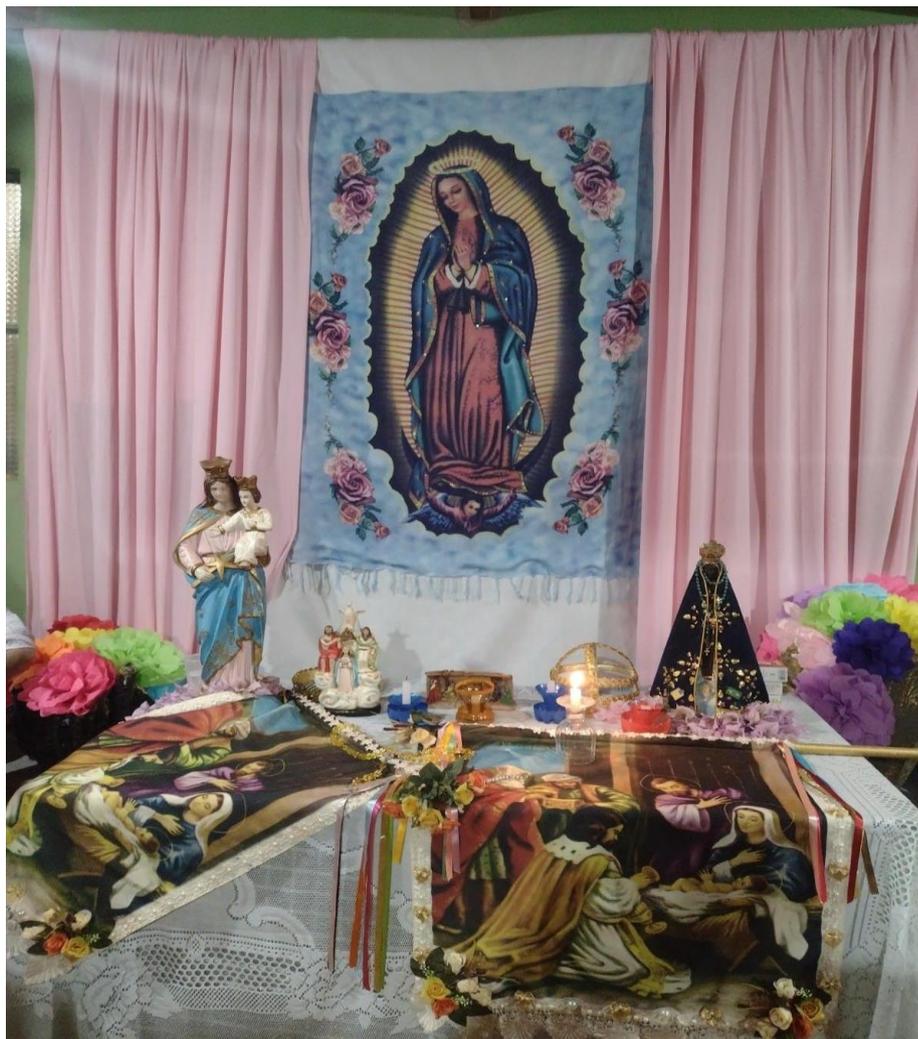


Fonte: Steward (2022).

Outro fator de destaque dentro das folias é o respeito ao embaixador. Seus ensinamentos e sua experiência devem ser abarcados pelos outros componentes do grupo, pois ele não quer que essa tradição acabe. Já tem um pupilo ao qual ensina sanfona e os demais ritos, para ser um futuro embaixador, fazendo com que a folia seja conhecida pelas futuras gerações. A simplicidade do homem do campo na folia vai criar novos tons com seus versos rimados ao sagrado. Como embaixador, ele tem que ter uma maior atenção para que essas palavras tenham a devida perfeição, pois esta é uma função que necessita de respeito e dedicação.

As embaixadas na Folia de Reis na Fazenda Samambaia trazem um contexto diferente dos demais. Observa-se que nela a entrega dura cerca de duas horas, o que não ocorre nas outras regiões. Assim, na figura 13, observa-se que tem duas bandeiras em destaque, chamadas de galhos, o altar imponente e bem ornamentado.

Figura 13 – As duas bandeiras, no altar, Fazenda Samambaia



Fonte: Steward (2022).

Como já foi dito, na folia da fazenda Samambaia existem duas bandeiras, que estão juntas na hora da entrega da folia, mas giram por caminhos diferentes. É um ritual interessante, pois cada uma representa um momento da folia. A festeira daquela folia será responsável pela festa, por organizar o local como os ornamentos, a comida, com seu preparo. Já a outra bandeira dos foliões será responsável pelos giros.

Interessantes esses dois “galhos” de bandeira, como dizem os foliões, pois o que ocorre é que, antigamente, era um grande número de foliões e para que todos tivessem a oportunidade de cantar, eles decidiram que haveria duas bandeiras, uma saindo para a esquerda do lado oposto ao córrego e outra para a direita. Logo mais tarde, elas se encontram em um pouso. Sendo assim, com muitos foliões divididos em dois grupos, fica melhor para girar em toda a região da fazenda.

As canções vão dando “Viva ao Pai Eterno”, cujas bênçãos serão interpretadas pelos embaixadores que cantam por horas em agradecimento ao dono da casa. É muito interessante conviver com os foliões. Cria-se certa empatia, fazendo amizades com suas famílias, dividindo as prosas e versos que a folia oferece.

Os versos que os embaixadores cantam na linha de presépio geralmente são de profecia. O embaixador se inspira para fazer de acordo com a sua vivência com os Santo Reis. Na folia da fazenda Samambaia, em setembro de 2023, foi relatado que o santo o ajuda nesse alento, vai surgindo novos versos e rimas, pois conta nas profecias que quando Jesus nasceu no céu, fulgurante e puro uma estrela apareceu. Com o brilho da nova estrela o mundo se encheu de luz, os três reis se alegraram já é nascido Jesus”.

Outro fato relevante nas folias de Reis é a presença do palhaço. Em Petrolina de Goiás, ele aparece apenas na Folia da Fazenda Cachoeira, figura 14. É uma figura simbólica dentro das folias goianas. Em conversa com festeiros e embaixadores, eles dizem não se importar com o palhaço, mesmo que ele faça muita bagunça. Alguns afirmam que ficam com vergonha quando ele pega mantimentos das casas. O palhaço é uma figura que acompanha o grupo de foliões fazendo suas peraltices quando chega na folia ele brinca com todos, pede dinheiro, as vezes ele quem carrega a sacola de esmolas. A figura do palhaço é uma das mais expressivas do festejo das folias.

Entretanto nem sempre vemos essa figura emblemática nas folias de Petrolina de Goiás, apenas na Fazenda Cachoeira tem o palhaço. Suas vestimentas sempre em tons coloridos como vermelho, um conjunto de manga comprida em tecido de cetim, na cabeça um capuz feito de papel machê, o aspecto da máscara e como se fosse uma carranca.

Figura 14 – O palhaço, na Fazenda Cachoeira



Fonte: Steward (2022).

Durante a festa, existe uma comunicação efetiva na hora da cantoria. Essa comunicação sempre será demarcada pelo embaixador que coordena tudo, tem olhos para todos os acontecimentos, até mesmo se algum folião extrapolar com as bebidas, falar alto ou algo considerado inapropriado. Para Brandão (2004, p. 348) “o consumo de álcool, após o rito, é relativamente maior do que quando se está em celebração. Essas práticas são existentes no catolicismo popular no estado de Goiás”.

Portanto, o embaixador vai disciplinar o grupo, conduzir, reunir os foliões e fazer as advertências a respeito dos predicados religiosos e da obrigação do ritual. Também conversa a respeito dos giros, controla o horário de saída e chegada nos pousos, vigia o uso de bebidas alcoólicas e a atuação de cada folião em sua performance. Ele vai solicitar que cada um cante e utilize seus instrumentos de forma adequada. Isso é sempre bem acordado entre as partes.

Pode-se destacar a performance sendo um formidável artefato da narrativa oral, pois envolve a atuação comunicativa e as táticas discursivas. Como salienta Zumthor (1993, p. 17-18), o emissor se expressa com seu olhar, suas mãos, o riso, o grito e todo o movimento corporal:

Com efeito, nas formas poéticas transmitidas pela voz (ainda que elas tenham sido previamente compostas por escrito), a autonomia relativa do texto, em relação à obra,

diminui muito: podemos supor que, no extremo, o efeito textual desapareceria e que todo o lugar da obra se investiria dos elementos performanciais, não textuais, como a pessoa e o jogo do intérprete, o auditório, as circunstâncias, o ambiente cultural e, em profundidade, as relações intersubjetivas, as relações entre a representação e o vivido.

A performance do grupo, quem faz a primeira voz e segunda para responder, têm que estar bem alinhados, pois são vários os instrumentos utilizados, como a sanfona, violão, o pandeiro, tambor. Veja uma atuação na Folia de Reis na Fazenda Samambaia em setembro/2022:

Em nome dos Santos Reis vou fazer uma louvação e Deus Salve o Menino Deus filho da virgem Maria, representa Jesus Cristo e ainda tem a luz do mundo.
Deus nos salve o Aparecida com seu manto azul. A louvação do Altar a Nossa Senhora Aparecida.
Deus Salve os moradores e sua família, abençoe os foliões e sua família.
O Divino Espírito Santo abençoe.
E da flor nasceu Maria e de Maria o Salvador.
Da rama nasceu a flor da flor nasceu Maria e de Maria o Salvador.
Cada um levou presente para o filho de Maria
Os Reis na presença do altar eu te entrego esta cantiga.
Deus

Esse ato poético de criar e compor as músicas e os versos no momento solene das apresentações, quando a comunicação com o grupo deve estar em sintonia, bem evidencia os arranjos musicais descritos anteriormente. Essa forma artística e verbal é de grande relevância no meio social em que vivem os foliões, pois há uma apropriação simbólica e afetiva de identificação das raízes e tradições trazidas pelos antepassados. No momento de encerramento, na entrega em louvação ao altar, aos Santos Reis e à lapinha, terminada a romaria, eles colocam a bandeira no altar.

Na fazenda Samambaia tem uma capela de Nossa Senhora da Guia na estrada principal, (figura 15). Fica nítida a devoção daquela comunidade campesina aos Santos, pois há também uma festa em louvor a essa Santa realizada no mês de setembro, com missas, novenas, leilões de gado e comidas típicas.

Figura 15 – Capela de Nossa Senhora da Guia, Fazenda Samambaia



Fonte: Steward (2022).

Essa é uma região de fazendas bem produtivas, com um pasto verde e promissor, além de vasta criação de gado leiteiro nas pequenas propriedades rurais. É o meio de subsistência da comunidade local, tantos desses camponeses que são foliões como dos demais em outras regiões de fazendas. Não é apenas na fazenda Samambaia que acontecem essas festividades. Nas regiões das fazendas, sempre ocorrem festas dos santos nas capelas. Acontece uma vez no ano e o pessoal da cidade vai para a zona rural. As festas são sempre animadas com bailes e forrós nas novenas.

Há capelas em muitos lugares da região: Nossa Senhora da Guia na Fazenda Samambaia, Nossa Senhora de Fátima na Fazenda Cachoeira, Nossa Senhora Aparecida na Fazenda Diamante, Santana na Fazenda Lagoinha, Santa Luzia na Fazenda Forquilha, Divino Pai Eterno na Fazenda Batedor. Existem também festas religiosas na cidade que homenageiam outros santos, como a da Igreja da Matriz de Santa Maria Eterna, cuja festa é realizada em setembro, a Capela de São Sebastião, em janeiro, e o distrito de Veniápolis com a Capela de Santa Rita de Cássia.

1.5 FOLIÕES OU PAGADORES DE PROMESSAS: OS DEVOTOS DAS FESTAS

Os foliões, ou os pagadores de promessas, na Folia de Reis em Petrolina de Goiás, vão encarar as manifestações culturais e religiosas no interior de Goiás e a sua celebração com forte apelo às suas origens rurais e se manifestando em grande diversidade, conforme os predicados de cada região de fazenda.

Os devotos concretizam sua fé em gestos, vão à peregrinação nas casas, fazendo os sacrifícios, como girar descalços, ou ajudam segurando a bandeira, carregando a capanga de esmolas, fazendo com que aquele festejo aconteça. Muitos estão ali para prometer, e muitos para agradecer as graças alcançadas. Santos Reis e o Divino Pai Eterno vão andar juntos. O caminho dos devotos é sempre de muita fé, esperança, e resignação aos santos de sua devoção. Não importa se o trajeto é longo, muitos vão cumprir suas promessas a pé, percorrendo por dias e dias até concretizar a caminhada, deixando seus afazeres, suas casas e famílias para que a promessa seja devidamente paga.

A cultura goiana, particularmente a de Petrolina de Goiás, pertence a um conjunto de tradições que permeiam manifestações e memórias coletivas de saberes e conseqüentemente dissemina a afetividade entre os foliões e tece a solidariedade daquele grupo que participa dos festejos. Além dos foliões, os devotos em geral comemoram a data com o pagamento de promessas, participando da peregrinação às casas de amigos e de outros devotos de uma determinada localidade, assumindo obrigações específicas e, às vezes, fazendo sacrifícios, para cumprir os votos anteriormente feitos com objetivo de obter alguma graça.

De acordo com que narra Brandão (2004, p. 38, grifos do autor), em seus ensinamentos sobre a folia em Goiás e o uso dos símbolos como uma prática recorrente:

A forma da folia é definida com uma jornada precatória através de visitas a “moradores” rurais. Outras práticas devocionais, como a reza de terço, são comuns em outros momentos de culto e não se as considera como um traço exclusivo da folia. Ao lado de monumento de reza de terços, usados para o pagamento de promessas, a própria cantoria é percebida como uma sequência essencialmente religiosa e simbólica eficaz para a solução de compromissos individuais com os Santos Reis. Da mesma forma, a participação pessoal em situações da jornada serve para o cumprimento de votos.

Como o alicerce de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos, deve essencialmente haver certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, apesar da diversidade de forma que tanto umas como outras puderam revestir, têm sempre a mesma acepção objetiva e desempenham por toda parte as mesmas funções. No entanto, a

secularização da sociedade brasileira vai se desdobrando e transferindo os valores, os rituais símbolos e poder de uma esfera propriamente religiosa para outras esferas com códigos e locuções. Tudo vai percorrendo uma evolução nítida dentro dessa coletividade.

Ressalta-se a importância do homem campesino na elaboração dessas Folias no município, suas rezas e as trocas permeadas dentro do universo rural com a preparação dos festejos através da sociabilidade do ato de partilhar os sabores dos alimentos, a comunhão e a dádiva. Desse modo, de acordo com o que ressalta Mauss (1950), esse evento religioso representa não apenas seus bens materiais, mas o simbólico, que é responsável pelo acordo religioso, não apenas do indivíduo, mas sim de um grupo. Há um ajuste não financeiro, mas de forma material e espiritual, segundo a moral do rito. Isso porque a folia, ao apresentar suas dádivas materiais e suas orações, em agradecimento ao santo, é oferecida pelo coletivo. Portanto, na questão moral, por mais que não ofereça para cumprir o voto, a sua consciência e os costumes culturais o obrigam a quitar sua dívida.

De tal modo é a questão moral da dívida que o devoto tem em sua consciência o dever financeiro de quitá-la com o santo, pois o voto foi realizado e o santo o ajudou naquela dádiva material ou espiritual. Segundo Mauss, esse evento religioso representa um grande valor simbólico para àquele grupo:

[...] em primeiro lugar; não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam as pessoas presentes ao contrato são morais; clãs, tribos, famílias, que se enfrentam e se opõem seja em grupos frente a frente num terreno, seja por intermédio de seus chefes, seja ainda dessas duas maneiras ao mesmo tempo. Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens morais e imorais, coisas úteis economicamente são antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, crianças, danças, festas, feiras dos quais o mercado é apenas um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente (Mauss, 1950, p. 190-191).

A comunidade campesina praticante da folia tem uma prática cultural religiosa marcada pela difusão de peculiaridades que reinventam o ritual e seus símbolos, sendo que o folião é motivado pela sua devoção e compromisso como devoto. As festas religiosas funcionam como verdadeiros rituais da fertilidade e servem para celebrar os bons resultados nas colheitas e para pedir que o próximo plantio também traga bons frutos. Os foliões reconhecem a ajuda dos santos de sua devoção na ressignificação da terra todos os anos.

Historicamente, e culturalmente, existe um tratamento diferenciado, destinado aos diferentes grupos que participam da Folia de Reis, sendo que a cada ciclo esses festejos renovam a fé dos seus seguidores fortalecendo os valores comunitários e os laços de solidariedade.

Estimulam atitudes de partilha, garantindo a sua continuidade e a transmissão dos saberes a eles associados às gerações jovens. Nessas particularidades pode-se compreender a identidade do folião e suas motivações para se dedicar a esta prática religiosa, que envolve todos os participantes e reforçar os laços destes com o grupo ao qual pertencem, promovendo interação e práticas compartilhadas.

A construção social de um folião vai envolver uma série de requisitos para estar inserido dentro da sociedade festiva, conforme aponta Pereira (2011, p. 111, grifos do autor):

A influência não é apenas uma “obrigação” de compromisso dos seus portadores e a disposição para a contínua atividade de folião de modo a ser preservada e mantida ao longo de toda a vida. Além de vincular os cantadores e tocadores ao cosmos, de onde se acredita vir a dádiva divina, a influência realiza mediações com os outros devotos e foliões.

Portanto, ao reelaborar com lógicas próprias, há necessidade de se legitimarem não só como católicos, mas também como devotos de seus santos. Destarte a maioria dos estudos sobre esse assunto traz à frente as questões relacionadas à tradição oral da região. Várias dessas famílias que vieram de Minas Gerais com seus costumes e saberes trouxeram também na sua bagagem cultural a prática religiosa da Folia de Santos Reis. Os personagens dessas festividades são os foliões, grupos de pessoas, geralmente homens, caracterizados por símbolos devocionais que, conduzidos por um líder cerimonial chamado de capitão de folia, embaixador ou chefe de folia, e que determina a hierarquia dentro do grupo na festa religiosa.

Essa hierarquia no grupo distingue a condução e evolução do grupo que vai girar a folia indo nas casas de quem acredita na devoção dos Santos, compartilhando desse momento sagrado de aproximação com Deus e a ritualização de suas crenças. A fé dos pagadores de promessas nas folias é sempre observada nas bandeiras cheias de fotos e, muitas vezes, dinheiro, fitas e adereços, que estarão presentes em toda a folia. São os devotos dos Santos Reis, ou do Divino Pai Eterno, que são fiéis em pagar as promessas e estão ali para agradecer aquele momento sublime, cheio de ritual e simbologia. A presente pesquisa faz um estudo de como vivem e lidam esse grupo de homens e mulheres e seu papel perante a sociedade local.

Ao se destacarem esses promesseiros de folias, é possível observar sempre a ligação das crenças populares sendo abarcadas, e salientar que a devoção contempla o milagre e quitar o ex-voto, cultivando a aliança com o santo no mundo terreno. Esse é um conceito presente entre os devotos, como aponta o autor Veyne (2009, p. 193):

[...] pois o devoto gosta de estar em relação direta com a divindade o mais frequentemente possível promessas, peregrinações, aparições de deuses nos santos, a devoção. A devoção não estava numa fé, em obras ou na contemplação e sem a multiplicação de práticas que só parecem interesseiras, porque o deus patrono que se ama é um protetor. Doença, viagem, parto, todas as ocasiões são boas para demonstrar fiel confiança.

No que tange à questão cultural das manifestações constituídas pelas folias, rezas, terços cantados, rimas e versos, por meio de uma contenda desses procedimentos simbólicos, o trabalho versará acerca das identidades territoriais dentro do município com uma construção histórica de memória oral e cultural.

As redes de trocas entre pessoas que configuram a própria essência da festa popular no Brasil são repletas de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria. Afinal, não são mais do que um conjunto cerimonialmente obrigatório de atos reunidos de linguagens de partilhar, obedecer e desempenhar e cumprir as promessas. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, ou até mesmo pelo reconhecimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da bênção celestial. Contudo, a relação de afetividade e de pertencimento com o lugar e a memória propicia e consente a inclusão de novos hábitos e valores nas manifestações culturais, possibilitando criar novas invenções e tradições, bem como as identidades territoriais do grupo.

A fé do homem campesino é demonstrada nas promessas e nas festas herdadas dos seus antepassados, e terá, na linguagem dos símbolos e expressões características do lugar, traços que individualizam e caracterizam os sujeitos da comunidade, reafirmando sua identidade. Ademais são os pequenos gestos dentro da festa que ressaltaram a religiosidade e a fé diante dos santos das velas acesas, sempre pedindo e alcançando as graças e acreditando nos compromissos firmados com a palavra dada. A memória oral é estabelecida de todas as formas por esses foliões participantes dos giros e devotos da festa.

Ao final, é possível considerar que o promesseiro e os devotos têm uma obrigação moral de dar aos Santos e à comunidade festeira todo seu empenho em desenvolver a festa, em restabelecer os costumes e manter as tradições de gerações passadas através da memória oral, conforme Marques e Brandão (2015):

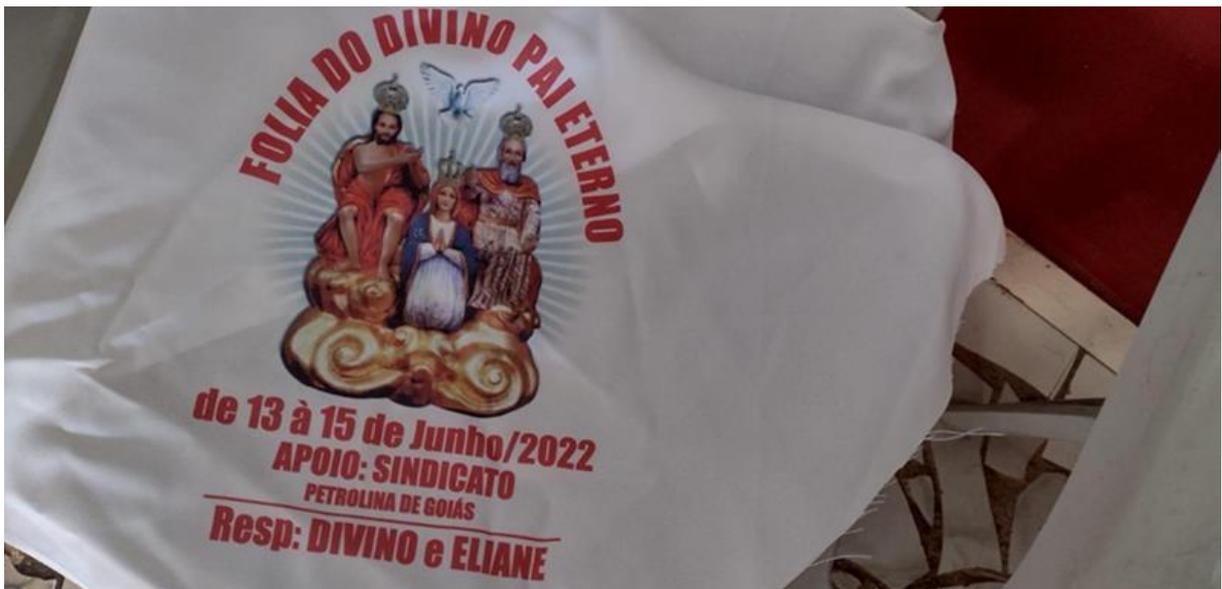
A festa se dá pela oralidade, pelo ritual, pela doação e forma um ciclo exterior ao tempo e ao espaço. Ela é dinâmica, se reinventa, transforma e se insere na globalidade, agregando novos símbolos e se metamorfoseando. Dá-se origem então a uma nova manifestação, com elementos renovados, mas formulados a partir do tradicional, dos cheiros, da fé, das cores e dos valores (Marques; Brandão, 2015, p. 18).

Portanto os símbolos designados pelos mestres da cultura popular lidam com o plano bento, no qual procuram as bênçãos dos Reis Magos do Oriente, de Nossa Senhora, e demais santos, sendo essa intercessão intermediada pelo embaixador de folia e voltada, sobretudo, para a proteção e o fortalecimento espiritual com harmonia para a comunidade. Assim a festa vem a ser plural, na qual se insere a realidade do povo brasileiro, e o instrumento que reconhece essa diversidade dentro do catolicismo popular. Pois as folias no município de Petrolina de Goiás vêm ressaltando todas as características de representações e rituais que incidem nessa distinção, ela proclama lutas e resistências de um povo altaneiro.

ESSAS MULHERES MARGARIDAS

*Mulheres de classe,
Mulheres guerreiras
Mulheres que não se calam,
Que permeiam a terra,
Que oram pela chuva,
Que fazem promessas
E que seguram a bandeira do divino,
Que não desistem da lida,
Que detêm o manto sagrado
no meio do sertão,
Essas mulheres que não se calam,
Que não se turvam,
Que não se aquietam.*

(Roberta Steward)



2 O SINDICATO RURAL E OS RITUAIS DA FOLIA DO DIVINO PAI ETERNO EM PETROLINA DE GOIÁS

“A cultura não existe como uma realidade fixa e intangível. Ela sempre aparece como uma realidade múltipla e em perpétua evolução” (Paul Claval).

Entender a cultura é também entender os seus conflitos políticos, suas negociações, as relações de poder que tentam hierarquizar e conter várias culturas, incluindo a camponesa. Além disso, é essencial compreender as crenças e atitudes, pois a cultura é um conjunto de práticas de conhecimento transmitidas através de gestos, palavras, escrita e música. As relações de vida e trabalho nas comunidades camponesas englobam suas redes de trocas nesses espaços, seus modos de vida, a cultura, o papel da emoção e do pensamento na ligação com o lugar. Da mesma forma, reelaborar o mundo caipira habitual e sua divisão interna dentro da significação do imaginário camponês ainda tão presente no rural tradicional.

É importante mencionar como as experiências dos trabalhadores rurais e suas promessas são tão significativas para a construção da sua identidade cultural, buscando o entendimento das práticas arraigadas de uma ética própria nas quais o trabalho está vinculado à celebração e devoção, e assim se acerca do tema do sindicato rural na folia do Divino Pai Eterno.

Esse capítulo abarca o sindicato rural como instituição que vem acarretando uma série de propostas aos associados para demonstrar a força, a fé e as conquistas da mulher sindical, que vem ganhando notoriedade através de anos de muita luta e resistência. Dessa forma, estes sindicatos de classe são os protagonistas de inúmeras conquistas e transformações sociais, seja por defender os interesses sociais individuais dos seus representantes, seja por defender os coletivos de toda aquela categoria de trabalhadores.

O Sindicato Rural, como toda instituição representativa brasileira, é laico. E como tal comporta-se. Mas, durante as averiguações dessa pesquisa, foi observada a realização de festas, o que reafirma a capacidade fundadora, e do fundador, do sindicato, em manter a sociabilidade das pessoas através de sua fé e devoção, considerando as manifestações, um direito ao lazer e à religiosidade.

Ressaltar a importância da mulher camponesa dentro dos movimentos sociais merece destaque, principalmente dentro do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do município de Petrolina de Goiás, uma vez que são elas as representantes e líderes nessa instituição na atual conjuntura. No entanto, a visão que se tem da mulher no campo, na maioria

das vezes, é de uma esposa submissa ao marido, ainda que, além de ajudar nas tarefas domésticas, também ajuda no trato com os animais e na lida na lavoura.

Porém, o que deve ser salientado é que o trabalho da mulher vai além do espaço da casa. Esse trabalho é também no roçado, nas plantações, no feitiço de queijo, no polvilho. A mulher estabelece as relações entre a vizinhança, organizando espaços coletivos e religiosos, nos sindicatos, e outros festejos, na educação dos filhos, estabelecendo, dessa forma, ligação entre o campo e a cidade.

Para que os festejos se intensifiquem, há a prática de solidariedade entre os trabalhadores rurais com o mutirão ou traição, em que a reciprocidade se estabelece pela doação de tempo para a plantação e a colheita ou até mesmo para o abate de uma vaca. O clima festivo das folias acontece muitas vezes em forma de mutirão nas roças, pois há uma preparação de vários dias com inúmeras pessoas para que a festa ocorra. Acontece que, boa parte da produção das mulheres é destinada à agricultura de subsistência, a fim de nutrir a si, bem como ao seu núcleo familiar.

A mulher camponesa tem uma significativa importância para a classe proletária rural, ela quem vai tecer as diversas ligações entre o núcleo de trabalho e determinar as trocas e vendas de produção. Portanto, há muito o movimento de mulheres camponesas se organiza no país, a fim de resistir e existir. Esse movimento social, assim como alguns outros, somente teve destaque, a partir da década de 1980, depois da Constituição Cidadã de 1988, principalmente no que diz respeito à luta por direitos essenciais à dignidade da pessoa humana.

2.1 O SINDICATO RURAL COMO INSTITUIÇÃO LAICA

Os sindicatos no Brasil passaram a ter força política e reconhecimento social a partir dos movimentos sociais, que se fizeram necessários ao proletariado brasileiro, não só trabalhadores rurais, como qualquer outra classe trabalhadora. É uma necessidade emergencial o reconhecimento e a luta por direitos dos trabalhadores. As lutas no campo apresentavam tradições políticas marxistas, conforme destaca Oliveira (1988, p. 28):

Fundamentalmente, com a orientação do Partido Comunista do Brasil, é criada em 1934 em São Paulo a ULTAB- União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil- com a finalidade de coordenar as associações camponesas então existentes. Essa organização vai funcionar como instrumento do processo de luta camponesa no seio do processo de luta dos trabalhadores em geral do país. Este processo deveria caminhar no sentido da revolução democrática burguesa, como etapa para a revolução socialista.

Esse movimento e de suma relevância para a população rural do Brasil, foi dentro do partido comunista que nasceu a luta por reconhecimentos, infelizmente muito poucos até os dias de hoje, porém fundamentais para uma classe operária que coloca comida na mesa do brasileiro. No entanto, a luta camponesa no campo brasileiro vai passar por caminhos diversos e contraditórios. O Brasil, com sua dimensão continental, mantém sua diversidade, pois em cada parte diferente de seu território haverá um tipo de movimento rural.

A agricultura brasileira passou por transformações profundas no século XX, revelando aberrações presentes no interior da estrutura agrária e tornando a luta pela reforma agrária uma necessidade hodierna. A relação orgânica entre a luta pela terra e a conquista da democracia se consuma na conquista da terra, na conquista da identidade camponesa e, por fim, na conquista da cidadania.

As identidades camponesas aqui narradas são entendidas, muitas vezes, como diaspóricas, pois configuram recortes espaciais nos quais a vivência e a experiência são passadas como herança, ou como referência a um passado comum. Nesse caso, as identidades revelam a mistura de matrizes raciais, étnicas, culturais e espaciais. O trabalhador rural se reconhece e se reelabora através da identidade de seus ancestrais, da memória coletiva, que vai passando por gerações e permite a sua unificação por referências comuns, reconstruídas e operantes no próprio cotidiano.

Os movimentos sociais estabelecem uma conexão significativa com um dos sujeitos sociopolíticos presentes no associativismo no Brasil, sendo a base de muitas ações coletivas a partir da década de 1970. Muitos desses movimentos geram solidariedade social e coesão, impulsionando as pessoas sem embolsar nenhuma renda. Em outras palavras, mobilizam ideias e valores, gerando saberes e aprendizado coletivo. Foi a partir da década 1990, que os movimentos sociais rurais se impulsionaram e tomaram formas mais definidas, como no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil o MST, o mais conhecido e afamado dos movimentos, cujos principais objetivos são a realização da reforma agrária e a democratização do acesso a terra no Brasil. Conta também como referência à luta por mudanças sociais no país, a defesa dos direitos humanos e o exemplo de solidariedade entre seus participantes.

Na Constituição Federal de 1988 está reconhecido o direito à terra e a sua função social. O artigo 184 compreende a estrutura fundiária brasileira como injusta; veja o que preceitua o caput do referido artigo:

Art. 184 Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano da sua emissão, e cuja utilização será definida por lei.

Entende-se que há uma grande quantidade de propriedades rurais improdutivas no Brasil que não cumprem sua função social, e a única saída é induzir seus proprietários, sob pena de sanção, a cumprirem a lei. Percebe-se que a dificuldade de interpretar os dispositivos constitucionais, apesar de grande, não é a única existente na tratativa do tema: outras dificuldades existem e precisam ser superadas para o bom entendimento a respeito da matéria. Insta mencionar o que destaca Santos (2011, p. 26), sobre os movimentos sociais no Brasil e sua relevância para o proletariado:

A valorização da diversidade de experiências de luta contra as forças hegemônicas do capitalismo na era da globalização vem promovendo, então, a convergência dos olhares sobre os movimentos sociais e a afirmação do espaço enquanto dimensão fundamental da experiência social.

Atualmente os sindicatos de trabalhadores rurais são vinculados à Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultoras e Agricultores Familiares (CONTAG), que tem como proposta a luta pela redemocratização do Brasil, liberdade e autonomia sindical, sustentabilidade do movimento sindical, crédito e seguro agrícolas, crédito fundiário, assistência técnica e extensão rural, comercialização e garantia de preços mínimos, cooperativismo, associativismo, infraestrutura rural, entre outras.

A atuação dos movimentos sociais e organizações associativas da sociedade civil tem demonstrado que as mulheres são o contingente principal dentre aqueles que se mobilizam para a luta por questões coletivas, no âmbito público, conforme salienta Gohn (2013, p. 96-97):

Observa-se na América Latina uma rearticulação de lutas e movimentos sociais que se opõem ao modelo econômico vigente e a situação de desemprego e miséria que as políticas neoliberais têm gerado nas últimas décadas. E são as mulheres as grandes atrizes que têm realizado esta junção – causas estruturais/ econômicas e causas específicas vividas pelas mulheres. As mulheres estão colocando os movimentos sociais novamente em cena, reivindicando, entretanto, sua visibilidade.

A questão do gênero é outra vertente da luta campesina, que, durante longos anos, tem se desdobrado com grande atuação das mulheres. A mulher campesina se destaca na busca por políticas públicas essenciais para a subsistência daqueles que vivem em regime de agricultura familiar.

Ser mulher é romper com a lógica de produção capitalista no contexto rural. A mulher campesina vem atravessando constantes lutas e resistências, enquanto seus direitos são reconhecidos “a conta-gotas” pelo Estado Brasileiro. Suas lutas diárias na agricultura familiar começam a ter notoriedade a partir da década de 1980, quando os sindicatos ganham mais força e a ditadura militar termina. Nesse viés surge o sindicato rural, e as mulheres como representantes sindicais, e estes sindicatos de classes são os protagonistas de inúmeras conquistas e transformações sociais, defendendo tanto os interesses individuais dos seus representantes quanto os coletivos de toda a categoria. Assim, essa investigação procurou observar como a contribuição da mulher ultrapassa suas conquistas nas políticas públicas para o campo, unindo seu desempenho dentro das roças à sua atuação dentro do sindicato à frente de homens e mulheres lavradores.

Apesar de já existirem estudos sobre esse assunto, ainda há muito a ser informado e discutido sobre a resistência da mulher campesina goiana como liderança política dentro do sindicato rural, bem como sua importância para o grupo de lavradores sindicalizados e que são essenciais para economia agrícola da região.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Petrolina de Goiás, teve início na década de 1990, passando por vários presidentes, o fundador foi Gerson Alves Guimarães, José Acácio Viana, Adair Francisco Valadão, Job Alves Guimarães, Maria de Fátima Costa Barcelos (era vice do Job que foi vice e sucedeu até eleição), atualmente, a presidente, é uma mulher Leida Lorrany Guimarães, a primeira mulher eleita presidente do sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras de Petrolina de Goiás. Quem permaneceu por mais tempo na presidência até hoje foi Job Alves Guimarães, tinha uma visão social e política dentro do sindicato, era um político nato, pois enquanto presidia o sindicato também era vereador por dois mandatos consecutivos na cidade.

Desse modo, a ideia de instituir uma folia do Divino Pai Eterno, dentro do sindicato rural, foi do Job, por ser um visionário, pois ele participava sempre de terços em várias fazendas e os agricultores queixavam que eles não tinham uma festa religiosa. Então para que a união desses lavradores se fortaleça, como algo novo surgiu a ideia da folia do Divino Pai Eterno, porém dentro de um Sindicato Rural, que abarcou essa festa, muito bem elaborada vindo a acontecer a primeira em 2015. A história do Sindicato Rural de Petrolina de Goiás tem uma característica bem diferente, pois a folia do Divino Pai Eterno foi devidamente reconhecida em cartório conforme o documento em anexo na figura 16, sendo um acervo do Sindicato Rural.

O autor da ideia de reconhecer a Folia do Sindicato ou do Divino Pai Eterno em cartório foi do Job Alves Guimarães, que na época era vereador e membro da diretoria do sindicato conforme podemos ver no documento em anexo, na figura 16, ele afirmava que a folia era para ser celebrada nesta data e em três dias, e que por ter surgido dentro do sindicato queria que ficasse documentado.

Figura 16 – Documento de registro da Folia do Sindicato e Acervo deste

Regulamento da Folia do Divino Pai Eterno (Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

Será realizado nos três dias que antecedem o feriado de Corpus Christis ou seja inicia na segunda feira e entrega na quarta feira .

Saída sempre do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares de Petrolina de Goiás, com café da manhã , girando até o almoço onde for marcado, depois do almoço gira até o local do café da manhã posterior, que será onde posa a bandeira e os instrumentos.

- Teremos 3 cafés da manhã
- Teremos 3 almoços
- Teremos um jantar na entrega.

Tabelar

Segunda feira café da manhã e almoço.

Terça feira café da manhã e almoço.

Quarta feira café da manhã e almoço e entrega.

Não poderá ter qualquer mudança nesse regulamento, sem autorização da direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultores Familiares de Petrolina-Go.

A renda das esmolas e quaisquer outras doações serão para ajudar na organização da entrega.

Petrolina de Goiás 06 de Junho de 2.015.



Fonte: Steward (2024).

A festa hoje continua firme, mesmo o seu idealizador não estando presente, seu legado está sendo cumprido com muita dinâmica, a Folia do Sindicato está a cada ano com mais foliões e a sociedade tanto do campo e da cidade, vai aos cafés da manhã, almoços e pousos. Todavia a Marcha das Margaridas veio reverberar a força da mulher campesina, principalmente aquela que trabalha na agricultura familiar, pois até então as trabalhadoras rurais eram

marginalizadas. Nesse sentido, a resistência por meio de lutas pelos direitos alavancou esse movimento social tão essencial, gerando a força desse gênero.

A Marcha envolve trabalhadoras rurais que se expressam numa aparição pública, buscando maior visibilidade para as questões dessas mulheres, estabelecendo diálogos e negociação com o Estado para romper vários paradigmas até então não reconhecidos. Vejamos o que Aguiar (2016, p. 283) aborda em seu livro sobre esse movimento campestino:

Marchando, as mulheres trabalhadoras rurais, como se denominavam, adentraram o espaço público, reivindicando sua visibilidade e a afirmação de outras identidades na sua construção como sujeito político. Sem abrir mão de reivindicações históricas dos movimentos de mulheres rurais, elas passaram a pautar novas questões e ampliaram, assim, o campo de temas e problemas que adentram o universo das relações sociais.

Realizada uma análise do papel que as mulheres desenvolvem dentro da produção agrícola, é possível asseverar a relevância das lutas e dos incentivos para que ocorra uma maior igualdade de gênero dentro do campo, evidenciando-se a crucial importância do papel feminino para a continuidade da agricultura familiar.

Aníbal Quijano (1992) aduz que há três interesses centrais no capitalismo mundial que se articulam entre si e que ordenam as relações de exploração/dominação: trabalho, 'raça' e 'gênero'. Logo, os processos de classificação social imperiosamente se associam ou não ao procedimento de exploração que é heterogênea e descontínua. Por muitos anos a mulher no regime da agricultura familiar estava conexas ao matrimônio e à reprodução, sendo vistas como procriadoras destinadas aos afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos e do marido. Contudo, investigações atuais despontam a mudança desse cenário. Tendo em vista salutar acuidade de se olhar a mulher como fator basilar na pequena produção.

Assim sendo está relacionada ao fato de que, se as condições entre homens e mulheres do campo fossem igualitárias, a produção agrícola dos países teria acréscimo nas suas produções. Porém são necessárias políticas públicas que abonem o acesso à terra para a mulher, que proporcionem educação, cultura e lazer, que auxiliem na geração de emprego e na melhoria da renda das famílias que vivem da agricultura familiar.

A questão da liderança política sindical, mesmo dentro de uma pequena sociedade rural, se destaca porque ali se inicia a carreira de políticos na pequena cidade do interior goiano. O antigo presidente, Job Alves Guimarães, faleceu em março de 2021, e sua filha Lorrany Guimarães já trabalhava há vários anos no sindicato com seu pai. Com a morte do pai, ela deu continuidade ao trabalho, destacando-se num momento crítico quando a pandemia prolifera mundo afora.

Lorrany Guimarães é a primeira mulher eleita por eleição direta como presidente do Sindicato Rural dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na cidade de Petrolina de Goiás. Ela não só dá continuidade ao trabalho do pai, que foi vereador por dois mandatos, mas continua a organizar os eventos da entidade classista para seus afiliados. Portanto a resistência da mulher campesina goiana é expressa, nesse caso, através da continuidade de eventos e o trabalho com as políticas públicas para os trabalhadores rurais, tais como aposentadoria rural, programa Minha Casa, Minha Vida Rural, com o cadastro de vários lavradores, além de rezas, terços, folia do Divino Pai Eterno.

O Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Petrolina de Goiás teve participação no Encontro Nacional da Marcha das Margaridas 2023, e outros acontecimentos ansiosamente aguardados pelos afiliados. A Marcha das Margaridas foi um evento nacional de grande destaque nas mídias nacionais e mundiais. Ela aconteceu em Brasília-DF nos dias 15 e 16 de agosto de 2023. Várias carreatas de mulheres de todo o país rumaram para a capital num encontro marcado pela reconstrução da democracia e pela luta por reconhecimento das trabalhadoras rurais.

O evento foi organizado pela FETAEG, CONTAG e várias instituições que apoiam o movimento das trabalhadoras rurais. Em Goiás, houve um grande número de caravanas saindo de todo o interior do estado para apoiar a Marcha das Margaridas. As mulheres que participaram da Marcha das Margaridas foram com suas indumentárias, cada caravana com um modelo de chapéu diferente para serem reconhecidas (figura 17). Em Goiás elas confeccionaram na FETAEG camisetas com frases indicando a localidade.

Figura 17 – Chapéu utilizado na Marcha das Margaridas, pelas trabalhadoras rurais em agosto de 2023



Fonte: Steward (2023).

As mulheres camponesas se reuniram na FETAEG para confeccionar os adereços dos chapéus utilizados na Marcha das Margaridas, sendo que cada região do estado de Goiás foi elaborando um adereço para ser o diferencial no dia do evento. Vários ônibus saíram de Goiânia, Anápolis e outras cidades com destino a Brasília. No interior de Goiás foram inúmeras caravanas para o evento, as camisetas com o símbolo da luta também fizeram parte dos visuais dessas mulheres agricultoras.

O ano de 2023 se diferenciou pela organização deste evento ímpar para as mulheres lavradoras. Os organizadores do evento serviram refeições para as participantes, bem como abrigo para aquelas que vieram de lugares distantes do país. De uma grandiosidade espetacular, os dois dias de um evento nacional, contribuíram muito para o fortalecimento dessa classe operária tão essencial ao país. As participantes da marcha eram mulheres do campo, da floresta, das águas, mulheres quilombolas, indígenas, mulheres boias-frias, agricultoras que trabalham de sol a sol com mãos calejadas da enxada, aguerridas, destemidas e em constante luta por melhorias.

Os trabalhadores rurais que vivem em regime de agricultura familiar por vezes desenvolvem formas bem rudimentares de trabalho na terra, tal como muitas dessas lavradoras. A forma e a técnica de trabalho desenvolvidas fazem com que toda a família se envolva na produção e elaboração do plantio na terra. Porém, no mundo camponês, a divisão de trabalho entre homens e mulheres também evidencia a masculinização e a submissão cultural. Por isso, a agrariedade torna-se um palco de luta e resistência das trabalhadoras rurais.

Uma vez que os movimentos autônomos, tanto locais como regionais, só vieram se fortalecer a partir de 2004, quando uns grupos de mulheres se uniram sob a sigla do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), começam a surgir experiências e transformações concretas na vida das mulheres camponesas. Nesse sentido, apesar de o movimento lutar pelo reconhecimento de diversos direitos necessários a uma vida digna, tais como saúde, educação e direitos previdenciários, o primeiro pendão levantado pelo movimento foi, precisamente, a necessidade de reconhecimento da profissão de trabalhadora rural.

Além disso, foi a partir da organização do movimento de mulheres que se deu notoriedade à seriedade desses corpos femininos dentro da agricultura familiar e da agroecologia, evidenciando as mulheres como grandes responsáveis por romper com o nexos de produção capitalista no contexto rural.

O Estado brasileiro vem reconhecendo a passos lentos os direitos de mulheres e das trabalhadoras rurais, sendo que essa luta ainda acarretará um longo tempo para ser estabelecida,

já que enfrenta entraves às vezes infinitos; ainda assim, com movimentos de resistências e lutas, êxitos têm sido obtidos. O artigo oitavo da Constituição Federal de 1988, mais conhecida como “Constituição Cidadã”, prevê que essas conquistas e lutas sociais venham com reivindicações e greves, que são fundamentais na democracia do direito social e econômico, da igualdade e da justiça.

Desse modo, o acesso a direitos trabalhistas e previdenciários impacta o trabalho desenvolvido pelas mulheres por meio de lutas constantes. Houve uma ruptura com o passado a partir do momento em que as mulheres camponesas passaram a atuar de forma combativa na luta pelo reconhecimento de direitos. Dentre os direitos adquiridos pelos movimentos de mulheres camponesas estão: a filiação sindical, acesso à aposentadoria especial, emissão de documentos pessoais aos quais muitas não tinham acesso, inclusão em programas do governo federal, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF etc.

O PRONAF foi criado através da Lei n. 11.949/2009, que incentivou o pequeno produtor rural a melhorar sua qualidade de vida e de suas famílias, evitando o êxodo rural, promovendo o desenvolvimento socioeconômico, local, regional e nacional. O trabalhador rural conquistou a implementação dessas políticas públicas depois de um árduo tempo sem serem notados e abarcados pelo governo. Considerando que os agricultores necessitam de uma atenção especial para que permaneçam no campo, as políticas públicas essenciais devem focar na sua subsistência com conscientização, sensibilidade e responsabilidade ambiental, promovendo a qualidade de vida no campo.

A luta de classe de trabalhadores e trabalhadoras rurais perdura por vários anos, buscando a implementação de construções espaciais, de fazeres da política, de projetos societários, com multiplicidade de linguagens e códigos. Para Ribeiro (2005, p. 268) movimentos sociais são complexos:

Os sujeitos sociais e a ação política apresentam, agora, maior complexidade, confrontando paradigmas que orientam, até há pouco tempo, os projetos de transformação social. Estes sujeitos propõem novos híbridos institucionais, atuam em várias escalas, exigem a releitura do Estado, defendem diferentes sentidos de nação, rejuvenescem tradições e impedem a sua completa absorção em instituições da modernidade.

Destarte, é possível concluir que o patriarcado há muito silencia as mulheres, mesmo elas ocupando papéis sociais relevantes no contexto urbano ou no rural, sendo que, só a partir da organização das mulheres rurais, elas foram reconhecidas como sujeitos de direitos. Contudo, seguem em uma luta que não se encerra. Insta mencionar que a agricultura brasileira

trouxe grandes transformações no campo, e que, embora as dificuldades estejam presentes, também vigoram as conquistas. A construção das identidades dos trabalhadores rurais surge a partir de um constante crescimento das lutas pela conquista da cidadania.

É na década de 1960 que os direitos sociais sofrem importantes alterações com a implementação do Estatuto da Terra, lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, que dispõe e regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola. Nesse estatuto se considerou direitos essenciais aos trabalhadores rurais, autônomos e empregados domésticos, setor até então excluído do sistema de cidadania.

Foi através do Estatuto que se deu guarida ao trabalhador rural para ser realizado os Contratos de Parceria Agrícola, de Comodato, Arrendamento. Sem esses contratos o trabalhador não tem uma prova substancial para se aposentar como lavrador. No Estatuto também se determina, entre outros aspectos, o número de hectares de terra que vai constar nesses documentos.

O Contrato de Parceria Agrícola é sempre levado a um Cartório para ter efeito jurídico. Nele se esclarecem a referência ao Estatuto da Terra e as condições às quais os trabalhadores rurais vão se submeter com o proprietário da terra, como, por exemplo, o tempo de validade do contrato. Entretanto, os direitos sociais foram poucos por muitos anos no Brasil, com governos tiranos nos quais o interregno democrático sofreu consequências, de abrangência social, bem difíceis para os trabalhadores rurais.

Uma das consequências de largo alcance social do processo foi a expulsão de posseiros e a substituição de foreiros, meeiros e arrendatários por diaristas, os chamados “boias-frias”. Como forma de contraposição à expropriação, foram criadas as ligas camponesas, associações de trabalhadores rurais que exerceram a intensa atividade de 1955 até o golpe de 1964. Inicialmente fundadas em Pernambuco, as ligas estenderam-se por vários estados do país e colocaram na ordem do dia a questão da reforma agrária e da melhoria efetiva das condições de vida e trabalho nas áreas rurais (Pinsky, 2012, p. 483, grifos do autor).

Esse Brasil que passou por governos inconsequentes e ditaduras vem sofrendo grandes perdas para trabalhadores rurais ou urbanos, pois a divisão das tarefas nunca foi igualitária, sempre foi discriminatória, sem qualquer amparo para aqueles que mais carecem. É importante salientar que, apesar de ocuparem cada vez mais espaço, a atuação de mulheres no mercado de trabalho ainda é permeada por uma série de barreiras e obstáculos que comumente não são enfrentados por homens.

A luta da mulher campesina deve ser reelaborada para considerar o fato de que ainda há no campo uma maioria das mulheres analfabetas, que nunca tiveram acesso a escolas,

e cujo labor sempre foi braçal, sua lida sempre foi na roça, pois elas nunca tiveram oportunidade de estudo. A mulher campesina demorou muito para conquistar o benefício de aposentadoria rural, o que se torna mais relevante quando se considera o aspecto físico das trabalhadoras rurais com cinquenta e cinco anos, que é a idade estabelecida para lavradoras. Elas aparentam fisicamente ter mais idade, pois o sol e a enxada deixam marcas profundas na pele e muitas vezes na saúde.

Os instrumentos de trabalho podem variar de acordo com a função que cada trabalhador exerce. Como define Hannah Arendt (2007), as ferramentas reforçam a força humana até serem trocadas.

As ferramentas e instrumentos que podem suavizar consideravelmente o esforço do labor não são, eles mesmos, produtos do labor, mas do trabalho; não pertencem ao processo do consumo: são parte integrante do mundo de objetos de uso. O papel que desempenham, por maior que seja para o labor de qualquer civilização, jamais pode atingir a importância fundamental que os instrumentos têm para todo tipo de trabalho. Nenhum trabalho pode ser produzido sem instrumentos (Arendt, 2007, p. 89).

Nem sempre as lutas de enfrentamento e de resistência em diferentes momentos da história do país foram marcadas por reivindicações permanentes, mas esse é o caso de Margarida Alves, trabalhadora rural brutalmente assassinada por um fazendeiro, e lembrada pela Marcha das Margaridas. Ano após ano, o crime é recordado pelos organizadores e narrado para os manifestantes, figura 18.

Figura 18 – Marcha das Margaridas, agosto 2023 - Brasília - DF



Fonte: Steward (2023).

Nestes processos de enfrentamento e resistência, o que está em jogo é a condição da vida das mulheres como pertencentes a essas expressões grupais, comunitárias, de determinadas populações e classes sociais populares. Sendo assim, nota-se que as mulheres aparecem como protagonistas recentes como empreendedoras rurais, rompendo os padrões vigentes e se destacando nas funções que ocupam como representantes de classe, promovendo as mudanças em um meio até então bem masculino.

Em suma, essas mulheres aguerridas se destacam por valorizar os saberes compartilhados através das gerações, aprimorando seus conhecimentos, sua independência e contribuindo para uma nova forma de produzir, empregando a sensibilidade e criatividade feminina.

2.2 TROCAS PERMEADAS DE SOLIDARIEDADE E O LABOR DO LAVRADOR

A análise das relações de trabalho gestadas no campo veio ilustrar importantes aspectos dessa labor em que predomina, ainda hoje, a solidariedade. É importante destacar que, para realização de eventos nas zonas rurais, ainda hoje permeiam as trocas de trabalhos bem como mutirões camponeses. Também vale considerar o que Hannah Arendt (2007, p. 79), avulta sobre os prazeres do labor e como esse processo veio se modificando através dos séculos:

A bênção do labor consiste no fato de que o esforço e a recompensa seguem-se tão de perto quanto a produção e o consumo dos meios de subsistência, de modo que a felicidade é concomitante com o próprio processo, da mesma forma como o prazer é concomitante com o funcionamento de um corpo sadio. A «felicidade da maioria», na qual generalizamos e vulgarizamos o contentamento que sempre abençoou a vida terrena, conceituou como «ideal» a realidade fundamental de uma humanidade que labora.

No processo histórico brasileiro, durante muitos séculos, as grandes propriedades de terra se estabeleceram em torno da agricultura camponesa, mas calcadas na exploração da mão-de-obra escrava. Isso sedimentou diversas pressões, constituídas no seio das relações sociais de trabalho e da produção brasileira, que resultaram em empecilhos para um desenvolvimento igualitário no espaço agrário.

Ao se analisar o trabalho assalariado, mas ainda sem qualquer regulamentação, observa-se que os trabalhadores suportavam condições muitas vezes semelhantes às dos escravos. Pouco ou nada existia que pudesse ser comparado a uma efetiva proteção do trabalhador, tanto na relação com o empregador como na questão relativa aos riscos da própria atividade laborativa.

Ademais dentro dessa proteção social com medida de caráter social para atender as necessidades dos indivíduos ou um conjunto deles que vai refletir sobre a sociedade campesina. A atual realidade econômica e social mostrou que já não era suficiente dar a cada um o que é seu, mas que seria necessário, algumas vezes, dar o que não é seu para engrandecer a condição humana e reduzir os abismos sociais. Desse modo a proteção social, em sua essência, surgiu no ambiente familiar. A concepção de família já foi bem mais forte no passado, quando era comum a vivência de grandes aglomerados familiares.

A agricultura familiar abarca uma série de posicionamentos, a maioria dos trabalhadores que vivem da agricultura familiar, vem sofrendo várias evoluções, transformando e tomando novos sentidos para se adaptar ao novo modelo agrário vigente no país, Baudel (1999, p. 52) reflete sobre isso:

[...] guarda ainda muitos de seus traços camponeses, tanto porque ainda tem que enfrentar os velhos problemas, nunca resolvidos, como porque, fragilizado, nas condições da modernização brasileira, continua a contar, na maioria dos casos, com suas próprias forças.

Trabalhadores rurais são agricultores em diversas lavouras, mas na maioria das vezes não possuem suas próprias terras. Vivem migrando de uma localidade a outra, são boias-frias, assalariados ou não, trabalhadores avulsos, acompanham o ciclo de terras produtivas das diversas culturas de plantio. Os lavradores das fazendas do município de Petrolina de Goiás plantam pimenta e a esposa estala e ajuda na colheita. Estalar é retirar o galho verde da parte vermelha da pimenta, um trabalho árduo que requer paciência e aptidão com as mãos. Como o pagamento é por quilo, são dias para obter uma quantia significativa para meio salário mínimo mensal. O trabalho é totalmente manual e envolve as mulheres da casa.

A agricultura familiar é um regime comum para o trabalhador do campo. As plantações não são em grande quantidade, as terras não são extensas. Planta-se muitas vezes em pequenas áreas “moitas” e culturas como as de quiabo, inhame, abóbora são tanto para o consumo de sua família como para venda em feiras ou trocas com vizinhos e amigos. Há ainda aqueles trabalhadores que realizam o plantio da mandioca, e dela fazem polvilho, farinha, geralmente na meia com vizinhos ou amigos, trocas permeadas e inseridas no cotidiano familiar.

As trocas permeadas são realizadas entres os amigos e vizinhos e pressupõem afeto e dádiva ao próximo. Acontecem no cotidiano das fazendas com parentes ou amigos próximos. Sendo aquilo que foi colocado no meio do outro transposto para ser inserido também entre a colheita de alimentos, o feitio do polvilho é uma troca permeada, pois vai ser feita na meia entre quem cedeu a terra e quem plantou e depois quem fez o processo do feitio. Esse tipo de trabalho manual é bem característico dos trabalhadores do sindicato rural. Eles sabem informar sobre a lida na roça, suas formas de plantio ou ordenha do gado, as secas ou chuvas para cada tipo de terra, pois existem terras com excesso de pedras em que não podem ser plantados qualquer tipo de cereais.

Esses detalhes das plantações são apreendidos pela pesquisadora no convívio diário com os associados do sindicato rural e, com o decorrer dos anos, pude entender melhor as variadas fases da terra e suas estações de chuva e seca, pude compreender ainda, com riqueza de detalhes, o preparo da terra para cada tipo de plantação bem como a colheita destas.

A prática da agricultura familiar tem sido vista como fator importante tanto para a integração social, possibilitando emprego e renda, quanto como via de sustento para as famílias,

favorecendo a sociedade com a geração de alimentos e aumentando o sentimento de cidadania de um grupo às vezes excluído e esquecido pelo governo. Já o assistencialismo, que se caracteriza pela ação de caridade de membros da comunidade em favor dos indivíduos socialmente desassistidos, é uma ação espontânea e desinteressada de pessoas e instituições, sem participação estatal. Por sua vez, o mutualismo é uma fórmula protetiva pela qual um grupo de pessoas promete se ajudar mutuamente em qualquer eventualidade, constituindo um fundo comum destinado a essa finalidade.

Para o trabalhador rural ter acesso à previdência social, um dos itens mais importantes é ser filiado ao sindicato rural, dispondo da carteira de filiação e da ficha sindical. Além disso, a afiliação lhe garante uma série de direitos. O filiado contribui uma taxa ao sindicato, mas não precisa pagar a previdência como as demais classes de trabalhadores do país. Assim sendo, a prática seguinte é a da previdência social, que é um seguro social obrigatório, de caráter legal, retornado ao trabalhador e aos seus dependentes. Por fim, a seguridade social é um sistema amplo de proteção social e ampara todas as necessidades sociais, independentemente de contribuição.

A implantação de políticas públicas essenciais a esse grupo tem como exemplo a lei nº 8.213 de 1991, da previdência social, a qual reconhece direitos de aposentadoria ao trabalhador rural com idade de 60 anos para o homem e 55 anos para a mulher. A PEC n. 103/2019 não alterou a idade e nem modificou as normas conseguidas com tanta luta por essa classe de trabalhadores rurais.

Os trabalhadores rurais do sindicato de Petrolina de Goiás têm variados tipos de labor dentro de cada região de fazenda. Dentre as produções do município, tem-se a criação de gado e também uma grande diversidade de produtos alimentícios que são plantados nas roças, muitos deles consumidos na região e outros levados para venda fora da cidade. A agricultura familiar está muito bem inserida dentro do sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Petrolina de Goiás.

Lamarque (1994, p. 18), a partir da análise das considerações sobre o modelo camponês, assume que:

Distintamente da maioria dos setores de produção, a agricultura faz apelo a grupos sociais limitados que têm em comum associar estreitamente família e produção, mas que se diferenciam uns dos outros por sua capacidade de se apropriar dos meios de produção e desenvolvê-los.

O autor supracitado salienta a sua preocupação em relação à organização do trabalho, à divisão de tarefas e à participação da família, bem como a exploração do trabalho, realizando um comparativo com outros países. A integração social promoveu a prática da agricultura familiar no país, gerando alimentos que promovem a cidadania, pois estes trabalhadores rurais são responsáveis por uma grande quantidade de comida na mesa do brasileiro. Estima-se que até 70% do que vai para a mesa do brasileiro origina-se da agricultura familiar.

A rede de trocas nos trabalhos pode ser definida sobre vários pontos dentro de determinadas sociedades, como afirma Milton Santos (1999, p. 21):

A cidade abriga uma parte importante dos empregos agrícolas, de tal maneira que temos hoje no país mais empregos e atividades agrícolas do que rurais. O campo é que é o lugar do capital e não mais a cidade. É o campo brasileiro o lugar de acolhimento mais fácil para o capital. A cidade resiste às formas hegemônicas do capital e passa a ter um papel de porta-voz desse campo larga e profundamente capitalizado, juntamente com a obrigação de estender a verticalidade ao campo por meio de processos técnicos nas áreas da produção direta.

Tem-se a dimensão da importância do agricultor brasileiro nessa rede de entendimento entre o campo e a cidade, pois o país não vive sem os expedientes do campo e tampouco o campo vive sem os recursos da cidade. Pode-se definir, assim, uma rede de trocas de trabalho e um círculo essencial de sobrevivência humana. Todavia, há vários anos o governo brasileiro estimula ilimitadamente as linhas de crédito ao agro e aos grandes produtores rurais. Apoiou-se em demasia a grande extensão da agricultura em favor da produção para exportação, sendo que a agricultura familiar foi deixada de lado por muito tempo.

Isso ocorre de forma lastimável com um grande prejuízo para a biodiversidade, pois é o meio ambiente quem mais sofre com desertificação do solo, como o Cerrado, bioma onde as consequências climáticas estão cada vez piores. Da mesma maneira, a mecanização da lavoura tirou o emprego de muitos agricultores. Oliveira (2007) entende que o capitalismo e as transformações que o campo vem sofrendo ao longo dos anos são questões diversas que integram essas mudanças.

Outra característica das relações de produção no campo sob o modo capitalista de produção decorre do fato de que a força de trabalho familiar tem um papel muito significativo e vem aumentando numericamente de modo expressivo. Para exemplificar esse fato, basta lembrar o caso brasileiro, em que ela representa mais de 80% da força de trabalho empregada na agricultura, ou então recorrer ao exemplo norte-americano, cujas pesquisas recentes mostram uma participação massiva das family farms, isto é, da produção baseada no trabalho familiar (Oliveira, 2007, p. 8).

A produção agrícola da família vem superando expectativas pois o pequeno produtor tem um lugar fundamental na economia local, regional, como em municípios do interior como Petrolina de Goiás a subsistência da economia a local da cidade vem da renda desses trabalhador rural que se aposenta em regime de economia familiar, conforme a lei previdenciária, nº8.213/91.

Os trabalhadores do sindicato não fazem parte de cooperativa ou algo similar, apenas são filiados e muitos deles têm suas terras ou trabalham nos sistemas de trocas de diárias, arrendamentos, comodatos, contratos de parceria rural. Apesar de todas as mudanças ao longo dos anos, a agricultura familiar vem conseguindo se reinventar através de políticas de suma importância para o produtor, pois essa agricultura de subsistência é responsável por mais de 70% da alimentação produzida no Brasil. Do mesmo modo, a agricultura familiar, pois tem igual importância dentro do contexto mundial, destacando-se como base econômica de 90% dos pequenos municípios de até vinte mil habitantes, como no caso de Petrolina de Goiás, que possui pouco mais de nove mil habitantes.

A organização da economia camponesa é uma expressão de seu livre-arbítrio, ou seja, plantar e vender o próprio cultivo e realizar o valor monetário do trabalho é uma grande expressão de autonomia camponesa, pois a destaca como classe operária de produção capitalista. Pode-se especificar esse modo da economia camponesa a partir do controle dos próprios meios de produção. Mesmo sendo uma produção de subsistência e trabalho familiar, existe a organização política dos camponeses através de suas lutas e resistências frente ao capital, sem falar que, atualmente, existem programas e políticas públicas essenciais voltadas aos lavradores.

A economia camponesa possui aspectos especiais pelo caráter familiar da separação do trabalho. Há ainda a questão do gênero para se dividir os trabalhos e as regras são estabelecidas a partir da lógica parental que define a produção e o consumo, unindo o empreendimento agrícola e a família. A terra é concebida como um meio de produção, mas também como lugar de criação dos filhos, ou a terra herdada dos pais. O cultivo de hortaliças, os pomares trazem um conjunto de saberes e evidenciam relações particulares com a natureza.

Insta mencionar que o homem do campo traz, em relação à natureza, o conhecimento de seus ancestrais acerca do clima, do solo, do calendário agrícola para planejar a produção, manejos como os animais, e do calendário lunar. Portanto os elementos da cultura camponesa trazem características próprias e estes camponeses podem ser diferenciados das

demais classes de trabalhadores. Pode-se destacar que o lavrador é composto por uma tríade: família, trabalho e terra.

No entanto, para compreender o campesinato enquanto classe social que apresenta um modo de vida repleto de elementos culturais e identitários simbólicos, e a história da construção social do campesinato bem como de outras categorias socioeconômicas, deve-se romper com a anteposição do econômico e privilegiar os aspectos ligados à cultura. Nesse sentido, destaca Silva e Ferrari (2018, p. 218):

Tratar da dimensão da cultura ao se referir a formação do campesinato é importante para compreendermos essa expressão camponesa não apenas por suas características econômicas, ou melhor, por um determinismo econômico, mas compreendê-lo enquanto um modo de vida que, enquanto manifestação cultural, resiste a expansão das relações capitalistas no campo. Dessa forma, não se trata de uma cultura específica, isolada, mas que possui relação direta com os processos mais amplos de reprodução do capital.

As práticas culturais são transmitidas por gerações, algumas espontaneamente de pais para filhos. É importante identificar que um dos organismos de resistência do campesinato é a sua constância na contemporaneidade. Essa influência da cultura na formação identitária do homem camponês é muito visível dentro da história do município de Petrolina de Goiás, bem como nas memórias. Nas escolhas cotidianas do sujeito estão implícitas as barganhas estabelecidas com as definições que a cultura pleiteia.

A figura 19 demonstra que os costumes do homem camponês transcendem e vão até a cidade, com suas tradições abarcadas através da memória, das gerações, sendo que o saber cultural estará vinculado aos valores do grupo em locais e períodos diferentes da história.

Figura 19 – Desfile de carros de boi, da II Festa dos Carreiros em Petrolina-GO



Fonte: Steward (2023).

A dinâmica social propriamente camponesa perfaz suas normas e conhecimentos com papel da tradição oral, a percepção circular do tempo, os padrões específicos de socialização e aprendizagem dos camponeses, bem como as tendências, ideologias e os modelos de cooperação do grupo. A oralidade dentro da cultura camponesa sempre teve destaque como ferramenta de transmissão dos valores morais de narrativas que contam histórias e sua realidade bem como os mitos, que marcaram a vida dos antepassados, como questões agrárias, de ocupações territoriais, mortes, massacres e tantos outros que fazem parte da trajetória familiar de muitos lavradores pelo Brasil afora.

Assim sendo, esse conjunto de saberes é milenar e está presente ao longo da humanidade com destaca Favaro e Corona (2017, p. 3):

Estes saberes, valores e culturas remetem à uma herança agrária milenar, acumulada há 10.000 anos, desde a era neolítica. Agricultores desenvolvem conhecimentos antes de estes serem sistematizados no meio acadêmico. Desta forma, camponeses em suas diversas formas de relações e especificidades de valores e cosmovisões, colocam-se em contínuos embates com a ideologia dominante moderna capitalista.

As festas populares são tradições que demarcam a resistência dos povos em defesa de sua cultura e de seus costumes, como pode-se destacar as performances das celebrações de caráter religioso que buscam homenagear os santos de devoção daquele grupo como nas fazendas, sempre de forma festiva e alegre, nas quais há Folia de Reis ou Folia do Divino Pai Eterno.

2.3 OS TRABALHADORES RURAIS E SUAS REZAS: O CULTO AO DIVINO PAI ETERNO

A folia em Goiás tradicionalmente girou e permaneceu na zona rural. Até o final da década de 1960, esse ritual era predominantemente campesino, em municípios como Petrolina de Goiás. Era passada para os foliões em potencial pelas performances, quando a ligação do campo com o mundo era feita por intermédio de alguns aparelhos de rádio que existiam em poucas casas, e o isolamento do homem do campo era bem dimensionado. Sendo que a folia do sindicato rural de Petrolina de Goiás compõe uma tradição cultural dentro daquela sociedade e seus afiliados. Essa folia surgiu em 2015 e permanece até o período de 2024, pois todo esse período foi acompanhado e pesquisado.

A história das folias em Goiás tem um papel relevante para a sociedade, ajustando e solidificando a todas as regiões e povos, pois são reproduzidas ao longo das gerações, gerando uma grande diversidade cultural, como salienta o autor Alves (2009, p. 8):

Com base no sucinto histórico das transformações ocorridas nas relações entre campo e cidade dos anos de 1960 aos anos de 1990 e observadas às consequências desse processo nas manifestações culturais, podemos sugerir que a Folia de Reis é lócus cultural de variáveis situações de transmissão da identidade cultural goiana, mesmo depois das modificações, no próprio ritual, impostas pela modernidade.

A prática de preparo das folias em Goiás consolida uma identidade cultural para os foliões goianos, pois a comunidade de fazenda da região que vai haver a festa se mobiliza por um ano ou meses para a concretização desse ato grandioso que é a folia. Todavia, para que se concretize uma folia deve haver a construção de ranchos para a cozinha e as rezas, a fomalha com fogões rústicos de tijolos construídos no chão, a engorda dos animais para o dia que será

oferecido o almoço ou pouso, as plantações de arroz, feijão, sendo que todos esses passos constituem o ritual tradicional de grande parte das folias em Goiás.

Esse trabalho é sempre realizado de forma coletiva, dentro da família e com troca de dias com vizinhos, parentes e amigos. Essas trocas de trabalhos realizados pelos trabalhadores funcionam da seguinte forma: se um lavrador vai oferecer um pouso de folia em sua fazenda, ele geralmente convida amigos para fazer a extensão de uma cozinha, pois na cozinha da casa cabe uma quantidade pequena de pessoas.

A barraca é montada como uma cozinha artesanal, de forma rústica, com bambu nas laterais e folhas de guariroba para tapar o sol intenso e a comida. Essa barraca de bambu é segurada com um elástico de borracha preta para firmar as estacas e o telhado de folha da guariroba, sendo que geralmente os donos da casa preparam a barraca uma semana antes do almoço ou pouso e começam já a fazer as carnes, os doces as iguarias, preparando as comidas e serem servidas no dia da folia.

Descrevendo ainda a cozinha, tem-se os fogões à lenha são bem rústicos, construídos de barro, com uma estatura baixa, porém bem largo para que caibam os panelões, conforme a figura 20.

Figura 20 – Construção da cozinha na Fazenda cachoeira



Fonte: Steward (2022).

Às vezes o dono da casa coloca essa construção à frente da residência e do lado uma grande barraca para receber os foliões, pois a maioria das casas na zona rural tem cômodos pequenos. A cozinha sempre é uma extensão pequenina, anexa a uma área de lazer onde as pessoas daquela casa fazem as refeições e recebem os amigos. Porém, em dias de folia a acolhida é diferenciada.

Nesse contexto acontece a troca de trabalhos entre os vizinhos, parentes e amigos. Eles ajudam a montar toda a cozinha, bem como o preparo para a elaboração da comida. Fazem da seguinte forma: um ano será um vizinho quem dá o pouso e recebe a ajuda dos demais amigos, em outro ano é o seu vizinho. São trocas de trabalho a todo momento.

Quanto aos mantimentos também há uma troca constante; se um plantou arroz e tem em abundância, compartilhar com o festeiro, pois em outro momento aquele que ajudou vai precisar, e assim segue esse ritual de trocas sempre constante entre os lavradores ou até mesmo fazendeiros. Ou seja, é um segurando na mão do outro e assim segue a festa.

Os lavradores têm um pacto bem interessante, tanto homens quanto mulheres não cobram essas ajudas dos amigos. Ela é sempre acordada entre parentes vizinhos. Às vezes grupos de trabalhadores rurais do sindicato fazem esse acerto, nunca pedem nada em troca, somente às graças aos Santo Reis e ao Divino Pai Eterno, pelos quais mantêm uma intensa devoção.

Na Folia do sindicato de 2022 e 2023 pode-se observar isso claramente entre aqueles que oferecem almoços e pousos. Para salientar essa permuta de favores, no ano de 2022 a entrega da folia foi na casa da Tati; várias mulheres, todas trabalhadoras rurais, ajudaram na cozinha. Eram cerca de dezoito mulheres a fim de realizar o preparo da comida e de outros itens da festa, que havia ficado mais de dois anos sem acontecer.

As mulheres fazem um trabalho totalmente voluntário, pois no ano vindouro pode acontecer a folia em suas casas. No ano de 2023, o almoço foi na casa da Poliana, então a Tati, que havia recebido muita ajuda das amigas, foi totalmente prestativa, ajudando a Poliana com o preparo da comida. Esse acordo entre homens e mulheres é bem antigo nessa sociedade rural ou urbana dentro das folias no município de Petrolina de Goiás. Parece até que seguem um pacto, mas na realidade isso é a troca, o “ajutóro”, como costumam proclamar os integrantes do sindicato.

Os lavradores realizam a festa uma vez no ano e dizem que não pode faltar comida. Na festa de encerramento da folia do ano de 2023, não havia os benditos de mesa, nem ninguém servindo a população que se estendeu em uma fila quilométrica em volta do sindicato dos trabalhadores rurais. Tudo foi servido de maneira livre; a pessoa chegava e se servia à vontade e, se quisesse levar um prato para casa, também podia.

Assim sendo, a comida, a cultura e a religiosidade estão relacionadas a momentos valiosos para aqueles que se agregam num determinado grupo social, como afirma Montanari (2008, p. 16):

Comida é cultura quando consumida, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas escolhe a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos de que a própria comida se reveste.

A fé do trabalhador rural e a solidariedade estão inseridas na sociedade que luta pela tradição, para que ela não se apague. Isso pode ser visto nos terços dentro do sindicato rural e nas Novenas beneficentes para ajuda de algum doente. Sempre que há novenas, existe um bingo com doação de uma novilha, para ajudar nos remédios de algum enfermo. O interessante é que não precisa ser apenas de pessoas associadas ao sindicato. Pode ser de qualquer membro daquela cidade, pois o intuito é ajudar ao próximo que está passando por dificuldades financeiras com sua doença.

Essa solidariedade é sempre visível dentro do sindicato, pois nas festas dos afiliados em dezembro a preocupação é sempre de fazer um evento para que os trabalhadores rurais se integrem, e os participantes concorrem a presentes oferecidos pela diretoria do sindicato. Esses presentes muitas vezes são donativos de comerciantes locais da cidade. Eles ajudam o sindicato com uma parceria de propaganda. Há ainda outra forma de realizar a festa, como um bazar de roupas e objetos usados, que ocorreu em novembro para arrecadar dinheiro para a festa de confraternização dos afiliados de fim de ano.

Salienta-se ainda que, dentro do associativismo e da economia solidária no Brasil, existe uma grande profusão de entidades ativamente empenhadas em fomentar a economia solidária que está crescendo intensamente, conforme exposto no livro “História da cidadania” (Pinsky, 2012).

O relacionamento baseado na solidariedade entre os trabalhadores rurais, suas trocas de trabalho nas fazendas da região onde vivem a cultura e a religiosidade e a fé dos trabalhadores no campo, as festas religiosas nas fazendas e o poder da aglutinação, bem como os direitos humanos e fundamentais, são responsáveis por trazer uma convivência única nesse espaço de luta social que é o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Petrolina de Goiás.

A força religiosa é o sentimento que a coletividade move em seus membros, mas projetado fora das consciências que o experimentam. Assim, para objetivar-se, ele se fixa sobre um objeto, que se torna sagrado. No caso, o exemplo da veneração ao Divino Pai Eterno, conforme a figura 21, apresentada nos altares das fazendas percorridas pelos giros.

Figura 21 - Entrega da Folia do Sindicato na Fazenda Barro Preto



Fonte: Steward (2022).

Para Durkheim (2003), a sociedade emana valores, fundamentando-se assim na harmonia, a integração adquire seu caráter de contexto homogêneo e as consciências individuais se associam a ela na medida em que internalizam as normas e valores coletivos dela emanados, de seus costumes enquanto consciência coletiva. A reprodução do saber popular envolve estruturas e processos sociais que codificam os festejos devocionais como performances e símbolos, pois esses viajantes vão às casas e recolhem dádivas através desses rituais, distribuindo bênção, atualizando promessas, anunciando a chegada de Santo Reis do Divino Pai Eterno nas residências das fazendas e casas na cidade de Petrolina de Goiás.

Quando esses foliões estão girando, eles utilizam uma bolsa de tecido denominada na cultura tradicional “capanga”. Essa bolsa serve para depositar os donativos, esmolas em

dinheiro arrecadadas nos giros das folias. Geralmente a arrecadação é feita pelos alferes da bandeira ou outra pessoa designada, no grupo, para tal função. Eles cantam, oram e pedem bênçãos aos donos das casas, e em agradecimento o dono e outros residentes dão dinheiro.

Todavia eles comentam que, na maioria das vezes, o que recolhem em dinheiro não tem tanto valor. Muitas vezes é pouca coisa quando se somam todas as esmolas. O objetivo é doar a asilos ou a quem necessita ou está passando por dificuldades financeiras com uma doença. Mas a grande honra para esses foliões é que o embaixador cante e louve os santos, fazendo com que suas promessas se concretizem.

Salienta-se o significado da festa, o viver, crer, celebrar e orar tem de certo modo de sopesar a festa, como assinala Brandão (2010, p. 27):

O mundo da metáfora: será este o lugar da festa? Um modo coletivo surpreendentemente denso e afetivo de se estar afinal, aqui e se ser finalmente outro? Um meio pelo qual, sob a ilusão da inexistência das regras do código que torna o cotidiano ao mesmo tempo indispensável e opressor, as pessoas trocam o corintiano ao mesmo tempo indispensável e opressor, as pessoas trocam entre si afetos e sentidos. Gestos, palavras e símbolos que não servem apenas para que sejamos mais felizes, mas para que, mascarados e diferentes, possamos dizer-nos uns aos outros e com ou sem a mediação do sagrado quem somos por quê.

As regras com que a festa proclama os seus rituais estão relacionadas às diferentes atitudes e performances implícitas e estabelecidas através das barganhas com os seus significados que a cultura vai demarcar em um processo lento e perspicaz. Essa arte performática define com o olhar sem tocar. O sentimento aflora com as músicas quando são cantadas em ritmos já conhecidos desde a infância, é um sentimento que os trabalhadores rurais trazem consigo de forma nítida, pois em giro com eles observam-se os seus anseios enquanto foliões e devotos do Pai Eterno.

A fé e devoção dos trabalhadores rurais fez com que essa ideia surgisse de forma inovadora, ou seja, dentro de um Sindicato Rural uma Folia, mas já pontuando a tradição goiana das folias do Divino Pai Eterno, no âmbito de festas religiosas:

Em Goiás, as festas religiosas foram transformando-se ao longo dos anos, transformações provocadas por vários fatores como a influência de processos migratórios, aumento populacional, melhoria nos meios de comunicação, crescimento das cidades e consequente urbanização (D'Abadia, 2010, p. 107).

São celebrações que demarcam a religiosidade popular associada a predicados da ruralidade goiana presentes nas formas de reverência aos santos, aos terços, às cantorias, aos versos rimados pelos embaixadores das folias, às manifestações do universo cotidiano, como

as bebidas alcoólicas nos giros, a pinga muito utilizada na região, os bailes com forró e outras danças após o jantar no pousou.

Essa folia acontece nos meses de maio ou junho, o ciclo é de três dias e antecede a comemoração católica do *Corpus Christi*. Ela é a festa da qual a comunidade rural, que agrega o sindicato rural, participa ativamente, contribuindo com os giros. Os trabalhadores rurais oferecem almoços e pousos, vão carregar as capangas para a esmola e a Bandeira do Divino Pai Eterno, cantar os versos e tocar os instrumentos.

Porém, no geral, a vida e o cotidiano do homem que vive na roça se destacam geralmente em costumes muito singelos. As relações de vida e trabalho nas comunidades camponesas, suas redes de trocas nesses espaços, seus modos de vida, a cultura, o papel da emoção e do pensamento na ligação do lugar, tudo isso promove uma identificação e vivência com os rituais descritos anteriormente.

Salienta Brandão (1981, p. 29), sobre o homem do Campesinato Goiano:

O cultivo de cereais para mercado exige a ocupação e o cuidado intensivo de áreas razoavelmente grandes de terra. Onde ainda não há mecanização, o trabalho é lento e pouco rentável. Os cereais são, portanto, cultivados em lavouras separadas e divididas entre o fazendeiro, os filhos e filhas casados que vivem e trabalham na fazenda e a quem o pai cede parte das terras cultiváveis para plantações próprias, os arrendatários ou meeiros, nos quais se incluem irmãos do fazendeiro, outros parentes e —estranhos.

As sociedades camponesas estabelecem relações sociais com os ritos e símbolos dentro das folias. A festa religiosa abarca inúmeras pessoas de um povoado rural, ou seja, esse grupo participa do preparo da comida, dos giros, nos percursos, fazem ornamentos para receber a Folia nas casas de parentes e amigos.

Cada sociedade, em determinado contexto histórico, constrói uma noção de religião que envolve a existência das pessoas e interfere no sentido de suas vidas. Sendo então que algumas coisas sagradas por essa razão são capturadas empiricamente no quadro da existência humana, sobretudo na formação moral, na identidade e na atitude do sujeito, pois os rituais definem o lugar das práticas e os procedimentos atitudinais.

A organização da folia pode ser gerida pelos ciclos de colheitas e abates nas fazendas, tudo é pensado de acordo com o período de secas ou chuvas, pois os fazendeiros são avisados com um ano de antecedência para a engorda dos seus animais. São quatro ou cinco meses preparando o animal e engordando para o abate na ocasião da festa.

Essas simbolizações unem paisagens e tempo como a festa religiosa ou mesmo o rito de celebração diversa, como a festa do Divino Pai Eterno e outras. Neste caso, não estão

presentes apenas a cultura cristã no teor do catolicismo popular, mas a passagem de significação das danças, das rezas, dos atos de criação de identidades de festeiros, donatários. Para que isso ocorra, o campo e a cidade se preparam num ato de refuncionalização de suas paisagens.

De tal modo desdobrando os saberes e as práticas culturais e os sistemas organizacionais, a folia e seu referencial estão dentro de um ritual que incide em várias etapas, com início na chegada e o pedido de pouso com versos rimados e improvisados que saúdam os donos da casa ou fazenda, sendo que ao aceitar o pouso os donos da casa pegam a bandeira e adentram a residência.

O andar dos foliões em espaço rural é a cavalo ou a pé, sempre segurando a bandeira, a capanga de esmolos, pelo pasto ou atravessando pinguelas para cortar as voltas das roças, passando nas porteiras das fazendas e adentrando nas casas. Esses foliões são recebidos com saudações e devoções pelos festeiros, nas moradias onde os louvores serão cantados e as promessas cumpridas.

As folias no município de Petrolina de Goiás vêm ressaltando todas as características de representações e rituais originadas de famílias mineiras, para a formação da sociedade atual, representando assim a pluralidade cultural da realidade do povo brasileiro, como instrumento que reconhece essa diversidade dentro do catolicismo popular. A folia do Divino Pai Eterno ou do Sindicato Rural abarca tanto a zona urbana como a rural do município, pois ela sai do Sindicato pela manhã e vai girar as casas dos seus afiliados, que oferecem o almoço e a janta.

É maciça a presença dos foliões, na sua maioria, trabalhadores rurais acostumados com a lida na roça e com o preparo de cozinhas para mutirões. Como já mencionado, são grandes cozinhas feitas para o evento em bambu e tampadas de palha de folha de guariroba. Não se veem estacas de madeira ou algo mais resistente. São cozinhas simples construídas para aquele momento festivo, bem como os altares e demais artefatos da festa.

O café da manhã é sempre servido com muita fartura, como visto na figura 22 com frutas e comidas típicas da região como pamonha, garapa, pão, biscoitos quebradores, canjica etc. Ele é servido na saída da Folia do Divino Pai Eterno no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Petrolina de Goiás. Esse é um momento de grande devoção para os participantes da festa.

Figura 22 – A mesa do café da manhã



Fonte: Steward (2022).

Esse momento simboliza o ato da partilha, pelo qual todos aqueles foliões têm muito respeito. Os devotos do Divino Pai Eterno estarão juntos por três dias em uma caminhada repleta de dedicação ao próximo, renúncia de estar junto aos familiares e demais afazeres do trabalho. Tanto na cidade como na zona rural é sempre muito bem preparada a comida, o altar e tudo mais. Os gastos são abundantes, às vezes faz-se necessária a ajuda de amigos, parentes e vizinhos, e na hora de elaborar a comida também participam várias cozinheiras.

A entrega da Folia do Sindicato na Fazenda Barro Preto, no ano de 2022, contou com cerca de 20 cozinheiras na ajuda da alimentação. Foi um batalhão de gente, com a participação de mais de duas mil pessoas da comunidade na fazenda. Quando a festa tem essa proporção, é costume chamar a polícia militar para ajudar na segurança, pois as pessoas do campo e da cidade gostam imensamente de participar das folias.

A folia do sindicato é conhecida pelos habitantes pela comida farta, a animação dos músicos que tocam por quase uma hora no momento da entrega. Um dos momentos mais significativos na hora da entrega da folia é a coroação do próximo festeiro ou imperador da

festa. As coroas em destaque na figura 23, são símbolos das famílias mineiras que trouxeram esse costume, sendo que as primeiras famílias que chegaram no município trouxeram as coroas sempre feitas a mão por alguém da família. Elas são usadas da seguinte forma: a que tem dourado é do homem o festeiro, já a coroa vermelha é a da mulher, esse estilo de ter coroação, está nas Folias de Reis e do Divino Pai Eterno dentro do município de Petrolina de Goiás.

Figura 23 – As coroas dos festeiros das folias



Fonte: Steward (2024).

Essa coroa é apenas um símbolo, mas representa uma dimensão de coisas boas; muitas vezes uma promessa a ser cumprida pelos devotos do Divino Pai Eterno. Portanto, quem utilizará a coroa no próximo ano, geralmente pessoas humildes, costuma recebê-la com muita comoção e devoção. Vão trabalhar para que a próxima festa seja repleta de motivação, paz e alegria.

Para aqueles que creem e realizam a celebração, a festa tem que continuar. Não pode acabar, assim como as tradições ritualísticas continuam com o próximo festeiro. Eles trabalham de maneira árdua para que tudo ocorra da melhor forma possível, cada um vai conduzir de uma forma dentro das suas possibilidades. Portanto, a festa do ano vindouro é passada para outra família que a conduzirá a seu critério, ou seja, definindo cardápio, local da entrega e convidados. Cada item será de sua responsabilidade, ficando acordado verbalmente,

nada de contrato ou algo escrito. Palavra dada é a palavra cumprida para esses membros do sindicato rural.

Outro assunto acordado entre as partes foram as vestimentas, que se destacam pela cor vermelha, os lenços de cetim, bem como as camisas com detalhes em vermelho, até mesmo o chapéu tem algum detalhe no vermelho. Os símbolos da Santíssima Trindade também farão parte dos adereços da vestimenta. Eles são organizados nessa sintonia das cores, como na figura 24.

Figura 24 – A vestimenta de cor vermelha e seus acessórios



Fonte: Steward (2022).

Os foliões organizam tudo com meses de antecedência, cientes de que a harmonia de cores e performances será sempre lembrada por aqueles que participam dos festejos. São ornamentos como as figuras da Santíssima Trindade estampada tanto na camisa do folião como no lenço do pescoço. As frases no lenço são sempre iguais, e eles vão usar também o chapéu. Houve anos em que foi usado bolero da cor vermelha; noutros, lenços da cor vermelha apenas. A cada ano surge um novo estilo e modelo de roupa. Esses detalhes são bem importantes para quem observa e participa da folia, pois cada uma das folias em Petrolina de Goiás tem uma cor específica, como a folia de Reis que, por exemplo, utiliza muito a cor verde.

A vestimenta é uma indumentária interessante, pois têm folias que são adeptas a trajas com camisas coloridas, chapéu e lenço para proteger da poeira, outras um detalhe apenas

um pequeno terço com um alfinete para identificar o folião. É utilizado também um galho de flores para identificar os festeiros como aconteceu nessa folia na Fazenda Barreirão, o homem festeiro utilizou as flores na camisa na tonalidade azul e a mulher utilizou as flores cor de rosa conforme a figura 25. São formas de identificar os donos da festa e também ver como pequenos itens fazem a diferença no momento da festa, pois todos veem que há uma sintonia naquela forma de recepcionar os convidados.

Figura 25 – A cor das flores na roupa dos festeiros, Fazenda Barreirão 2024



Fonte: Steward (2022).

Outro detalhe são os convites para participar da festa. Os festeiros fazem “panfletos” e os distribuem para toda a população, colocando-os nos lugares públicos da cidade, como na prefeitura, comércio local etc. Atualmente, eles usam o *TikTok* e o *WhatsApp* com música e chamada para o evento. Essa propaganda, como está na figura 26, é uma característica de modernidade, como dizem os antigos foliões, pois os convites ainda são divulgados de “boca em boca”. Porém, esses panfletos ajudam muito, geralmente são enviados por *WhatsApp*, pois o convidado tem que saber os dias correto de giros da folia para se organizar e participar com maior dedicação.

Outro panfleto de propaganda da festa é o do ano de 2019, organizado para os dias descritos nas figuras 26 e 27 Esses panfletos são um meio de anunciar a folia e seus giros:

Figura 26 – Programação da Folia do Divino Pai Eterno, jun. 2019



Fonte: Steward (2019).

Figura 27 - Programação da Folia do Divino Pai Eterno. Jun. 2023



Fonte: Steward (2023).

Essa programação apresenta os giros, com os dias e quem irá oferecer cada café, almoço e por último a entrega da folia. São momentos de integração entre os foliões, cada detalhe da festa será celebrado com muita devoção, respeito ao Pai Eterno, com imensa dedicação para a realização da festa, pois aquele oferece sua casa para receber a folia na maioria das vezes está pagando algum voto, agradecendo as graças concedidas.

No ano de 2024 a folia sofreu influência político partidária, pois é ano de eleições municipais e os festeiros que se propõem fazer almoço são políticos como aconteceu no primeiro almoço da folia de 2024, na Fazenda Diamante, figura 28.

Figura 28 – Giro da Folia do Divino Pai Eterno, maio 2024



9ª Festa do Divino Pai Eterno
Responsáveis: Eliane e Divino

(SAÍDA)

27/05/24 - Casa - Fazenda Lagoinha: Eliane e Dona Fia
28/05/24 - Luciana e Thiago Cigano
29/05/24 - Maria e José Maria

(ALMOÇO)

27/05/24 - Patrícia e Diano - Fazenda Pantanal (ao lado da Granja)
28/05/24 - Maria Sinésio - Fazenda Boa Vista
29/05/24 - Poliana e Quelvio - Residência

Entrega: Abadia, Tutinha (Abadia) e Leila.

MAIORES INFORMAÇÕES
62 98528-6979 

Fonte: Steward (2024).

Na Folia do Divino Pai Eterno no de 2024, o início das refeições se deu a partir da casa da Dona Fia na Fazenda Lagoinha, saída para Santa Rosa na GO-330. Lá foi preparado um rico café da manhã para os foliões, a mesa farta com vários tipos de quitandas. Um cardápio bem extenso com canjica, pastel, rosca, biscoito frito, biscoito de queijo, quebrador, peta, quitandas assadas na hora, em que os foliões vão se adentrando, deixando aquele cheiro de comida fresca recendendo por toda a cozinha.

Ainda tem os variados sucos: caju, laranja, acerola, garapa, café e leite quente tirado na hora ali na ordenha da fazenda. As frutas da estação também são outros atrativos, como mexerica, goiaba, mamão, melancia, coco, cacau, pois tem o pé enorme em volta da casa, e ainda uma gelatina com creme que serviram no final. No entanto, usam-se as bebidas industrializadas como aparece na figura 29.

Figura 29- Café da manhã saída da folia, maio. 2024



Fonte: Steward (2024).

Depois de toda aquela alimentação, é iniciada a cantoria em volta do pequeno altar, com vários chapéus simbolizando a trabalhadora rural, o vaso de flores colhidas no quintal da casa, a imagem do Pai Eterno ao centro, as velas acesas no momento das orações. Os louvores aos donos casa, os peditórios são de grande valia para aqueles que acreditam na intercessão dos santos e em suas graças concedidas.

Todavia, Velasco (2023, p. 95), narra sobre o habitat e sua relevância no contexto rural, “nesse sentido, é importante o código do espaço habitado, especificamente relacionado a ruralidade, cenário no qual emergem características e traços de seus territórios”. A comida é artifício essencial na construção da identidade dos grupos, não somente dos foliões, mas vai abarcar vários deles, é uma comida tradicional, típica do interior goiano. Desta feita, para que a tradição de outrora permaneça e os cardápios sejam os mesmos de vários anos atrás, a comida deve ser realizada ainda ao modo antigo com banha de porco, carne de lata guardada na banha e preparada com um capado que foi escolhido para aquele ato. Outro detalhe importante, no sabor da comida de folia, é o preparo no fogão a lenha é mais saboroso, do que qualquer outra, seu cheiro exala uma fumaça com um gosto diferenciado.

A próxima parada será na fazenda Diamante na mesma rota da GO-330, uma distância de 12km da cidade de Petrolina de Goiás, a folia segue para o almoço, que está marcado para o meio-dia. O primeiro almoço desse giro teve intensa participação dos candidatos e políticos locais, mesmo a folia, ocorrendo em uma segunda-feira, sua casa na roça ficou repleta de foliões e políticos tais como prefeitos, deputados e outras autoridades locais.

No almoço, a folia chega na residência com os foliões cantando para os filhos do casal, ausentes da bandeira, sabido depois que estão morando fora do Brasil, Atlanta- Georgia, Estados Unidos. Foi um momento importante da apresentação em que todos se emocionaram com a homenagem aos filhos ausentes, através das trovas da folia. Um canto triste que lembrará, por certo, os entes queridos, repleta de simbolismo. Em seguida foi rezando um terço, seguindo o ritual da folia.

Nesse momento de entrada da folia a filha do casal, está com um bebe vestido de anjo. Ela informou que quando o bebê nasceu foi para a UTI, então se apegou ao Divino Pai Eterno para que o menino sobrevivesse com saúde, nesse momento de cantoria foi de agradecimento às graças concedidas. O altar foi ornamentado com várias fotos da família, e sempre a imagem do Divino Pai Eterno ao centro e um arco de flores em volta do altar, faz com que seja narrada nas cantorias todos aqueles itens, conforme a figura 30.

Figura 30 – O Altar com fotos



Fonte: Steward (2024).

No dia do almoço ainda houve algumas intercorrências na casa, pois faltou água, para terminar a comida, tiveram que chamar um caminhão pipa da prefeitura para socorrer naquele momento e a comida ser servida a tempo da cantoria as rezas terminarem. Tudo foi preparado com muito afincio e organização ímpar. Um boi foi abatido para aquele evento, um freezer com cerveja gelada estava no quintal, vários dias de trabalho para receber a folia.

Antes de ser servida a comida foi colocada uma mesa com vários aperitivos, almôndegas, feijão tropeiro, torresmo, mandioca e conserva de guariroba, um garrafão de vinho, pinga, tudo à vontade para quem chegasse na festa. Os donos da casa fizeram cerca de cento e dez quilos de pelotinhas, vinte e cinco guarirobas foram cortadas e preparadas, mais de vinte quilos de arroz, tutu de feijão em grande quantidade, macarrão com extrato de tomate e queijo ralado, carne de panela, mandioca, repolho rasgado com abacaxi, vinagrete, segundo a figura 31.

Figura 31 – A Comida de Folia



Fonte: Steward (2024).

A folia do sindicato tem uma veia política muito forte, seus participantes são geralmente políticos, sendo que ela foi idealizada por um político local e por ser um ano de eleições municipais isso ficou evidenciado nos festejos com a presença deles. Os Fazendeiros, políticos locais e demais pessoas se comprometem, ainda quando a folia está sendo organizada, e fazem questão de participar principalmente em ano de eleições municipais/2024, porém os outros anos continuam com outros políticos como se houvesse um revezamento.



SABORES DIVINOS

*Sabores da terra e dos frutos,
Sabores que enebriam os acordes das festas,
Sabores dos ventos e da chuva gelada,
Aqueles sabores que permeiam,
Os sentimentos dos foliões e mestres.
Sabores com ícones divinos
Que partilham o pão e o vinho.*

(Roberta Steward)

3 OS SABORES DOS FESTEJOS DAS FOLIAS EM PETROLINA DE GOIÁS

Oração do milho

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
 Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra descuidada.
 Ponho folhas e haste e se me ajudares Senhor,
 mesmo planta de acaso, solitária, dou espigas e devolvo em muitos grãos,
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,
 que a terra fecundou.
 Sou a planta primária da lavoura.

(Cora Coralina)

O poema de Cora Coralina ilustra a poética do sabor, e, para, além disso, a relevância desse alimento na vida, no cotidiano, e também corrobora a relação simbiótica da terra com os seres humanos, tendo em vista que o processo de trabalho envolve a produção o consumo, o cultivo até sua chegada à mesa. Destarte, as poesias constituem a relevância dos alimentos na vida diária, considerando ao mesmo tempo, a leveza e a crítica, no entanto, a valorização de cada alimento como ele é composto, são marcas dos versos da autora citada.

A importância do alimento sendo preparado, servido nas festas religiosas é o que vamos destacar neste capítulo, pois o milho é encontrado na mesa tanto do pobre quanto do rico, em festas fartas, em lugares escassos de alimento, ele é de suma importância até mesmo para os animais que o utilizam como alimento. Desse modo a comida é inserida como narrativa da memória social, pois essas receitas executadas na folia são de famílias, é esses sujeitos abordam a relação da comida com a memória de um grupo, tendo como alicerce a cultura, conforme afirma Maciel (2005, p. 49) “estando a alimentação humana impregnada pela cultura, é possível pensar os sistemas alimentares como sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza”.

Todavia a alimentação não é a conjectura somente da satisfação de uma necessidade fisiológica, análoga em todos os homens, mas reflete também a questão da diversidade de culturas e tudo aquilo que coopera para modelar a identidade. No entanto, a alimentação de cada povo, etnia, ou sociedade depende de seus procedimentos de produção, de suas estruturas sociais, de suas representações dietéticas e religiosas e das receitas que delas resultam, de sua visão do mundo e do conjunto de tradições construídas lentamente no decorrer dos séculos.

Ao destacar a história da alimentação e a importância dos hábitos e práticas alimentares Carneiro (2003) infere que as diferentes culturas humanas sempre encararam a

alimentação como um ato revestido de conteúdos simbólicos. “Muito mais do que a história de um alimento específica, a História da Alimentação tem o desafio de focar o alimento como símbolo. O que não significa que não devemos estudar também os pratos, as receitas, os molhos e os preparos em sua historicidade” (Carneiro 2003, p. 56).

Entretanto, as comidas estabelecem relações de sociabilidade, o velho e o novo se entrelaçam com o presente e o passado, a memória afetiva transmite os sabores e as tradições. A forma de se elaborar os alimentos e o gosto pela culinária típica dos lavradores será mencionada, como o gosto pelas iguarias como a guariroba, o pequi, a cachaça no tutu de feijão. O ato de comer pode representar o costume pelo qual uma sociedade pensa e manifesta a sua relação com o mundo. Estamos emocionalmente ligados aos costumes alimentares da nossa infância aos nossos ancestrais, e a nossa terra. Pois a perpetuação do estilo alimentar na vida com as festas ou ritos religiosos é uma prova de autenticidade e coesão social, uma defesa contra os acometimentos externos, vindos de longe como os migrantes.

Da Matta (1986), ao abordar a matéria, estabelece uma distinção entre comida e alimento. Para o autor, “comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de se alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere” (Da Matta, 1986, p. 56).

O modo do preparo de cada alimento estará inserido no capítulo com várias receitas, informadas pelas cozinheiras que estão nessa labuta, há vários anos, a maioria dessas mulheres, são lavradoras e estão acostumadas a cozinhar em fogões a lenha com tacho de cobre e colher de pau. Demonstrem certa familiaridade com a cozinha da folia, tem sempre uma dica de ingrediente a informar para a pesquisadora.

Todavia os sabores dos festejos se configuram sobre a comensalidade da folia, modo de preparo da comida, as receitas e toda a forma que é conduzida uma cozinha, as preferências de comida de cada região de fazenda. As comidas típicas que cada pouso ou almoço oferecido aos seus foliões, portanto a hospitalidade inserida neste conjunto de sabores o olhar o ouvir e escrever a cada nova conversa que será transcrita, as receitas e modos de preparo para uma alimentação farta, que será partilhada com os convidados.

Assim sendo, cada cultura construiu um arco que abarque todos os gostos individuais que abriga os sujeitos participantes dos festejos. A cozinha tem um sistema de gestos simbólicos, que cada gesto tem uma técnica precisa para desenvolver determinado alimento, como será demonstrado nas receitas e preparo destas.

3.1. A MEMÓRIA DA COMIDA NOS PARTICIPANTES DAS FOLIAS

No início os festejos eram para agradecer a boa colheita, o louvor aos santos, isso quando foram trazidos os costumes das primeiras famílias que chegaram ao município de Petrolina de Goiás. Atualmente é também para dinamizar as relações sociais locais e dar continuidade a essa rica cultura popular passada por gerações. As comidas estão associadas a rituais, próprios das festas religiosas. Elas têm grande valor simbólico, demarcam os grupos identitários, que vão reafirmar uma ancestralidade, uma tradição de pertencimento naquela comunidade. Nas manifestações religiosas, a comida consiste em uma das representações simbólicas mais autênticas da cultura.

A comida é celebrada nas folias e o seu agradecimento é cantado pelos foliões, após as refeições. Sua elaboração decorre do trabalho de vários dias pelos donos da casa e outros ajudantes. Entretanto, esses indivíduos trazem na memória os sabores e o modo de fazer de outras gerações. Esse preparo dos alimentos é executado com muito esmero. As festas e suas afirmações de poder, de pequenos ritos folclóricos dos diferentes povos do país, trazem uma multiplicidade de cerimônias como assevera Brandão (2010, p. 21, grifos do autor):

Novas formas de viver o *festejo* ou a redescoberta de formas antigas para nosso mundo parecem estender o poder e o significado da *feira*. Cada vez mais ela não quer tanto se opor à rotina, ao trabalho produtivo, mas sim invadi-los. Invadir a política, o lado do sério, as relações que entre si os homens trocam. Para aqueles a quem o sentido da *feira* tem sempre a ver com o tradicional, a memória do antigo ou proximidade do sagrado.

Os alimentos nesses festejos conservam também uma camada afetiva e simbólica, pois os alimentos são pensados e programados a partir de significados que expressam muito além de nutrientes. No entanto, de acordo com Claude Lévi-Strauss em sua obra “O cru e o cozido” (1964), estabelece uma diferença entre comida e alimento, expondo que o alimento é aquele direcionado para saciar o homem, para atender suas necessidades fisiológicas, já a comida é esse alimento transformado, carregado de significações. De tal modo que a comida funciona como um código, por meio de uma linguagem simbólica capaz de unir fronteiras distintas, modificando a cultura singular em pluralidade cultural, ao mesmo tempo em que essa linguagem diferencia os povos, bem como os personaliza.

Ao relatar como a memória afetiva vai sendo constituída por aqueles que vem celebrando de fato um alimento que traduz uma série de emoções que podem se transformar em anseios, gostos, afetividades e demais sentimentos, como aponta Ferreira (2020, p. 218):

a presença e diversidade das memórias relacionadas à alimentação em todas as narrativas, reforça a subjetividade de nossa relação com a comida e demonstra seu fator mnemônico. Ao mesmo tempo, a descrição dessas memórias a partir de elementos diversos, denota o processo particular de significação por parte de cada sujeito.

A lembrança dos bons sabores do passado serviu para que essas cozinheiras consolidassem as receitas passadas pelas gerações. Receitas essas que ficam guardadas por vários anos sobrevivendo dessa forma viva aos costumes essenciais para que a festa não se acabe. A comida vai acalantar e rever novas estruturas dentro da integração na sociedade. Entretanto, a comida transmite a voz da memória de sabores, esse fato vai relatar antigas histórias que a comida tem em relação de afeto entre aqueles participantes da cozinha. Sendo que para elaborar necessitam partilhar os saberes como a comunhão e a generosidade vai estabelecer a tradição dentro dessa construção coletiva.

De acordo com que afirma Bosi (1994), a memória por ser constituída como um cone exerce uma função decisiva no processo psicológico.

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só revisita das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (Bosi, 1994, p. 8, grifos da autora).

A memória passa por esse processo psicológico, vai gerar lembranças, guardadas no íntimo de cada história vivida, vai ser compartilhada para executar o feito do alimento a ser compartilhado. Cada um de nós carregamos memórias essências dos nossos antepassados, a comida é uma forma que vai transcender, como aquele biscoito de queijo, onde uma gamela de tábua faz diferença, o polvilho sendo peneirado na execução da massa, cada item sendo colocado no seu devido momento, a forma de enrolar cada um para que fique idêntico e até mesmo o jeito de assar.

Diante disso, o ato de comer pode ser concebido como o modo que uma sociedade pensa e expressa sua relação com o mundo. Essa relação, no entanto, é um processo de produção pela qual a comida vai passar, pois ela é um objeto simbólico, que passa por transformações de produção do alimento. Desse modo, na história da alimentação, conforme destaca Flandrin e Montanari (1998), são desenvolvidas técnicas, receitas, histórias e tradições culinárias. Sendo que os homens se alimentam conforme a sociedade a que pertencem, uma evidência de que as escolhas alimentares são influenciadas pela cultura. A cultura alimentar é aqui compreendida

como o conjunto integrado de elementos objetivos e subjetivos, que, de modos diversos, estão presentes na relação que se estabelece entre os homens, o meio e a comida.

Flandrin e Montanari (1998) observam que raras são as ocasiões, a partir de então, em que, por exemplo, todos os europeus jejuem ou festejam nas mesmas épocas, sendo que os calvinistas eram particularmente contrários à observância supersticiosa do tempo. “Nem todos os países cuja cozinha usa manteiga são protestantes, porque a Igreja católica multiplicou as dispensas depois da Reforma, os países que usam óleo não são apenas católicos, mas também – e talvez principalmente – mediterrâneos” (Flandrin; Montanari, 1998, p. 558).

Desta feita, para que a tradição de outrora permaneça, que os cardápios sejam os mesmos de vários anos atrás, nas folias, a comida deve ser realizada ainda ao modo antigo com banha de porco, carne de lata guardada na banha e preparada com um capado escolhido para aquele ato. Os cozinheiros comentam que a comida feita em um fogão a lenha é mais saborosa, do que qualquer outra, seu cheiro exala uma fumaça com um gosto diferenciado.

Os alimentos a serem servidos, na mesa de refeições das folias, muitas vezes são plantados na própria fazenda. Tendo em vista que os agricultores que plantam, colhem, e elaboram esses alimentos está enquadrado rural condizente com a sua realidade, conforme figura 32 não importa se a tecnologia e o fogão ou o forno elétrico já chegaram naquela comunidade campesina.

Figura 32 – Fazenda Barreirão os alimentos antes de serem preparados



Fonte: Steward (2023).

Essa alimentação, como está sendo elaborada, traduz numa prática cultural que reflete um contexto de estilos e costumes de um determinado local. Vai compor na relação do sujeito com o meio em que vivem. Isso pode ocorrer em demasiados locais nas cidades ou pequenas comunidades rurais. A construção da identidade social irá traçar uma mutação que

envolve uma constante transformação, com símbolos voltados a uma identidade própria com diversos sentidos.

A alimentação, quando constituída como uma cozinha organizada, toma-se um símbolo de uma identidade, atribuída e reivindicada, por meio da qual os homens podem se orientar e se distinguir. Mais do que hábitos e comportamentos, as *cozinhas* implicam formas de perceber e expressar um determinado modo ou estilo de vida que se quer particular a um determinado grupo. Assim, o que é colocado no prato serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza um pertencimento, servindo como um código de reconhecimento social (Maciel, 2005, p. 58).

A constituição de uma cozinha passa por vários caminhos, principalmente se apontarmos as diversas regiões desse imenso território brasileiro. Os costumes alimentares, desses grupos, atravessaram continentes, até chegarem a terras goianas. Assim, os costumes mineiros abarcados nas regiões de fazendas das folias foram fundamentais para a identidade social e cultural relacionadas à alimentação. Entretanto, ponderando que estas se compõem em espaços privilegiados para apreender determinados métodos, através dos quais os grupos sociais marcam sua distinção, e se reconhecem.

De acordo com que aponta Amon (2008), da relação entre comida e memória temos a cultura com seus processos de criação e expressão cultural dos grupos humanos.

O caldo básico da relação entre comida e memória é a cultura. De modo particular – em comparação às formas de satisfação de outras necessidades biológicas naturais à espécie humana – a alimentação demanda atividades de seleção e combinação (de ingredientes, modos de preparo, costumes de ingestão, formas de descarte etc.), que manifestam escolhas que uma comunidade faz, concepções que um grupo social tem e, assim, expressam uma cultura (Amon, 2008, p. 15).

A análise teceu considerações sobre a cultura, na qual não permite apenas que se descreva e compreenda uma realidade, mas aponta caminhos para sua transformação. Ela nos leva a perceber o processo histórico que brota na sociedade e a própria cultura com relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade.

Aliás, as manifestações culturais vão além da arte, do teatro, da pintura, da escultura, elas adentram também na sociedade se implantando nas casas, nas cozinhas das fazendas, com suas peculiaridades. A reflexão da cultura como identidade regional é um legado importante para a compreensão histórica, nas manifestações culturais locais como as folias, pois são aspectos relevantes.

A cultura é um conjunto de códigos e de regras, se caracteriza por um sistema original de aspectos e de construções intelectuais. Claval (2007, p. 83) afirma que “enquanto a

ação humana não é fundada diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normatizado e canalizado pela cultura, ela supõe memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. As formas que revestem a memória são múltiplas”. O valor simbólico de cada alimento como certos pratos típicos, muitas vezes vem cercado de muita comensalidade. Cada comida tem um ritual próprio de preparo e valor, principalmente nas festas religiosas. Elas são portadoras de grande valor simbólico, em determinadas regiões de fazenda, o cardápio será permeável a mudanças de alimentos.

As variadas formas com que cada alimento é preparado, servido e compartilhado socialmente, revela uma rede de relações sociais, de troca, partilha, união e de estabelecimento de laços e relações sociais. Um exemplo dessa mudança é dado pela polenta que não aparece no cardápio de algumas fazendas que servem as refeições aos foliões.

Assim como demonstra o preparo do tutu na figura 33, ele está num tacho de cobre fumegando com a colher de pau ao lado, ainda observamos a lama do lado do fogão com tijolos ainda molhados pelo excesso de chuva. Esse costume do fogão a lenha ainda é pendurado na forma de preparo dos alimentos nas folias através da memória dos cozinheiros. Um costume ainda permanente para a elaboração dos alimentos da folia.

Figura 33 – A tradição do Preparo do Tutu de Feijão



Fonte: Steward (2024).

Assim, a colher de pau está presente na memória afetiva e na preparação dos alimentos no Brasil. É um utensílio imperativo na cozinha brasileira, utilizado tanto nos lares como em dias de festas, seja na zona rural ou urbana. Entretanto, determinados alimentos

continuam colocados à mesa para reafirmar uma ancestralidade, uma tradição e um pertencimento à comunidade. Desse modo, Menezes (2014) destaca que os alimentos considerados da roça, atualmente alcançam posição em todas as classes sociais, constituindo uma representação simbólica.

Nas manifestações religiosas, a comida consiste em uma das representações simbólicas mais autênticas da cultura. Os delineamentos da culinária, as suas peculiaridades, estão espelhadas nas comemorações dos sergipanos, mesmo em áreas distantes do seu habitat. A observação desse traço cultural, tal como se apresentava no passado e na atualidade, proporciona uma compreensão mais ampla das festividades religiosas populares (Menezes, 2014, p. 279).

As trabalhadoras rurais, já mencionadas nesta pesquisa, fazem parte das folias tanto girando como foliãs na cantoria, quanto como cozinheiras ou no trabalho artesanal na fabricação de farinha, do polvilho que serão utilizados nos festejos. A mulher lavradora tem o seu destaque em várias funções dentro das folias, muitas são as festeiras ou organizadoras, tem um dom natural fazer com que as tradições fiquem na comunidade a que pertencem. Ademais, essa elaboração da farinha começa com o plantio da mandioca, que elas mesmas plantam, cuidam e colhem, utilizam de recursos singelos para a fabricação desse alimento. Para o preparo da farinha muitas das vezes realizam em conjunto com as vizinhas ou amigas fazem na meia¹.

Todavia, essas mulheres camponesas vão trazendo consigo as experiências de suas mães, avós para a elaboração de farinha, de mandioca são passados por gerações. A forma ainda rudimentar de fazer a produção de farinha de mandioca as raízes são lavadas e descascadas. Em seguida, raladas à mão geralmente em um ralo de metal. A massa ralada úmida é prensada em sacos de algodão. Nesse momento retirar o máximo de umidade da massa ficando mais fácil o processo posterior para secagem. Sendo que na fase seguinte a massa é passada numa peneira grossa para facilitar o processo de secagem e resultar numa farinha mais fina, o que pode ser repetido no processo se caso ficar resíduos grandes de farinha.

Em seguida a massa solta é colocada no forno para secagem geralmente é utilizado o forno de barro a lenha. A massa pode ser mexida manualmente com uma pá de madeira. Nesse momento é uma fase que requer muitos detalhes como a intensidade do fogo e a forma de mexer para não queimar a farinha. Quando estiver pronta é esfriar e secar. sempre bem infausto, com o suor do trabalho braçal.

¹ Ou seja, utilizam o solo de algum conhecido, e em pagamento devolvem à dona da terra, que cedeu para plantar, a quarta (18/20 litros) de farinha de mandioca ou do polvilho que foi produzido em conjunto.

Esse é um costume muito corriqueiro nas regiões de fazenda do município, sendo a farinha de mandioca um alimento muito utilizado nos festejos. Constantes nas seguintes comidas, como a farofa de carne com cenoura e milho, ou farofa de miúdos, no tutu de feijão, ou servido puro. No caso do polvilho é aproveitado para os biscoitos assados ou fritos que acompanham o café da manhã, sendo que esse tipo de preparo compõem a sociabilidade entre grupo de pessoas.

No entanto, a elaboração da farinha de mandioca ingerida por várias culturas e povos no vasto solo brasileiro, não importa o lugar ou a festa, ela é sempre lembrada com destaque tanto aqui, como no Nordeste é de grande importância como afirma Menezes (2014), ao destacar os potes de farinha de mandioca para guardar o pão de Santo Antônio.

Comumente esse alimento é guardado, nas residências sergipanas, nos vasos com farinha de mandioca, ingrediente utilizado diariamente nas refeições. Além do citado pão de Santo Antônio, nos lares em que se encontram homens ou mulheres com a denominação do santo, é oferecida uma ceia regada com os derivados da mandioca (pé de moleque, beiju, saroiós e malcasado, do milho (pamonhas, canjicas, mungunzá) e os bolos de milho, puba e macaxeira, além do milho assado, milho-cozido, amendoim, licores de frutas locais como jabuticaba, mangaba, jenipapo (Menezes, 2014, p. 282).

Mas o consumo de comidas nas manifestações católicas permanece imbricado com a identidade cultural dos consumidores, considerada pela sua estima social e cultural. Igualmente, as comidas tradicionais consumidas nos festejos católicos evidenciam a continuação dos saberes, da memória que retratam a identidade goiana. Insta mencionar o que desperta a memória dos sabores, como o cheiro, o gosto, as lembranças do comer nos acarretam emoções numa rede espacial, estimuladora de memórias. Em cada comida vai haver múltiplas camadas de significados, no calor que sobe no fogão a lenha, nas mãos calejadas de quem elabora essa comida, no cansaço corporal de carregar panelas tão pesadas.

As formas de preparo são lembradas sempre pelos mais velhos no momento em que vai elaborar a comida para a folia. Como a receita da avó de uma das cozinheiras que fazia um doce no tacho que tinha a forma de quantas vezes lavarmos com a água e deixa de molho por determinado tempo para tirar o amargo do sumo da laranja. Vejamos a panela de torresmo na figura 34, nos remete a tantas recordações. Também se notou o uso recorrente da banha de porco no preparo das comidas mantendo uma tradição de outros tempos. Cozinhar da forma com que foi passado por seus ancestrais faz muita diferença.

Figura 34 – O toucinho de porco transformado em torresmo



Fonte: Steward (2022).

De tal modo, a construção da cozinha de qualquer unidade de pertencimento, seja um país, ou grupo étnico, segue passagens e proporções diferentes, cada região dada as condições históricas vão consolidar e contextualizar de uma forma. Assim, os caracteres culturalmente estabelecidas, codificadas e reconhecidas de se alimentar, das quais os pratos são elementos essenciais, estão relacionados à memória social. Essa memória social em relação à comida e ao seu pertencimento foi destacada por Ferreira (2020, p. 280):

A comida nos revela aspectos diversos sobre como nos relacionamos com o mundo e com o outro. Por tudo que é capaz de nos informar, constitui-se em fonte de histórias, uma forma de narrativa da memória social de uma determinada comunidade, comunicando sobre nossas relações sociais, emoções e sistemas de pertencimento, conformando uma multiplicidade de significados tanto individualmente como coletivo.

Os saberes tradicionais demonstram que a culinária pode até evoluir, entretanto, os participantes dos festejos, continuam preferindo a forma tradicional da comida, realizada de forma manual em fogões a lenha. Entretanto, a continuidade entre passado e presente, propiciam relações de pertencimento, referente às identidades e as tradições dos antepassados.

As colunas fundamentais da tradição e da identidade, compondo um patrimônio cultural que resiste aos deslocamentos e ao tempo e parte das novas proles aprenderam a respeitar e a conservar como bem imaterial. De tal modo assevera Veiga (2020, p. 29): “no

interior do Brasil a festa assumiu um caráter rural diretamente ligado à produção de alimentos”, portanto, os alimentos preparados a partir da organização das folias são programados por meses afins. Os donos de fazendas fazem trocas de trabalhos com vizinhos, parentes e amigos para organizarem a recepção de um pouso de folia em suas residências.

Todavia a importância dessa tradição em expor esses momentos festivos, revelando ainda os aspectos simbólicos os laços afetivos, os afazeres de colaboração das várias comunidades católicas onde a religiosidade é impulsionada por tradição, costume e memória. Sendo que a arte de tal categoria, traduzindo a transformação dos alimentos em comida, está ligada a uma forma acometida que privilegia os aspectos simbólico-culturais em detrimento dos biológicos ou dietéticos.

O que zela então é o universo dos padrões, regras e normas alimentares que fundamentam a fé do povo nos saberes culinários da tradição, optando certos sabores como patrimônio, regional ou nacional. Porém, a categoria paladar como princípio de interpretação das predileções alimentares do povo, interpretadas como escolhas culturais movidas por ditames sociais e simbólicos, nas celebrações festivas são realizadas em seu fazer coletivo, dispondo regras convenientes para vida comunitária desde que o homem passou a viver em coletividade.

Ao relatar sobre os alimentos a sua sociabilidade da cozinha, a preparação geral do ambiente e o ritualismo de procedimento podemos ver o que se estabelece dentro dos significados conforme Ferreira (2015, p.15):

A natureza nos oferece o alimento, mas não o ingerimos simplesmente. Pensamos, escolhemos, analisamos, preparamos de diferentes maneiras e estabelecemos um código sobre como iremos consumi-lo. Pegamos o alimento que a natureza nos oferece e o transformamos em comida. E tudo que percorre nossa relação com a comida está dotada de significado.

Considerando que as pessoas que executam o preparo da comida são guardiãs dos conhecimentos de todas as etapas de produção da alimentação e dos rituais com que são preparados nas folias de Reis ou do Divino Pai Eterno, ou mais exatamente a comida, a refeição, o gosto, figura, aos olhos dessas constantes informadoras da identidade regional.

As cozinheiras vão informando cada passo da comida que está sendo preparada, com dedicação, por vários dias. Entretanto, quando uma folia, na roça, tem a participação de mais de duas mil pessoas para participar dos festejos, a comunidade campesina vai de alguma forma ajudar, parece um pacto entre este grupo. Veiga (2020) faz um relato sobre o afeto e a

garra de trabalho que essas cozinheiras demonstram nas folias, reforçando a importância das mulheres no universo das folias goianas.

Mulheres e crianças assistem à dança, sentadas nos bancos de tábua em frente à casa. O Universo feminino está geralmente associado à esfera doméstica na folia: *são as donas da casa e as cozinheiras*, sempre exaltadas em agradecimento e homenagem à mesa: “é devido às cozinheiras que nós estamos aqui em volta da mesa. Deus salve as cozinheiras! (Veiga, 2020, p. 88, grifos do autor).

As mulheres camponesas são as principais responsáveis por esse preparo dos alimentos, tanto nos festejos, quanto na vida cotidiana. Elas cuidam das casas, do quintal com as pequenas plantações, alimentam as criações de porcos, galinhas, mesmo nas tarefas mais pesadas que se fizerem necessárias são parceiras integrais na luta diária. Todavia, a comida é artifício essencial na construção da identidade dos grupos, não somente dos foliões, mas abarca vários aspectos da vida cotidiana do grupo envolvido.

Os alimentos são preparados conforme os procedimentos tradicionais relativos aos saberes tradicionais herdados de gerações. Essas práticas cotidianas são um conjunto de experiências na culinária com referências identitárias, conforme destaca Abdala (2011, p. 139):

No entanto, pouco se tem documentado o processo de preparação desses festejos, que duram muitas vezes meses e que têm nas ceias espaços privilegiados de reforço das tradições ancestrais e dos laços sociais. É notável a generosidade dos devotos e foliões nas mais diversas folias que presenciamos. Para que a ceia seja realizada, como ocasião de partilha e de comunhão, as doações envolvem esforços coletivos de todas as pessoas que têm fé em algum dos santos comemorados.

A dimensão comunicativa que a festa enseja nos foliões, colocando em relevo, no contexto dos estudos de comida e memória, aborda a comida e as práticas da alimentação com base em sua dimensão comunicativa. Sendo que a relação que estabelecemos entre comida e memória está fundamentada na ideia de que se a comida tem uma dimensão comunicativa, como a fala, a prática de saberes da alimentação de um determinado grupo.

Como assevera Da Matta (1986b, p. 41), “as sociedades e os grupos fazem coisas parecidas” e, por isso o pode ser em qualquer sociedade no contexto urbano ou rural, que segue como rotineiro o que corresponde ao trabalho. Entretanto, embora a folia faça parte da memória social, são as obrigações que ocupam as estruturas que fazem funcionar a rotina, sendo que, a festa acaba sendo associada à alegria, uma ocasião para exceder a rotina.

Portanto, esses alimentos consumidos nas diferentes manifestações de folias, nas regiões de fazendas, fazem parte da história e da cultura dos fieis, que buscam manter as suas

tradições transmitindo o saber-fazer da elaboração às novas gerações. Conforme Menezes (2014, p. 278):

Ao fazer um resgate histórico, averiguamos que a elaboração das comidas nas sociedades tradicionais estava atrelada ao calendário. Homens e mulheres, ao recorrer ao uso de determinados alimentos nas datas festivas relacionadas às comemorações religiosas, correlacionavam os produtos elaborados com a matéria-prima típica com as estações do ano, denotando uma sintonia do homem com a natureza.

O homem do campo, na lida com a sua lavoura, vai organizar cada item de plantio conforme a necessidade da folia, como o milho e a mandioca. Porém, se tem porcos para engordar, fazem questão de matar o capado na época da folia, a engorda dura em torno de cinco meses, e o preparo da linguiça, toucinho, outras carnes como na lata, será também nessa época ou dias antes. As cozinhas improvisadas nos arredores da casa com estacas de folhas de bambu e as lonas tampando o sol árduo do mês de setembro, os fogões a lenha, para elaborar a comidas carnes de panela frita, pelota de carne, tudo feito manualmente, por mão de lavradores, sem qualquer alinho, com extrema fartura, conforme a figura 35.

Figura 35 – A carne de panela e pelotinhas fritas para pousos de folia



Fonte: Steward (2023).

Em suma, uma tradição passada por gerações, que todos os anos eles querem dar continuidade nas receitas guardadas pelos antepassados, e vão consecutivamente caprichar na comida, na forma de servir os convidados, com fartura e alegria.

3.2. TECENDO OS SABORES: A FESTA E A ARTE DE COZINHAR

Se o comer é um ato fisiológico e estimulador de memórias, que acarretam uma relação com as lembranças ligadas a uma pessoa que preparava o prato, ou seja, receitas e sabores que despertam memórias. No entanto, essas memórias não se limitam ao prato em si, mas a quem prepara a comida, nas festas religiosas esse espaço da cozinha torna-se o coração da festa, pois sem a cozinha e cozinheiras a festa fica sem o sentido da dádiva do acolhimento.

Entretanto, o preparo é muitas vezes de forma artesanal, simples, realizado em comunidade que expressam rituais e saberes tradicionais no preparo desses alimentos. Aliás, a presença de trabalhadores rurais adultos e idosos dedicados aos trabalhos da lavoura e das criações, atuando no preparo das comidas nas festas das comunidades elucidam o sistema alimentar local, no qual a comida aparece como a protagonista que reúne pessoas no feitiço de algum prato ou na prosa entre amigos e parentes.

Conforme assevera Almeida (2011), no artigo sobre “Festas rurais e turismo em territórios emergentes”, no qual relata sobre a efemeridade das práticas culturais, no caso das festas rurais, sua existência e como elas manifestam sua existência e dinamismos sociais.

A festa testemunha as crenças coletivas, as representações do sagrado, próprias de uma comunidade ou da maioria de seus membros. A festa comunitária possui, de fato, a capacidade de produzir símbolos territoriais nos quais o uso social se prolonga além de seu acontecimento. Esse simbolismo festivo identifica e qualifica os lugares, os sítios, os monumentos, as paisagens e os lugares ordinários como uma fazenda, um povoado, uma capela (Almeida, 2011, p. 2).

Desse modo, as festas em povoados se destacam no município de Petrolina de Goiás. A título de exemplo temos o povoado de Veniapólis, vulgo (Bolícho), no qual possui uma capela com a festa em louvor à Santa Rita de Cássia, no mês de maio. Esse povoado fica entre a cidade de Petrolina de Goiás e a cidade de Anápolis, a 12.6 km de distância da primeira, na GO-330. Além da festa, o dia de Santa Rita é lembrado por um grupo de mulheres que saem a pé de Petrolina até aquele povoado numa peregrinação que envolve várias pessoas da comunidade. Peregrinação que se realiza por vários anos até a capela de Santa Rita de Cassia conforme figura 36.

Figura 36 – A capela de Santa Rita de Cássia – Povoado de Veniapolis



Fonte: Steward (2023).

Desse modo, em cada povoado de capela, tem as festas dos santos de devoção daquela comunidade e nessas a comida está sempre presente, fazendo com que as tradições e os rituais permaneçam. Nessas comunidades as comidas possuem características bem interessantes, pois cada região comunitária rural vai estabelecer seu próprio cardápio. As comidas típicas são associadas a identidade cultural da população campesina. Durante o trabalho de campo foram passadas várias receitas que se optou por apresentar aqui no texto como forma de registro do modo de fazer e experiências dessas comunidades festivas. As cozinheiras ensinam as receitas fazendo questão de contar até certos segredinhos que utilizam para fazer a comida.

3.2.1 As receitas de comidas e seus modos de preparo nas folias de Petrolina de Goiás

Receitas salgadas:

Batatas ao molho

Ingredientes:

Batatas, dois sacos de 20 kg

Cebola de cabeça, 20 unidades

Banha de porco, cerca de 1 litro ou mais

Açafrão, alho, sal a gosto

Modo de Preparo: a técnica para fazer a batata é bem interessante e fritando primeiramente a calda, ou seja, um molho, com cebola, açafrão, alho e tempero, com a banha de porco. Frite bem esses ingredientes, e vá adicionando água aos poucos. Acrescente água e deixe ferver um pouco. Em seguida, coloca-se as batatas por dez minutos. As batatas, quando forem maiores, picar em tamanhos grandes, durante o cozimento não pode ficar mexendo para não dissolver as batatas.

Ademais as receitas são narradas e explicadas por cozinheiras e cozinheiros experientes, que têm a noção de cada item a ser utilizado e a quantidade de mantimentos que vai ser elaborado em cada prato, como veremos nas receitas seguintes transmitidas nos festejos de folias. Desse modo, as cozinheiras informam que o segredo está no molho e no momento de colocar as batatas ali naquela panela ou tacho de cobre como demonstra na figura 37, que a batata não pode dissolver, tem o tempo certo para cozinhar em fogo. O interessante é que após pronta, fica com um sabor muito agradável e o cheiro é ímpar.

Figura 37 - O preparo das Batatas



Fonte: Steward (2022).

Arroz com frango e guariroba

Ingredientes:

Arroz, dez quilos

Frango uns cinco grandes e picados

Três guarirobas

Temperos como açafrão, alho, cebola e sal a gosto

Modo de preparo: comece refogando os vários frangos picados e já temperados na mesma panela que irá fazer o arroz. Em seguida, à parte, ferva a água para cozinhar a guariroba. Depois que a guariroba estiver cozida separar. Assim que os frangos estiverem fritos colocar a cebola, o açafrão e o arroz. Mexer sempre com uma colher de pau, acrescentar mais água no arroz para cozinhar bem. Quando estiver quase pronto colocar a guariroba que estava reservada, quando for servir colocar cheiro verde por cima do arroz.

Salada de guariroba com açafrão

(Uma iguaria muito apreciada nas folias de Petrolina de Goiás)

Ingredientes:

Quatro guarirobas

Quatro cebolas de cabeça

Cinco limões-galegos

Açafrão

Quatro dentes de alho amassado

Banha de porco

Cheiro Verde

Sal e pimenta-de-cheiro a gosto

Modo de preparo: descascar as guarirobas e picar bem fina, sempre em rodela. Depois colocar em uma tigela com água e limão e uma pitada de sal para que ela não escureça. Reservar por uns quinze minutos. Em uma frigideira grande, coloque pouca banha de porco, cebolas, alho e o açafrão, deixe-os dourar, e em seguida coloque as guarirobas, vai pingando água aos poucos até que elas cozinhem bem e peguem a coloração amarela, por último o cheiro verde e a pimenta-de-cheiro.

A guariroba é um alimento regional que merece destaque, pois suscita distintos sentimentos ao prová-lo, devido sua característica amarga pode-se afirmar que terá pessoas que irão gostar e outras irão rejeitar. A guariroba é uma palmeira típica da região do Cerrado. Alta, de espessura fina e amarga, de um sabor inigualável e bem característico da culinária do estado de Goiás, como salienta Ferreira (2020, p. 201):

O sabor como expressão do lugar pode ser pensado dentro da perspectiva do gosto alimentar, já que este, como afirmado anteriormente, deriva de um contexto socio cultural, temporal e espacial. E abrange não apenas as características em termos do grupo social, mas também das condições físicas daquele local em específico.

Na figura 38 apresenta-se o preparo da guariroba em várias etapas: descascar, limpar, lavar, ferver, para depois preparar essa iguaria para ser servida aos foliões, é um processo que requer habilidade, até ser servida na mesa.

Figura 38 – O corte e preparo da guariroba



Fonte: Steward (2023).

Salada de tomate e repolho temperada

Ingredientes:

Tomate duas caixas

Repolho três caixas

Tempero sazón umas três caixas

Sal, alho e limão a gosto.

Modo de preparo: picar os tomates em pedaços pequenos e deixar reservado. Em seguida, quebrar as folhas do repolho em pedaços. Preparar um molho no qual, refoga-se o alho em pedacinhos para depois colocar o sazón com água quente. Quando estiver fervendo jogar no repolho já picado, servir em uma travessa, separado do tomate, temperado com sal e limão.

Tutu de feijão com cachaça

Ingredientes:

Feijão 10 kg

Linguiça dois quilos (frita)

Toucinho de porco um quilo (frito)

Farinha de mandioca seis xícaras grandes

Uma ou duas xícaras de chá de cachaça

Duas cabeças de alho grandes

Cinco cebolas de cabeça

Sal, cheiro verde a gosto

Modo de Preparo: Deixar o feijão de molho por algumas horas, depois cozinhar com água em panela de pressão, como a quantidade é grande cozinhar três vezes. Após cozido, amassar com garfos e colheres ou bater no liquidificador industrial, para ser utilizado. Frita-se a linguiça, picada em pedaços bem pequenos deixando aparte. Refoga-se a cebola, o alho picado e coloca-se no tacho todo aquele feijão batido ou esmagado e vai adicionando um pouco de água e em seguida a farinha de mandioca para dar liga, depois o sal, a cachaça, misture bem. Em seguida, o cheiro verde a gosto, a linguiça frita e o toucinho de porco frito (torresmo).

Almôndega de carne (pelotinha)

Ingredientes:

Carne bovina moída na quantidade de 10 kg

Cebola picada bem pequena

Pão adormecido

Sal e pimenta-do-reino gosto

Banha de porco

Modo de preparo: Em uma tigela coloque o pão amolecido e umedeça com água. Em seguida pique as cebolas em pedaços bem pequenos, juntando tudo e tempere a carne com sal e pimenta-do-reino. Unte a mão com óleo ou banha antes que começar a enrolar, faça pequenas bolas que caibam na palma da mão. Depois coloque a banha para esquentar e frite a almôndega conforme figura 39.

Nas refeições, durante os giros das folias de Santos Reis ou do Divino Pai Eterno, são servidas as comidas que conservam as tradições. As pelotas fritas, ou almôndegas não podem faltar, pois são consideradas como um dos alimentos mais famosos da folia. As pelotinhas de carne são servidas sempre acompanhadas de mandioca cozida. O preparo da almôndega, pode ser feito dias antes da folia começar, pois ela é um dos alimentos mais demorado, para ser bem elaborado, e depois guardar no congelador.

Figura 39 – A fritura da almôndega de carne moída



Fonte: Steward (2024).

Contudo, nas manifestações religiosas, a comida incide em uma das representações simbólicas mais fidedignas da cultura, ou seja, delineamentos da culinária, as suas propriedades,

estão espelhadas nas comemorações do povo petrolinense mesmo em áreas mais remotas do território municipal.

Durante os giros de folias essa descrição dos sabores tradicionais das folias proporciona uma compreensão mais ampla das festividades religiosas populares e a comida de folia quando realizada em abundância pode ser mais saborosa, ainda quando participamos girando e ficamos na expectativa do cardápio, sempre de um sabor extraordinário, como no exemplo aqui exposto das almôndegas. Outra comida bastante presente nas folias locais é a polenta de milho verde.

Polenta de milho verde

Ingredientes:

Milho-verde ² dois balaios de espigas

Banha de porco

1 Queijo curado ralado

Sal e cebola a gosto

Modo de Preparo: É primeiramente retirada a palha do milho, depois rala em um ralador, essa grande quantidade, rapando o milho é após ralada toda a massa é colocada junta, tempera com banha de porco bem quente e sal a gosto. Em uma panela já pode refogar a cebola, em seguida colocar a massa de milho e cozinhar, mexer sempre com uma colher de pau, por último o queijo ralado quando começar a espirrar a massa de milho, provavelmente estará no ponto para ser servido.

Dessa forma cada alimento preparado para a festa será realizado de forma aprimorada com instrumentos rústicos, um fogão de tijolos, uma colher de pau, os cozinheiros vão dando forma aos sabores, cada um tem a sua maneira de explicar o que está sendo preparado para a folia. As cozinheiras gostam de partilhar esses saberes de ensinamentos de cada refeição e servir. Demonstram cada etapa do alimento que está sendo preparado e aqueles que se integraram aos costumes das folias de Petrolina de Goiás.

² Um balaio de milho corresponde a 120 espigas de milho verde.

Na figura 40, a comida está servida em um prato de isopor, um modo singelo de se apresentar um alimento, que é forte e rico em calorias, e ainda contém no prato as batatas com açafrão, a carne de lata e a saborosa polenta de milho.

Figura 40 – O prato de polenta carne e batatas



Fonte: Steward (2022).

Durante o trajeto da folia, são confeccionados por muitas semanas os doces, as carnes de lata, às guarirobas cortadas e arrumadas com dias de antecedência, os fardos de arroz e feijão são guardados e mantidos durante meses, tudo para receber os foliões e o povo que se acumulam nas casas para preparação desses eventos. Desta feita, a entrega da folia é uma cerimônia marcada por intensa comensalidade, música e dança, pois ao entendermos melhor a festa em sua totalidade e reverberar que o alimento é o momento culminante da folia, ao chegar em um pouso vamos conferir o cardápio e quais os ingredientes mais utilizados, para aquele evento.

As narrativas registradas através das vivências dos foliões, nos quais os aspectos socioculturais e simbólicos das comidas influenciam na formação dessas memórias, estabelecendo vínculos da comida com o espaço e o lugar.

O lugar que abarca a festa dentro da sociedade é celebrado por meio de uma dinâmica de forças sócias entre a economia local, percebe-se que não há a distinção operária para aqueles que colaboram diretamente na festa o girar com os foliões fica nítido essa solidariedade no momento do preparo da comida, conforme destaca Milton Santos (1999, p. 6, grifos do autor):

A ideia de forma-conteúdo traduz a “inércia dinâmica” que explica as sociedades particularizadas. O “acontecer solidário” constitui o território por meio da produção histórico-geográfica dos eventos. O território usado, de relações, conteúdos e processos – que permitiria que a política fosse elaborada de baixo para cima – é um campo de forças, lugar da dialética entre Estado e Mercado, entre uso econômico e usos sociais dos recursos, lugar do conflito entre localidades, velocidades e classes.

O espaço geográfico, a memória social se entrelaça, na produção, circulação e ao consumo dos alimentos se fundou na busca pela reflexão acerca dos desafios que as formas socioespaciais tem apresentado na atualidade. A preparação da cozinha para a chegada da folia, como os fogões de barro, é em torno de seis a oito bem rústicos, feitos de forma artesanal para elaboração das refeições a serem utilizados durante os dias da folia, geralmente abrem-se novos espaços dentro das casas dos festeiros, improvisando uma nova área de cozinha onde por semanas afins são elaboradas as grandes quantidades de comidas.

Assim, geralmente para a elaboração dessas comidas são quase vinte cozinheiras conforme figura 41, que fazem de forma solidária o ato de doar ao Divino Pai Eterno ou aos Santo Reis, com um cardápio rico e variado no qual preparam pratos diversos para o almoço ou pousos, as linguiças são preparadas dias antes da festa.

Figura 41 – A lida da comida na roça



Fonte: Steward (2024).

Esses alimentos são a polenta de milho, arroz com carne seca, arroz com frango, arroz branco, tutu de feijão, macarronada, batata ao molho com açafrão, carne de lata, almôndegas, mandioca cozida, salada de repolho com tomate, guariroba refogada, farofa de carne moída com cenoura e milho.

Nesse ato de preparação para a chegada da folia nos pousos, existe um grande gasto em dinheiro e um árduo trabalho, que também pode ser executado através das trocas de mantimentos, serviços ou doações de alimentos e serviços por vizinhos, amigos e parentes. Para a elaboração dessas comidas, essa troca é muito celebrada, pois se um vizinho tem fardo de feijão sobrando vai doar, e outro tem milho vai doar e no próximo ano quando a festa for em sua casa ganha o mantimento que não tiver como o arroz, por exemplo, o macarrão, dentre outros.

Todavia, para realização de um pouso de folia são consumidos uma grande quantidade de gêneros alimentícios, no caso de uma das folias visitadas ocorreu o abate de duas vacas, três porcos, vários frangos, dois a três balaies de milho para fazer a polenta, enormes fardos de arroz e feijão, caixas de repolhos, tomates, batatinhas, e outros mantimentos como macarrão, até trinta pacotes, guariroba e mandioca.

A maioria dos festeiros não tem uma situação econômica não muito estável ou rentável, são pessoas de poucas posses, são geralmente lavradores, o que eles têm são boas intenções de realizar a festa, como muita devoção e a ajuda daqueles amigos ou parentes. Os mantimentos são muitas vezes doados e ficam acordados que no próximo ano a ajuda será do festeiro do ano anterior, é um pacto verbal que se cumpre com muita honradez.

Os doces são alimentos muito apreciados nas folias goianas. Em Petrolina eles são guardados por dias dentro das dispensas das casas ou até quando preparam um barraco fora da casa, onde são armazenados em latas grandes, tampados com um pano branco por cima. Em algumas casas colocam em congelador alugado ou designado apenas para a festa.

O uso do açúcar na história da culinária brasileira, exige uma revisão que seja liberta de preconceitos que identifiquem esse excessivo gosto brasileiro, que deriva do costume tradicional composto de influência de nossos ancestrais e outras nações, conforme afirma Dória, (2019, p. 3, grifos do autor):

Tomando a construção do gosto pelo “doce” como um paradigma, veremos que a dificuldade em delimitar o território da sociologia da culinária possui várias origens, sendo algumas delas mais frequentes no Brasil. Em primeiro lugar, o viés histórico que deriva do próprio modo tradicional de entendermos a formação da nossa culinária como correspondente ao imaginário nacional, onde a nação é composta de influências ou aportes europeus, indígenas e negros.

Os doces merecem toda referência nas folias, essas sobremesas também são preparadas por vários dias, os principais tipos oferecidos são: doce de leite, de mamão, de laranja, de ovos, de cidra. Ainda na outra figura do mosaico, pudim de pão, ambrosia, doce de pau de mamão, em que a qualidade também será apreciada, com sabores que completam o cardápio, extenso de cada almoço ou pouso, sabores inesquecíveis, conforme a figura 42.

Figura 42 – Doces variados da folia



Fonte: Steward (2022).

Receita de doces servidos nas folias em Petrolina de Goiás

Doce de leite no tacho de cobre

Ingredientes:

15 litros de leite

4,5 kg de açúcar

1 colher de chá de bicarbonato de sódio

4 paus de canela quebrados.

Modo de preparo: num tacho de cobre, sobre uma fonalha, queime o açúcar, de preferência com uma colher de pau, até começar a escurecer, pois não deve ficar muito escuro. Em seguida misture os demais ingredientes no tacho, primeiro o leite, depois o bicarbonato dissolvido em um pouco de leite, em seguida vai mexendo com uma colher de pau até engrossar. Não pode parar de mexer, pois pode dar pelotas no doce, então tem que ter força para mexer bastante, em fogo alto, assim que estiver engrossando colocar a canela de pau.

Doce de pau de mamão

Ingredientes:

Caule de mamão (dois)

Doce de Leite

Açúcar

Coco ralado

Modo de preparo: cortar a parte mais grossa do pé do mamoeiro, descascar e ralar o caule de mamão e lavar até tirar o amargo. Faz-se uma calda coloca para ferver, quando estiver bem cozido, coloca-se o doce de leite deixa ferver até ficar pronto. Após acrescentar o coco ralado, para ficar mais saboroso.

Doce de laranja

Ingredientes:

20 laranjas da terra (pode ser bem verde)

Um quilo e meio de açúcar

Modo de preparo: Descasque a laranja bem fina e abra, em seguida tirar os gomos, coloque para curtir em uma vasilha e por dias (dois) troca a água até tirar o amargo. Faz-se uma calda de açúcar sem queimar, coloca e deixa ferver, desligue o fogo, tampe e no outro dia terminar de cozinhar, é um doce que requer paciência para ser finalizado.

Para fazer os doces e suas receitas tradicionais, passadas de geração em geração tão essenciais para aquela comunidade festeira, em Petrolina de Goiás, os doces são uma prática habitual importante, assim como foi no princípio da fabricação de açúcar no país e o desenvolvimento das receitas doces de nossa culinária. Câmara Cascudo (1983), reflete sobre a tradição do consumo de açúcar no país e seu local de origem da preparação dos doces, em que se constata a valorização das práticas tradicionais. O autor assevera que a doçaria conquista espaço dentro dos conventos portugueses e a maioria das freiras prepara doces sussurrando nomes que eram confissões de pecado, apelos, críticas, murmúrios.

Bolinhos de amor, esquecidos, melindres, paciências, raivas, sonhos, beijos, suspiros, abraços, caladinhos, saudades. E os que traziam aromas de cela mística de freira letrada: beijos de freira, fatias-de-freira, creme-da-abadessa, toucinho do céu, cabelos-de-virgem, papos-de-anjo celestes, queijinho-de-hóstia. Satíricos: barriga de freira, conselheiros, velhotes, orelhas-de-abade, galhofas, lérias, casadinhos, viúvas, jesuítas, arrufadas, sopapos. Cascudo (1983, p. 303).

Todavia existem ainda folias que são servidos cafés da manhã, com todos os tipos de quitandas, biscoitos, bolos, pães, sucos de frutas, garapas, canjicas, frutas da região ou do cerrado são inseridas nesse vasto lanche em que a fartura e quantidade de alimentos oferecidos refletem a socialização dos foliões e do festeiro na ocasião. É costume servir na saída da folia esse lanche todos os anos. No convívio com as cozinheiras, quando estas estão preparando os alimentos, elas descrevem o modo de fazer de cada comida e ainda oferecem para degustação, aqueles alimentos apetitosos, com gostos inigualáveis, são comidas saborosas, feitas com capricho e dedicação.

Conforme Oliveira em (2020, p. 21), analisando as comidas preparadas durante a Festa do Divino em Pirenópolis-GO, descreve a preparação dos alimentos festivos da seguinte forma, vejamos:

Preparavam-se as quitandas para a alvorada, faziam-se os doces de leite e de frutas, ambos guardados em latas, montava-se uma barraca de palha e de bambu no quintal onde eram feitos fogões de barro com largas bocas para o preparo das comidas,

ajeitava-se o quintal deixando tudo limpo, muitas vezes as roçadas e as próprias colheitas eram feitas nos mutirões ou nas traições, momentos também de grande festa e fartura.

Esse preparo relatado na citação anterior é realizado por várias regiões de Goiás, no município de Petrolina de Goiás, também acontece da mesma forma, a qual nas folias é montada uma barraca de bambu no quintal da casa, os fogões são feitos de barro como podemos ver na figura 43.

Figura 43 – Fazenda Barreirão, barraca de bambu



Fonte: Steward (2024).

Essa prática está inserida nas folias de Petrolina de Goiás, está enraizada na memória da população sertaneja, pois a forma de fazer essas comidas tradicionais nos festejos ainda resiste com o tempo. As formas de fazer algumas das etapas ainda permanecem inalteradas, tais como: as formas de cultivar a terra, as formas de preparo são conservadas pelo tempo conforme os ancestrais foram ensinando, e os anciãos da folia estão passando para as suas proles. A simbologia da cultura local persiste diante das modernidades derivadas pelas ruralidades e são transmitidas para as novas gerações.

3.3. A SOCIALIZAÇÃO NA FOLIA: A FARTURA E A PARTILHA

Antes mesmo de a folia começar na roça, deve-se separar um lugar, geralmente um barraco, para se preparar a comida e guardar os mantimentos, já mencionado anteriormente, que serão utilizados na hora da festa, isso é costume de décadas para proteger o alimento a ser servido durante a festa. Essa questão do preparo dos mantimentos será feita por meses antes de começar a folia. A dinâmica será da seguinte forma: os vizinhos, amigos ou parentes vão amparar tanto o dono da festa, como aqueles que servem apenas um café da manhã com ajuda de quitandas e frutas da região. Eles doam fardos de arroz, feijão e carnes variadas como um capado³, ou até mesmo uma rês⁴ bovina. O que sempre é acordado entre festeiros ou foliões que a ajuda para a partilha do alimento será grande, a troca de favores prevalece como um respeito mútuo entre esses integrantes.

Entretanto, o acomodar e o partilhar é se sentir inserido na sociedade campesina, suas lutas diárias não são somente dificuldades, e sim momentos de agradecimento pela comida que será servida. Cada alimento é partilhado com alegria para as celebrações que são momentos de dádiva ao próximo. A Folia de Reis tem como escopo a socialização entre os foliões e aqueles que vão participar dos festejos, com o intuito de que a tradição não se acabe. Mas, a comensalidade é uma forma de sociabilidade que se manifesta quando a comida é compartilhada. Logo, por meio dela, conseguimos acessar como se desenvolvem as redes de sociabilidade e os laços que fortalecem essas relações.

Em Petrolina de Goiás, as ações para o desenvolvimento das folias ocorrem de forma costumeira. O grupo envolvido se move para ajudar com o preparo da folia, tanto na roça como na cidade o ato de servir, doar por dias o trabalho voluntário se mostra como uma característica dessa sociedade comunitária, que ainda sobrevive diante das transformações da contemporaneidade. O ato de cozinhar é um ato voluntário e de certa forma, um compromisso sacro em que mulheres e homens dedicam parte de seu tempo no preparo das inúmeras refeições que são distribuídas aos participantes no período das folias.

Desta forma, fica evidente que nesses momentos de reunião religiosas, reforçam-se laços sociais, de amizade e de pertencimento e que o alimento é “fulcro de sociabilidade”, nas folias em Petrolina de Goiás, estabelecendo uma “rede” de sociabilidades que permite a

³ Suíno castrado e cevado para abate com o fim de produzir banha e carne.

⁴ Animal quadrúpede cuja carne é usada para alimentação humana.

manutenção das Folias de Reis ou do Divino através de seus giros. Para essa análise baseia-se na afirmação de Alain Caillé (1998, p.65), para o qual a rede:

É o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo caso. A única coisa que falta de causas a efeitos nessas análises é reconhecer que essa aliança generalizada que constitui as redes, atualmente como nas sociedades arcaicas, só se cria a partir da aposta da dádiva e da confiança.

Os anfitriões pertencem a um entrecruzamento de relações sociais que se estendem por meio da continuidade de suas devoções aos Santos Reis, ao Divino Pai Eterno, dentre outros. As festas religiosas populares são tradições que compõem a resistência dos povos em defesa de sua cultura e de seus costumes. Para a caracterização dessas festas há que se apresentarem seus componentes estruturais, ou seja, as atividades de caráter religiosas que buscam homenagear os ícones sacros, nas quais há elevação dos festejos nas Folias.

Todavia, como assevera Claval, (2007, p. 79), “a cultura é feita de atitudes e gestos”, para falarmos da vida cotidiana que se compõe de inúmeros gestos, destaca-se a importância de cada labor que irá acarretar até a tarefa final da comida posta à mesa. Entretanto, muitos alimentos estão ali na mesa porque foram plantados, cuidados, irrigados, pelas mãos desses agricultores, que agora fazem os festejos. Assim, até mesmo para escolher a terra que vai ser cultivada, e semeada, cada passo do crescimento demanda tempo e dedicação. Ocorre que o milho ou a mandioca às vezes são plantados no próprio quintal da propriedade rural, sempre de forma manual e simples.

A mesa está posta, para a partilha ser integrada entre todos participantes das folias, primeiramente os embaixadores, os músicos, os foliões de maneira geral, que irão servir, será um trato bem acordado, assim que acaba a cantoria em frente ao altar os donos da casa já convidam para a refeição. De tal modo que, todos os integrantes da folia serão os primeiros a servirem, quando todos já estiverem com o prato na mão, aí sim a comida será servida para a população que aguarda em fila, assim segue os rituais até na hora de comer.

O colorido da comida farta, saborosa, posta à mesa, como prato de macarrão de folia e sua decoração de flores tomates conforme figura 44. As saladas de folhas, de repolho com tomate, também têm seu encanto, o atrativo do forro de mesa xadrez escolhido para aquele festejo, cada item que ali compõem a mesa foi pensado minuciosamente pela dona da festa para servir a refeição.

Figura 44 – A mesa posta e a fartura da Folia do Sindicato Rural



Fonte: Steward (2022).

As comidas vão estabelecer uma série de vínculos aos participantes no decorrer dos festejos. Estão colocadas à mesa para reafirmar uma tradição, um pertencimento à comunidade. A influência que cada alimento vai trazer através dos diversos feitos socioculturais, pois as folias são realizadas para o agradecimento das chuvas, nas lavouras, uma colheita produtiva é sinal de que houve chuva no tempo certo e o gado produziu o leite para o pequeno agricultor manter sua família. Diante disso, a subsistência de várias pessoas vai decorrer da boa produção do leite, da colheita dos cereais, sem esses itens na zona rural tudo fica escasso, causando danos materiais aos trabalhadores e suas famílias.

Ainda nesse quesito, Almeida (2017, p. 12), argumenta sobre a influência do alimento na socialização do indivíduo com a comunidade na qual está inserido; conforme a autora, por meio da comida, acentua-se a função social do alimento na manifestação dos sentimentos que contribuem para socializar os indivíduos como membros de sua comunidade. Neste caso, sua função principal é contribuir na manutenção da estrutura social e, em consequência, do sistema, de forma que o seu valor é mais social que nutritivo e, também, simbólico.

Portanto, nesse ato final dos festejos os rituais e rezas em torno da comida são orações de agradecimento aos donos das casas, sempre com a bandeira da folia representando aquele momento, fazendo louvações aos santos, prestando agradecimentos diante do altar, onde será apresentado os novos festeiros com uma coroação proferindo versos e sons através das cantorias, dando vivas aos festeiros dos anos vindouros.

A fartura de comida é apresentada por mãos generosas, que sabem cuidar de cada item integrado na alimentação, elas dedicam por horas e dias aquela árdua tarefa, sempre com uma expressão de agradecimento e compaixão por poder ofertar o seu labor ao Santo. A fartura de comida é apresentada por mãos generosas. Todavia, cada alimento tem suas influências, através dos diversos feitos socioculturais, que diversificam as formas de fazer de cada região do município. As folias são concretizadas para o agradecimento das colheitas, das chuvas nas lavouras, da água para o gado leiteiro, e com rezas e rituais essas tradições vão passando de geração em geração.

A comida tem poder de integrar, interagir pessoas de diferentes níveis sociais, diferentes culturas associando diante da mesa indivíduos que nunca se viram, mas que se conectam pelo exercício do simbólico ritual apresentados nessas festas. A mesa posta e farta reafirma a tradição, o pertencimento à comunidade. A religiosidade associada nos elementos divinos, conforme destaca Soares (2020, p. 114):

A mesa farta e rodeada por pessoas é uma cena que faz parte do imaginário cristão. Parte do simbolismo das celebrações católicas traz consigo elementos que apontam para a linha tênue que separa a comida do que pertence à esfera divina. O primeiro milagre de Jesus Cristo, a transformação da água em vinho nas bodas de Caná; a multiplicação de pães e peixes; e a última ceia são apenas alguns dos exemplos em que a partilha dos alimentos esteve associada a elementos divinos. Essa perspectiva ganha adensamento quando pensamos no modo como a liturgia cristã incentiva os fiéis a seguirem os passos de Jesus, fazendo com que, especialmente nas festas populares, a partilha seja um momento de congregação entre os devotos e de fortalecimento de vínculos.

Essa mesa está posta com os itens variados da comida de folia, a mandioca, a farofa de jiló, o macarrão, as almôndegas, que nunca faltam em folias de Petrolina de Goiás, arroz branco, tutu de feijão, a salada de repolho com tomate, o feijão de caldo, a carne frita, conforme figura 45.

Figura 45 – A fartura da comida na folia de Reis



Fonte: Steward (2024).

O cheiro, o gosto, o sentir, olhar para aquele colorido que transborda sentimentos de labor e o modo de preparar a comida vai se compondo de acordo com que cada grupo específico da folia, pois é bem peculiar a cada folia um novo aprendizado na cozinha, os rituais fazem parte do contexto. Nas folias os pousos e almoços vão ser acontecimentos para que todos fiquem mais próximos ´principalmente aqueles que cuidam das cozinhas, assim como nas casas em que são preparados os alimentos nesse sentido, Passos (2002, p. 185), afirma que:

As festas religiosas têm um cunho social com música, canto, fogos de artifício. Expressão de alegria e de vida. Prevaecem os sentidos, o sentimento, o desejo, a expressão dos corpos. Assim, a religião e a expressão de arte se confundem. Evocam ao invés de impor, simbolizam ao invés de sinalizar. Não se baseiam, do que vem antes, em conhecimentos. Predomina o motivo comunitário, a participação de todos, o que reforça o espírito comunitário.

Esse espírito comunitário abordado pelo autor supracitado, fica evidenciado na dinâmica de preparação da comida de folia, como já dito anteriormente. A comida é preparada por dias e semanas que antecedem o pouso, como ocorreu na Folia de Reis em Petrolina de Goiás, em janeiro de 2024, no pesque-pague da rodovia GO-030. Lá ocorreu uma grande quantidade de pessoas para fazer advir a festa, um mutirão. Esses mutirões são compostos de amigos ou parentes do dono da festa. É importante destacar que as pessoas estão ali para ajudar, ou pagar alguma promessa, pois a comida é muito farta. Essa é uma das folias mais distintas da cidade, seus giros percorrem a área urbana e as adjacências como o pesque pague, dentre outros recintos, refletindo a grandiosa devoção dos Santos Reis no município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

MÃOS, INSTRUMENTOS DO LABOR

As mãos calejadas que tocam instrumentos nas folias,
são aquelas mãos que já plantaram e colheram e que agora,
espalham sentimentos de vida e de labor,
mãos que abordam nas toadas dos versos e rimas,
mãos que já não trabalham como antes,
mãos que não tem a mesma esperteza de outrora,
mãos que não se assossegam e que estimulam os novos tons,
nos acordes das festas, que são instrumentos de coragem,
que perduram desafios de vida e de labor.

Ao considerar as cores, os sabores, os trajetos, as toadas da festa algo bem agradável, pois foram percursos que despertou não somente o sentimento da devoção, mas a solidariedade no decorrer da festa. Essa solidariedade se faz no preparo da comida quando todos podem ajudar no feitiço dos doces, das carnes, no abate dos animais, um preparo que pode ser considerado um prenúncio da festa. A participação com os grupos de cozinha foi um processo bem importante para entender a comensalidade e servir como um amplo campo de pesquisa e de interação entre as pessoas.

Contudo a dádiva e a fartura da comida também estão bem evidentes dentro da festa, ela vem acontecendo por meio de trocas, mas também com a ajuda das pessoas que fazem promessas aos santos, a sociabilidade está bem latente, com pessoas que se colocam para ajudar também de forma financeira. A pesquisa sobre a cultura popular despertou a curiosidade de estar presente no espaço, em um território até então desconhecido. Os encantos de uma folia foram desafiadores, mas, contudo, extremamente prazerosos. As festas populares são elementos singulares na cultura de um povo.

A origem das folias no município foi devido a famílias mineiras trazerem seus costumes sua religiosidade, que foram sendo abarcadas pelos moradores locais e conseqüentemente no decorrer dos anos foi passada para as gerações futuras, com seus valores e devoções religiosas, que, ainda perduram nesses filhos, que tem orgulho de falar de sua ascendência.

No início da pesquisa, acreditava que somente os mais velhos sabiam dos trajetos, das músicas, da simbologia e poderiam contribuir, no entanto foi um ledô engano, pois no decorrer do percurso percebi que a sociedade está inserida na festa, tanto jovens quanto os mais velhos, são inúmeros jovens que entendem de folia e sabem narrar as performances que ali acontecem. Todavia as folias do município de Petrolina de Goiás têm formas, cores e interesses

distintos, a Folia do Sindicato tem um aspecto mais político, isto está muito nítido, já as outras têm um cunho familiar, pois seguem uma tradição de família, como na região da fazenda Boa Vista, Cachoeira, Barreirão e Samambaia.

As demais folias têm outras características, como de terem sido passadas de pai para filho como a Folia de Reis da Fazenda Barreirão ou a Folia de Reis da Fazenda Cachoeira onde rezam pelos mortos daquela região de fazenda e da família que começou com ela há mais de trinta anos.

A Folia da Fazenda Samambaia também reza para os enfermos colocando fotos nas bandeiras, pois lá possuem dois “galhos” de bandeiras. Assim cada folia vai tendo a sua própria história, sua forma de toadas, pois a da fazenda Samambaia a toada é goiana, e no Barreirão é mineira. A folia é reinventada, mas também está enraizada no passado, por seus ancestrais que ensinaram as músicas, as toadas, os terços e os rituais.

Participar como pesquisadora me deixou alinhada com um novo mundo, o das crenças, das rezas, das cantorias, da dádiva ao próximo, mas principalmente me fez conhecer a sonoridade, a musicalidade, com que cada folia foi construindo no decorrer desse percurso. A folia desperta a cultura musical, a tradição e a educação para os novos aprendizes das embaixadas. Pois os giros com foliões fizeram com que a interpretação de uma folia, fosse de forma singular, entendesse melhor as lutas e os anseios daquele povo campesino.

Durante a pesquisa foi constatado que as folias no município de Petrolina de Goiás têm relevância cultural é uma espécie de memória que irá reverberar ao longo dos giros. Pois a tradição e a devoção daqueles que participam tanto como foliões, como músicos, embaixadores, festeiros, cozinheiros, são renovados a cada ano como uma missão de estar ali naquele circuito. No entanto, a grande maioria dos participantes e foliões são lavradores e deixam todos os afazeres de trabalho a lida na roça, para acompanhar os giros, pois a folia tem esse viés de se comunicar da roça para cidade.

O objetivo da pesquisa foi alcançado, através de um percurso longo pois girou-se em várias folias, bem como ocorreu a participação direta e indireta nos preparativos que antecedem a folia, como nos momentos de giros. A festa atrai vários sujeitos tanto dentro do município como de cidades vizinhas. O aprendizado não é apenas nos dias, na gastronomia da festa, ou nos giros com os foliões. Esse momento de saberes construídos dentro do universo campesino com os foliões, que são trabalhadores rurais, que fazem suas trocas de trabalho, sua musicalidade que passa os sons de toadas agora conhecidas pela sonoridade de cada ritual.

Todavia, o convívio com os foliões que gerem os festejos com petítórios de café da manhã, almoço e pousos. Destarte a preparação e a socialização do alimento são uma ação simbólica de comunhão daqueles participantes. Apesar de inúmeras modificações ocorrerem ao longo dos tempos, as folias de Reis nas Fazendas, do município de Petrolina de Goiás, ainda guardam os elementos simbólicos tradicionais, por mais que tenham sofrido modificações ao longo dos tempos. Constatou-se que a devoção, a fé fortalece os laços entre os participantes.

Diante disso, para que “a festa não se acabe” alguns embaixadores relatam a sua preocupação, que a festa pode deixar de existir, por falta de seus filhos e netos se interessarem ou serem adeptos a tocar algum instrumento. No entanto o vínculo de várias pessoas jovens em participar vem crescendo gradativamente, são novos foliões com outras perspectivas, outra visão de mundo, mas que anseiam em dar continuidade nas folias da região de fazenda onde tem algum vínculo. Ademais, a folia do sindicato veio romper com vários estigmas deixando o poder político bem em evidência nessa celebração, principalmente, se for observado o ano eleitoral, a política vai fluir em um sentido mais forte, dentro dos festejos.

A folia do Divino Pai Eterno ou do Sindicato Rural foi iniciada dentro de uma instituição laica, mas seus associados abarcaram essa festa. A devoção por essa folia foi imensa, pois mesmo em tempo de pandemia ela não se findou, mas se fortaleceu. As festas têm poderes que resistem há várias situações, como a pandemia, por exemplo. Deixou lastros, mas resistiu, assim sendo o movimento leva a festa do possível, mediante as falhas do sujeito, sendo que a festa vai tornando possível mesmo com várias mudanças no decorrer dos anos.

Um povo que resiste há vários cenários de pandemia, de luto e tantas outras mazelas, portanto o movimento induz a festa do possível mediante a tantas barreiras com as quais os sujeitos atravessaram. A festa é um movimento materializado pelas ações humanas, sendo que a sociedade campesina principalmente se movimenta em prol desse acontecimento, pois a vontade de servir e agradecer aos santos a sua colheita, o seu pasto verde e repleto de gado, se destaca dentro da fé e tradição.

Ademais, as festas de folias no município despertam a atenção, não apenas dos moradores locais, mas também das cidades vizinhas. Atualmente quando uma festa vai acontecer já são divulgados até mesmo os cantores sertanejos que irão cantar depois da janta. Desta feita, a festa comunga-se com o tempo e com espaço. Será que a festa de Trindade – GO é a mesma de trinta anos atrás, ela tem os mesmos elementos, muita coisa dentro dela gerou mudanças, ou não?

No entanto, a festa não deixou de ser festa da Trindade onde os milhões de devotos vão peregrinar na estrada, saindo de todas as partes do interior do estado de Goiás. Pois a folia do Divino Pai Eterno do Sindicato Rural ocorreu devido a devoção das novenas do carro de boi dos devotos do Pai Eterno.

Diante da pesquisa até aqui realizada, salienta-se que não se esgotou essa temática de estudo das Folias no município de Petrolina de Goiás, são muitos outros aspectos relevantes, que ainda podem ser pesquisados, como as toadas dentro de cada folia, os sons que cada embaixador ou chefe de folia podem informar os percursos das fazendas a sua plantação ou o cuidado com o gado e as rezas em cada pouso. Portanto, os foliões vão mantendo os laços identitários pelo curso dos tempos pelos caminhos percorridos, vão estabelecendo uma teia de sociabilidade, essa construção vai se tornando, a cada trajeto, mais sólida.

Desta feita, a resistência desses devotos ainda perdura por muitos anos, embora tenham passado por modificações ao longo dos tempos. No entanto, ainda guardam os elementos simbólicos e as crenças populares, dentro do mundo campesino. Tecendo sobre como a festa é vivida e gerida de forma heterogênea nas relações e sentimentos. São essas relações de tempo e espaço que as redes sociais vão estabelecendo teias importantes para a formação cultural da sociedade atual no município.

AGRADECIMENTOS E LOUVORES

Aos donos da casa.
Aos foliões e mestres de folia,
Aos Santos Reis e
Divino Pai Eterno,
Que nos conduz até outra morada e
Aos queridos foliões de minha terra venerada!
Muito obrigada por me mostrar
Esse caminho de saberes,
De histórias e de acontecimentos,
Por um caminho intrépido nas linhas da vida.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Mônica Chaves. Saberes e sabores: tradições culturais populares do interior de Minas e de Goiás. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 54, p. 125-158, jan./ jun., 2011. <https://doi.org/10.5380/his.v54i1.25743>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/25743>. Acesso em: 10 out. 2022
- AGUIAR, Vilena Venancio Porto. Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 15, p. 262-265, 2016. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p261>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p261>. Acesso em: 19 out. 2022
- ALMEIDA, Itamara; JESUS, Cleidineide Pereira de. Feminismo camponês e popular: uma abordagem antirracista. In: MEZADRI, Adriana Maria et al (orgs.). **Feminismo camponês popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas**. São Paulo: Expressão Popular: 2020.
- ALMEIDA, Maria Geralda de (org.). **Tantos cerrados: múltiplas abordagens sobre as biodiversidades e singularidade cultural**. Goiânia. Editora Vieira, 2005.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Para além das crenças sobre alimentos, comidas e sabores da natureza. **Mercator**, Fortaleza, v.16, p. 1-13, fev., 2017. <https://doi.org/10.4215/rm2017.e16006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/fWy6NkfJLCgLTkk7q3r3fCj/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2022.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. XV, n. 918, abr., 2011. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm>. Acesso em: 5 mar. 2022.
- ALVES, Aroldo Cândido. Folia de Reis: Tradição e Identidade em Goiás. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, 2, 2009, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, p. 1-11. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/IISPHist09_AroldoCand.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.
- AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 13-21, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/4467/3867>. Acesso em: 1 ago. 2016.
- ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- ARRAIS, Cristiano Alencar; OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de; ARRAIS, Tadeus Alencar (orgs.). **O Século XX em Goiás: o advento da modernização**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Ed. Vieira, 2004.

AWARD, P.; COVENEY, J.; HENDERSON, J. **A sociology of food and eating: Why now?** Journal of Sociology, v. 46, p. 347-351, 2010.

BARBO, Lenora de Castro. **Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás.** Jundiá: Paco Editorial, 2021.

BAUDEL WANDERLEY, Maria de Nazareth. O Lugar dos Rurais: o meio rural no Brasil moderno. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1997, Caxambu. **Anais [...].** Caxambu: Universidade Federal de Minas Gerais, p.1-12.

BOAVENTURA, de Sousa Santos. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 48, p. 11-32, jun.,1997. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5191645/mod_resource/content/2/SANTOS%2C%20Boaventura%20de%20Sousa.%20Por%20uma%20concep%C3%A7%C3%A3o%20multicultural%20de%20direitos%20humanos.pdf. Acesso em: 1 ago. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos.** 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Justiça e direitos: a construção da igualdade da In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). **Cidadania um projeto em construção: minorias, justiça e direitos.** São Paulo: Claro Enigma, 2012, p. 24-39.

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.** 3 ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás.** Goiânia: Ed. Oriente, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas.** Petrópolis: Vozes, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Campesinato Goiano.** Goiânia: Editora UFG, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura da Rua.** Campinas: Editora Papirus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta em várias mãos: a experiência da partilha na educação.** São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Orar com o Corpo: preceitos e preces para os gestos das horas do dia.** Goiânia: Ed. UCG, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás.** Goiânia: Editora UFG, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia: festa e romaria.** Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 3. ed. Editora Unisinos, São Leopoldo, 2003.

CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 5-38, out., 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000300001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/rCVcmqHMNbkdXDzFhwyJtyR/>. Acesso em: 6 dez. 2022.

CÂMARA CASCUDO, Luís. **História da alimentação no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Global, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre azul, 2010.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade**: uma história da alimentação. n. 7. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CARTILHA DAS MARGARIDAS 2019. **Margaridas na luta por um Brasil com sabedoria popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência**. Disponível em: http://www.contag.org.br/imagens/ctg_file_350653567_24012019145732pdf. Acesso em: 10 jan. de 2024.

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 59-97.

CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 20 jan. 2023.

CORALINA, Cora. **Meu Livro de Cordel**. São Paulo: Global, 1994.

COSTA, Vicente Paranaíba. **Petrolina de Goiás**: dados históricos. Anápolis: Labor, 1996.

CURADO, João Guilherme da Trindade; SILVA, Erick Tavares; BRAZUNA, Izabel. Verônicas: O doce sabor do Espírito Santo em Pirenópolis - Goiás. In: SILVA, Ademir Luiz; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira (orgs.). **No rastro da bandeira**: terços, festas e folias. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2017, p. 27-40.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e Identidade religiosa**: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade - GO. São Paulo: Paco Editorial, 2014.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; BATISTA, Ondimar. Idas e Vindas nos Giros das Folias que unem Religiosidade, Cultura Popular e Sociabilidade. In: Ademir Luiz da Silva; Eliézer

Cardoso de Oliveira. (orgs). **Saberes e Modernização no Cerrado**. Goiânia: Ed. da PUC-Goiás, 2015, p. 73-84.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais malandros e herois: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DA MATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural**. Petrópolis: Vozes, 1973.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1986.

DORIA, Carlos Alberto. A sociologia da culinária brasileira de uma perspectiva materialista, **INTER-LEGERE: Revista de Ciências Sociais da UFRN**, Natal, v. 2, n. 25, 2019. <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2019v2n25ID18350>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/18350>. Acesso em: 19 ago. 2021.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

ESCOBAR, Arturo. **Lugar da natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento**. Cidade Autônoma de Buenos Aires, 2005.

FAVARO, Jean Filipe; CORONA, Hieda Pagliosa. O campesinato na modernidade: aspectos microsociais, continuidades e resistência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 8, 2017, Santa Cruz do Sul. **Anais [...]**. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, s./p.

FERREIRA, Marina Rossi. **Degustando lembranças: os sabores e a conformação de vínculo com o lugar**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

FRANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. 3. ed. São Paulo: Liberdade, 1998.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **A solidão da América Latina (1982)**. Eu não vim fazer um discurso. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Antony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOMES, Orieste; NETO, Antônio Teixeira; BARBOSA, Altair Sales (orgs.). **Geografia: Goiás-Tocantins**. 2. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez., 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 20 fev. 2022.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **IMB**. 2022. Disponível em: <https://goias.gov.br/imb/o-instituto/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

LAMARCHE, Hughes. **A agricultura familiar: comparação internacional**. São Paulo: UNICAMP, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas I - O cru e o cozido**. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 2004.

MACHADO, José Henrique Rodrigues. **As performances das Folias de Reis e suas clivagens no campo e na cidade no município de Morrinhos/GO**. 2023. Tese (Doutorado em Performances Culturais) – Programa de Pós-Graduação Performances Culturais, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/d1e21631-2e7a-45da-a84f-6ac34098adcf/content>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MACIEL, Maria Eunice. Identidade Cultural e alimentação. In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. **Antropologia e Nutrição: um Diálogo Possível**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p. 49-56.

MARQUES, Luana Moreira. **A festa em nós: Fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no distrito de Martinésia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16140>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares com objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n.3, p. 7-26, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/33822>. Acesso em: 20 maio 2022.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago., 2004. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/>. Acesso em: 8 set. 2023.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1950.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma teoria geral da magia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. **A força dos laços de proximidade na tradição e inovação no/do território sergipano das fabriquetas de queijo**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Sergipe, Sergipe, 2009. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5474>. Acesso em: 8 set. 2023.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Comida: identidade, tradição e cultura enraizada nas manifestações do catolicismo em Sergipe. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, p. 274-289, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/28124/17143>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; CRUZ, Fabiana Thomé da. Estreitando o diálogo entre alimentos, tradição, cultura e consumo. São Cristóvão: Ed. UFS, 2017.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça et al. **A memória do sabor e o sabor da memória: práticas alimentares, saberes, tradição e segurança alimentar**. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.

MINTZ, Sidney. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31- 41, out., 2001. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300002>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/tbHWcbmyDz8N59zqkZX7zsS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura**. Tradução de Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MOREYRA, Yara. De Folias, de Reis e de Folia de Reis. **Revista Goiana de Artes**, Goiânia, v. 2, n. 4, p.135-172, jul./dez., 1983.

MOURA, Larissa Geórgia Bráulio; DOULA, Sheila Maria. Aprendendo com os mais velhos e ensinando para os mais jovens: fé e pedagogia do catolicismo popular - Resenha. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 32, v.1, p. 227-242, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/SYQzmjtMcrFDcdwBjMwwGrB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2022.

OLIVEIRA, Alexandre Francisco de. **Cozinhar e festejar: os sabores do Divino na Festa de Pirenópolis, Goiás**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Unidade Universitária de Anápolis – Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2022. Disponível em: <https://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/400>. Acesso em: 10 out. 2022.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A geografia das lutas no campo**. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A longa Marcha do Campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 185-206, set./dez., 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/H7WMxZswgv6zR6MZJx5DHCm/?format=pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ORTENCIO, Bariani. **A Cozinha Goiana (Conceitual e Receituário)**. 8. ed. Goiânia: Kelps, 2013.

PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PELÁ, Márcia; CARVALHO, Denis (orgs). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Editora Vieira, 2010.

PEREIRA, Luzimar Paulo. **Os Giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuaia, MG**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

PESSOA, Jadir de Moraes; FELIX, Madeleine. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. Saberes em festa. In: PESSOA, Jadir de Moraes. **Gosto de Ensinar e Aprender na cultura Popular**. Goiânia: UCG; KELPS, 2009, p. 240-249.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Cidadania no Brasil: história da cidadania**. São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 469-515.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio, estudos históricos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 27 set. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 27 set. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia: novos rumos. **Novos rumos**, Marília, v. 17, n. 37, p.1-25, 2002. <https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2192>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2192>. Acesso em: 29 set. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidade. **Perú Indígena**, Lima, v.12, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 29 set. 2023

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios outros mapas. **OSAL - Observatório Social de América Latina**, ano VI, n. 16, p. 263-272, jan.-abr., 2005. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20110312110651/33TRibeiro.pdf>. Acesso em: 29 set. 2023

RIBEIRO, Maria Cristina Campos. **Mutirões Camponeses: trabalho, devoção e festa em Pirenópolis, Goiás**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Unidade Universitária de Anápolis – Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018. Disponível em: <https://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/1039>. Acesso em: 10 out. 2022.

SABOURIN, Eric. Práticas sociais, políticas públicas e valores humanos. In: SCHNEIDER, Sérgio (Org.). **A diversidade da agricultura familiar: desenvolvimento rural, atores, instituições e políticas públicas**. Porto Alegre: Editora da UFRG, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth Iara. **A mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAINT- HILAIRE. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte, ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Milton. O Retorno do Território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p. 15-20.

SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, v. XIII, n. 2, p.15-26, 1999.

SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. **Movimentos Sociais e Geografia: sobre a(s) espacialidades da ação social**. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 48, p.1-11, jun., 1997. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/gVYtTs3QQ33f63sjRR8ZDgp#>. Acesso em: 10 out. 2022.

SCARANO, Julita. **Fé e milagre: ex-votos pintados em madeira - séculos XVIII e XIX**. São Paulo: USP, 2004.

SCHIFFLER, Michele Freire. **Literatura oral e performance: a identidade e a ancestralidade no ticumbi de Conceição da Barra, ES**. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/c93d9708-5ce2-4dd4-87d4-d0f60b21ee54>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Luís Sérgio Duarte da. (org.). **Relações cidade-campo: fronteira**. Goiânia: Ed. UFG, 2000.

SILVA, Washington Maciel da. **Representação e Memória Cultural da Folia de Reis no Município de Rio Verde - GO**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/2243?mode=full>. Acesso em: 16 maio 2022.

SILVA, José Natan Gonçalves da. **Reconfiguração do espaço rural de Porto da Folha/SE: inovações socioprodutivas e ruralidades**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5521>. Acesso em: 16 de maio de 2022.

SILVA, Paulo Adriano Santos. **Transformações na organização produtiva da agricultura camponesa: uma análise dos produtores de abacaxi do estado de Sergipe**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5536>. Acesso em: 20 maio 2022.

SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século 21 - A história de um livro**. ACTA Geográfica, Ed. Esp. Cidades na Amazônia Brasileira, 2011.

SOARES, Denise Rodrigues. **Vidas foliãs: comunicações, sociabilidades dispositivas interacionais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Visual) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/3417d4fd-275f-4a4a-b7e0-2531e93a4361/full>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. Devoção e resistência: as táticas dos anfitriões da Folia de Reis na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. **Revista de Antropologia**, Niterói, n. 3, v. 63, p. 1-21, 2020. <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2020.178857>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/cbJ3fwwPp4DmJbcFnPLqqdQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. Os Giros Urbanos em ensaio fotográfico: os deslocamentos rituais das Foliás de Reis na Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro. **Campos**, Curitiba, v. 21, n. 2 p. 189-201, jul./dez., 2020. <https://doi.org/10.5380/cra.v21i2.75844>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/75844>. Acesso em: 12 jan. 2021.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VEIGA, Felipe Berocan. **A Folia do Divino: devoção e diversão na festa do Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

VEYNE, Paul. Do império romano ao ano mil. In: DUBY, George. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia de Letras, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.